

PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 5, Março, 2004

Grossos

P
(05)-RN

MAR - 2004 - Nº 5

o da Terra
ção sobre

O tesouro da Rua Henry Kostner
Santa Cruz - cidade de todas as artes

Entrevista: Crispiniano Neto
O sortilégio das águas

CIRCUITO CULTURAL BANCO DO BRASIL



a arte passa por aqui



PRÊMIO **HANGAR** DE MÚSICA

www.premiohangar.com





A escritora e jornalista Anna Maria fala sobre o pai Luís da Câmara Cascudo.

O Governo do Estado, através da FJA, inaugura a quarta Casa de Cultura Popular.



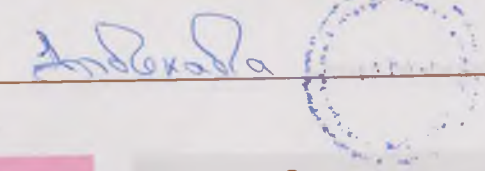
O cineasta Sindoval Aguiar escreve sobre "Poética das águas", de Candinha Bezerra e Moacyr Cirne.

O poeta Carlos Gurgel se debruça sobre as obras dos poetas Miguel Cirillo, Milton Siqueira e Walflan Queiróz.



O professor de Filosofia da UFRN Rainer Patriota escreve ensaio sobre sebos.

A palavra da casa	5
Expediente/Cartas	6
Câmara Cascudo, meu pai	8
13 por 1	13
Quando a porta de entrada virou porta lateral	14
O tesouro da rua Henry Kostner	16
O sortilégio das águas	20
Edson Guedes de Moraes: um artista continente	24
Sobrado da Baronesa abriga Casa de Cultura	26
Das reprises	28
Escritura Potiguar	29
A poética das águas	33
Atendendo ao chamado da poesia	34
Milton, Cirillo e Walflan - A poesia dos três	38
Personagens de nós mesmos	40
A residência na terra de Maria Eugênia Montenegro	42
Um rebelde refinado	44
"Os Brutos": (con)tradição e modernidade	46
Grossos: segredos entre mangues e salinas	49
Sebo: um comércio peculiar	60
Entrevista: Crispiniano Neto	63
Santa Cruz: a cidade de todas as artes	73
Hilda Hilst	83
PS	84



A palavra da casa

François Silvestre

A palavra é o mais completo e sofisticado elemento da linguagem. Entenda-se linguagem aqui no sentido amplo de qualquer manifestação da comunicação possível. Que se realiza na pintura, desde a rupestre, no teatro, na música, na escultura, na arquitetura ou na escrita.

O que nos diferencia da irracionalidade não é a comunicação. Os irracionais se comunicam. O que nos distingue é a linguagem. E a palavra é o ponto culminante da linguagem. É ela que dá forma à compreensão da linguagem artística.

Sem a linguagem, o ser humano teria um destino inevitável que o levaria da loucura à destruição. E sem a palavra, a linguagem seria um corpo sem cabeça.

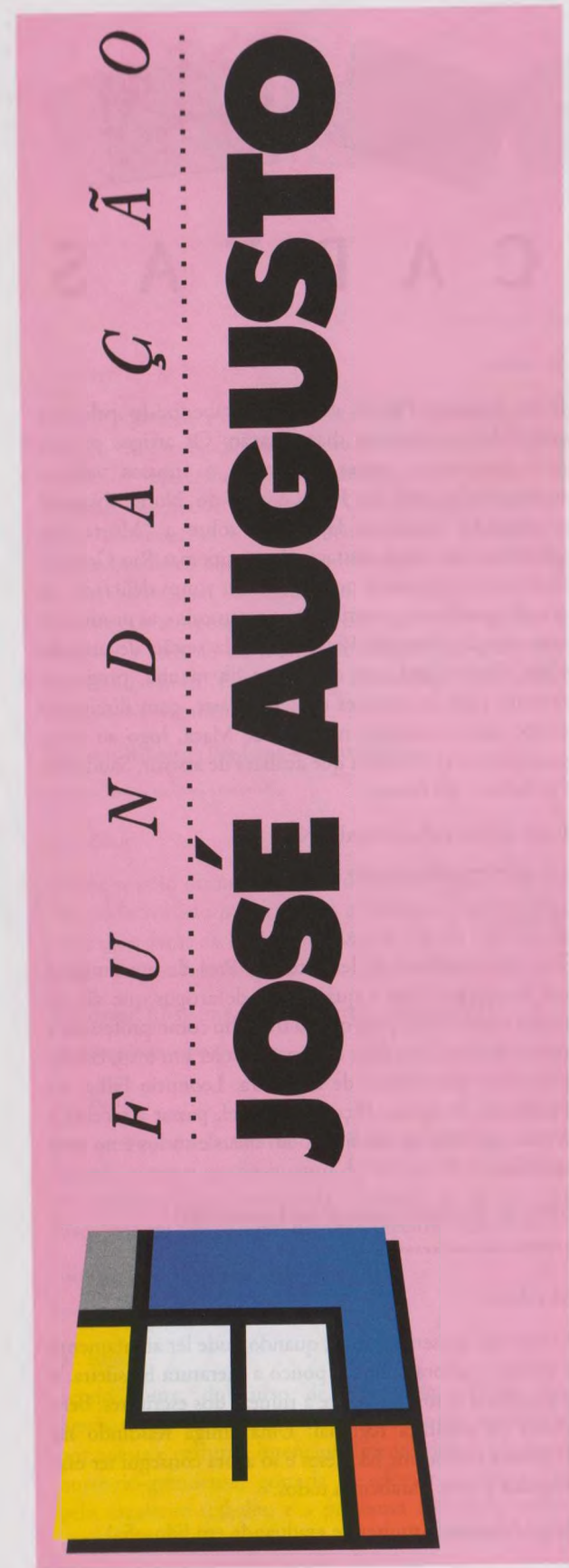
A loucura a que me refiro aqui não é a "loucura" da criatividade artística. Uma é a bendita loucura do criar. Outra é a loucura caótica da não compreensão. A primeira é a negação da segunda. Uma dialética de fácil entendimento que vai além das conceituações semânticas. Até porque a palavra rompe a cerca dos limites adâmicos e cria vida própria, revendo e refazendo definições e alcances.

E a cultura, palavra de múltiplos sentidos e significados, acaba sendo a sublimação da linguagem. O objeto cultural, seja artístico ou funcional, é o leito do rio onde corre a criatividade e a vida espiritual do ser humano. Quer seja individual ou socialmente considerado.

O livro, o copo, a camisa, a capinadeira, o tablado, em suma, são todos objetos culturais. Até a moeda, escassa e difícil para a cultura, é um objeto cultural. Mesmo que alguns só consigam produzir a "linguagem" da moeda no uso utilitário do reles econômico. Quando a própria economia não é mais do que um determinante cultural de dominação. Ou de formação produtiva da sociedade. Mas essa é outra linguagem.

O objeto da Préá é a cultura do nosso povo. O centro do universo, para mim, é o Rio Grande do Norte. Mais precisamente em Cajuais da Serra. Não sofro de complexo de inferioridade. Basta-me o povo de que faço parte e completa-me a cultura que ele produz.

O tempo não é de apreciar o pôr-do-sol no Potengi. O tempo agora é de salvar o Potengi, para que o sol tenha onde se pôr. ☐



FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120
Fone/fax: (84) 232.5327/232.5352

Governadora:

Wilma Maria de Faria

Presidente:

François Silvestre de Alencar

Diretor:

Laércio Bezerra de Melo

PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE

ISSN 1679-4176

ANO II Nº 5

MARÇO/2004

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE:

TRIMESTRAL

EDITOR:

TÁCITO COSTA

tacito@fiern.org.br

EDITOR ASSISTENTE:

GUSTAVO PORPINO

gporpino@hotmail.com

PROJETO GRÁFICO E

DIAGRAMAÇÃO:

LUCIO MASAACKI

infinitaimage@bol.com.br

ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO:

CAROLINA MAYER

REVISOR:

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

FOTO DA CAPA:

ANCHIETA XAVIER

A Preá está na Internet: www.fja.rn.gov.br



CARTAS

Sr. editor

Estou lendo a Préa 4 e quero parabenizá-lo pelo seu conteúdo e primorosa diagramação. Os artigos servem para preservar a nossa cultura e os nossos valores, mostrando a cara do Rio Grande do Norte. Notável o artigo de Anchieta Fernandes sobre a "Morte dos Cinemas" em Natal, destacando os cinemas Rio Grande, Nordeste e Poty, onde nos seus *écrans* vimos deliciados as grandes produções americanas, os musicais e as produções francesas da *Nouvelle Vague*, além da sessão de arte do Cine Clube Tirol, aos domingos de manhã, programa favorito para os amantes da sétima arte, com direito ao chope com os amigos na Casa de Maçã, logo ao lado, para comentar o filme a que acabara de assistir. Saudades! Parabéns e, em frente!

Israel de Carvalho (Natal-RN)

Sr. editor

Tive oportunidade de ler a revista Préa de um amigo e me surpreendi com a quantidade de artigos que são de muita importância para o meu trabalho como professora e coordenadora. Sem falar do prazer em ler um texto escrito pelo meu ex-professor de literatura, Leontino Filho, na Faculdade de Letras. Peço, se possível, passar a receber a revista, pois ela irá me ajudar em meus estudos e no meu trabalho.

Sílvia de Andrade Castro (Luís Gomes-RN)

Sr. editor

Estupendo presente o meu, quando pude ler atentamente a revista, embora conheça pouco a literatura brasileira, a experiência já foi fascinante a riqueza dos escritores, bem como da escritura regional. Uma amiga residindo no Nordeste enviou-me há meses e só agora consegui ter esse singular prazer. Parabéns a todos.

Jorge Mendes (Arquiteto e graduando em Filosofia)



Gustavo

Tive o prazer de receber a revista Préa. Achei um ótimo veículo de divulgação da cultura potiguar, além de uma excelente referência dos acontecimentos culturais de interesse do público natalense. Os teus artigos também estão interessantes e muito bem escritos. Mostrei pra turma brasileira aqui e eles todos concordaram comigo no excelente nível da publicação. A lista dos 220 filmes de todos os tempos, compilada por um crítico natalense, chamou a atenção da Dorian, a minha filha mais velha que está fazendo "Film and TV Production", na Griffith University. Parabéns.

Jackson Ribeiro (Brisbane - Austrália)

Sr. editor

Parabéns pelo ótimo conteúdo da revista Préa. Com um conteúdo voltado para as letras e literatura vocês tornam essas duas áreas de fácil compreensão. Gostaria muito de poder receber suas edições.

Kleidston Richelmy Carlos (Currais Novos-RN)

Sr. editor

Sou professora de Cultura do RN, da rede pública de ensino, e tomei conhecimento da Revista Préa já em seu 3º número. Fiquei encantada. Gostaria de saber o que fazer para ter acesso a um bem tão precioso como este.

Gitana Leão de Sousa (Ipueira-RN)

Sr. editor

Sendo aluna, do curso de Letras da UFRN, mais precisamente do Campus de Currais Novos, apaixonada por poesia e cultura e intencionalmente viciada em poesia norte-rio-grandense, gostaria de elogiar a revista Préa pelo excelente trabalho e a prazerosa leitura de autores do Estado. Digo porque pude ler os exemplares 1 e 3 da

revista e desde então estou encantada. Gostaria de saber o que é preciso fazer para adquirir os exemplares futuros desta revista. Aproveitando a oportunidade, gostaria de perguntar por que o Campus de Currais Novos não tem acesso a esta excelente revista, tão cobiçada por seus alunos de Letras. Afinal, esta cidade, na qual nasci e me orgulho de morar, foi berço do grande poeta Luís Carlos Guimarães, nosso grande e incomparável poeta, o eterno boêmio e morada de Zila Mamede, o mito feminino da poesia norte-rio-grandense.

Luziani Guimarães (Currais Novos-RN)

Sr. editor

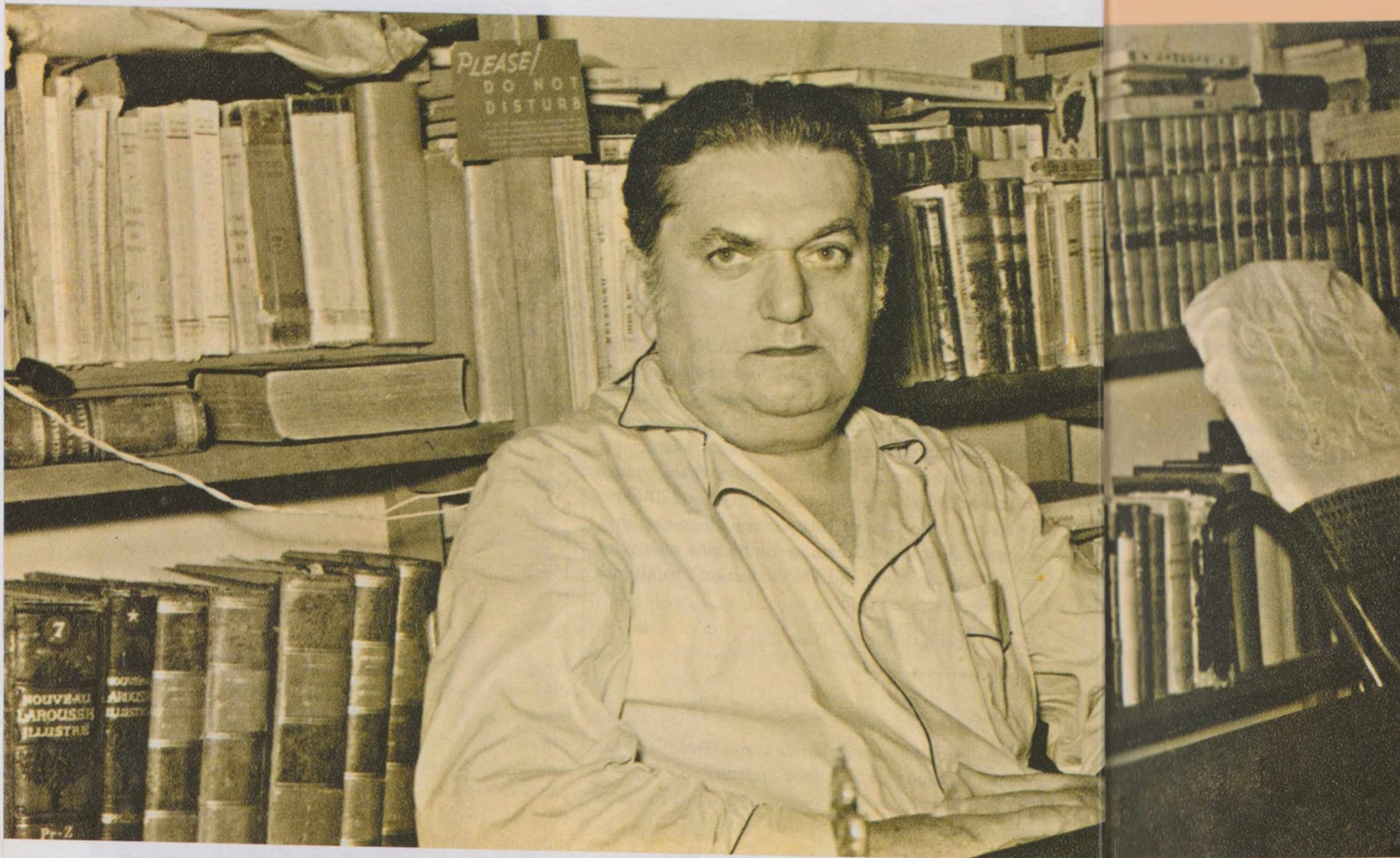
Recebi aqui em Portugal, a dez mil quilômetros de distância, o melhor presente deste ano que começa. O exemplar nº 4 da Revista de Cultura PREÁ. Apresentação gráfica de primeiríssimo bom gosto e qualidade. E, o que é ainda muito mais importante, com um ótimo conteúdo cultural. Gostaria de destacar a matéria do Gustavo Porpino "Negros do Rosário" e a magnífica entrevista que você, o Gustavo e o François fizeram com o Vicente Serejo. Parabéns a todos. Depois de 45 anos escrevendo no Brasil, posso dizer-lhe sem o menor receio de errar: se todos os estados editassem revistas como a PREÁ, pode ficar certo que a cultura brasileira seria outra.

Cunha de Leiradella

Sr. editor

Conheci a revista Préa através de um aluno potiguar que estuda na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Gostaria de receber gratuitamente em minha casa essa importante publicação do Estado do Rio Grande do Norte. Venho usando a revista para mostrar aos estudantes como fazer um jornalismo cultural de qualidade e que se valorize a identidade cultural da região através da cultura popular.

Prof. Carlos Azevedo (Campina Grande-PB)



Cascudo em sua biblioteca

Câmara Cascudo, meu pai

Anna Maria Cascudo Barreto
(Procuradora de Justiça, jornalista e escritora)
Fotos: acervo da família

Parece pouco tempo atrás. Tinha tranças negras e compridas, olhos enormes, era magrela e morena, para desgosto da mamãe, que sonhava filha alta, loura, branquinha, gorda e vistosa. Papai me levava pela mão aos locais onde aconteciam apresentações de cultura popular, indiferente à opinião familiar, que considerava a presença de uma "menina de família" altamente imprópria nesses lugares. Era no contato com a massa, com o povo em todas as suas manifestações, que ele mais se realizava.

Assim, aprendi a cantar e dançar pastoril, lapinha, alguns autos do bumba-meu-boi, e da nau catarineta; xotes, xaxados, polcas e valsas, na Sociedade de Danças Antigas e Semidesaparecidas - Araruna - e até em forrós-de-chão-batido.

Sabia que esse comportamento não era bem-visto pela sociedade da época e muito menos pela minha doce mãe. Mas sucede que os valores do meu pai, sua ótica e seus objetivos eram bem diversos. E tudo era às claras, sem subterfúgios, com a naturalidade de quem tem convicções sólidas.

"Esta é minha filha, Anna Maria; minha mulher não veio", e assim apresentada, sem maiores explicações, ouvia as inesquecíveis estórias de Pedro Perna-Santa, com os pés nus na areia da praia de Areia-Preta, cercada de familiares dos pescadores; ou abraçada à "mãe-de-santo" de um terreiro de umbanda, fascinada pelo ritual e pelos cânticos, mas já sofrendo intimamente por ter de contar este pecado mortal ao confessor do Colégio da Imaculada Conceição, onde estudava...

Sim, os preconceitos eram fortes, de uma solidez sufocante, e até hoje me surpreende ter mantido razoável saúde mental, no meio de contrastes tão imensos.

Minhas canções de ninar foram, principalmente, desafios de violeiros, que escutava ainda no colo de papai, ou estórias de "trancoso" contadas por Bibi (personagem de um dos seus livros), além de cantigas entoadas pela minha avó Sinhá Freire ou por mamãe. Também me encantavam as aventuras vividas pelo mano primogênito Fernando Luís, desde cedo trabalhando e morando fora.

Esta ausência de preconceitos burgueses, tão comuns à época, esta união carnal com o povo, também se manifestava no total anticonvencionalismo do meu pai. Se por um lado me ensinou comer à francesa, explicando todas as regras de etiqueta; se me levava ao teatro Santa Isabel, no Recife, libreto na mão, a fim de assistir óperas e operetas, sua personalidade parecia resumir com equilíbrio o espírito de dualidade. Conseguia conciliar vários elementos conflitantes com elegância e naturalidade. Um dos seus orgulhos seria minha conversa, ainda menina, entre cinco ou seis anos, com Assis Chateaubriand, e o desejo do mesmo de mandar educar-me na Suíça, após a constatação tristonha de que papai nunca seria rico, e minha posterior declaração de que nunca deixaria meus genitores. Esses fatos predisporiam qualquer um a julgar que minha leitura de vida seria a normal, mas papai também me levava pela mão e me mostrava a beleza de uma feira popular, provando seus quitutes, admirando o artesanato exposto e as figuras que lá militavam, sempre valorizando os humildes e ficando ao seu lado em diversos momentos.

Outra coisa a destacar? O desinteresse material. Nunca se ligou ao dinheiro, talvez porque já tivesse sido milionário e assistido à rápida falência do meu avô Cel. Cascudo, que não cheguei a conhecer. Minhas primeiras lembranças já são de certa pobreza, nunca privação. Difícil a uma menina entender porque era recebida nos salões mais chiques e tinha tão poucas roupas. Esse fato talvez tenha sido a mola propulsora do meu pioneirismo e independência, pois comeci a fazer uma coluna assinada com 15 anos; aos 14 era funcionária do Banco do Nordeste e fui a Promotora mais jovem do Brasil, quando adjunto de promotor na capital, aos 17 anos de idade.



Cascudo, com a neta Camilla e Dahlia, assiste no terraço de sua casa exibição de mamulengo

A opção por Natal

Assisti várias vezes papai fazer discursos ou pesquisas, para alguns figurões que depois pousavam como intelectuais ou políticos cultos... Não apenas não pagavam, como também não citavam a fonte doadora e laboriosa... Recusou ser professor em Universidades famosas do âmbito nacional e internacional - cito França, Inglaterra e Portugal como certezas absolutas - com repercussão e finanças bem diversas das nossas. Convidado por vezes sem conta, não aceitou cargos políticos nem a imortalidade da Academia Brasileira de Letras. Todos esses fatos, é bom que se diga, nunca tiveram o respaldo entusiástico dos filhos, que viviam modestamente.

Como o ser humano é um contraste só, se papai não se ligava ao dinheiro, valorizava a fartura e a boa qualidade na mesa.

Era adepto de grandes festas, especialmente no lar. Vinho tinto, queijos os mais variados, presuntos (dos grandes, com osso, que assegurava mais gostosos) conservas, picles, chocolates americanos - principalmente os torrões, de origem italiana - biscoitos ingleses, sorvetes, eram comuns às nossas refeições. Um guaraná bem gelado, tomado no seu único luxo, um copo de prata, acompanhava biscoito champanhe com açúcar cristal pulverizado sobre manteiga, ou cream-crackers embebido em leite condensado. Seus pratos favoritos eram bem simples: pimentão recheado de carne moída, acompanhado de arroz soltinho; peixe em postas, cozido no caldo de legumes, com pirão; paçoca no pilão, com feijão verde, macaxeira, arroz de leite e bananas; carne-verde cozida com legumes e pirão; feijoada. Tudo legitimamente nosso, made in Brazil.

Frutas? Abacaxis, mamões, mangas (fatiadas) pinhas (sem os caroços) sapotis bem geladinhos, laranjas sempre estiveram na nossa mesa. Goiabas, em fruta ou em doce (de bandinhas ou em calda) bananas-leite, amassadas com

açúcar e queijo ralado ou em doce de rodelinhas. Queijo-do-reino, queijo-de-coalho, de manteiga, sempre assado previamente, com uma crosta apetitosa.

Fã de conhaque e de champanhe, ambos bebidos em taças apropriadas. A champanhe era sempre bebida em ocasiões especiais, incluindo aniversários, comemorações, natal e ano-novo e associada, no seu caso, a um charuto cubano ou baiano.

Mais uma característica? A cortesia. Repetia, sempre: nada pedir sem acrescentar um "por favor", e, recebendo, agradecer; nunca deixar de dar bom-dia, boa-tarde ou boa-noite, obviamente conforme o horário, e perguntar pelos parentes nomeando-os; agradecer o envio de algo com um cartão; mandar presente ou cartão nas datas aniversárias. (Aliás, ele considerava que "comemorar aniversário é agradecer a Deus por ter nascido", e fazia questão de bolo comemorativo com velas). Admirador da boa notícia, da gentileza, da palavra simpática, da "intriga-do-bem". Em casa, todas as vezes que me avistava, transformava-se num galanteador: "Já lhe disse o quanto está linda hoje"? A um visitante: "Em que novela está trabalhando?" Afirmava que ninguém era feio, só dependendo do ângulo de visão.

No entanto, não lhe pisassem os pés ou tentassem esnobá-lo; nunca deixou uma ofensa na sua presença sem uma resposta acachapante ou um atrevimento sem recíproca... e suas respostas prontas até hoje são repetidas como anedotas.

Professor e orador

Todos já me falavam do mestre de História Geral e do Brasil que tinha sido, no Atheneu Norte-rio-grandense. Tinha uma idéia quando o ouvia discursar, sempre de improviso e com entusiasmo. Sua prosa descritiva e enxuta, sua adjetivação precisa, e seu poder de síntese - nunca excedendo cinco ou oito minutos, que ele me rogava milimetrar e avisar, passando a mão nos cabelos, quando os minutos se aproximavam do clímax final previsto - tornaram-no um dos maiores e mais completos oradores do Brasil, no seu tempo. Fui sua aluna de Direito Internacional Público, na Faculdade de Direito, e convidada pelo Reitor Onofre Lopes para substituí-lo, após sua aposentadoria.

Declinei da honra, primeiramente por não ter vocação para o ensino, e especialmente para evitar comparações.

Suas aulas eram imperdíveis. Mesclava conhecimento jurídico com visão geral de todas as ciências, tudo apimentado com tiradas humorísticas. Gostava de

ensinar e o fazia até no dia-a-dia, a quem lhe perguntasse algo. Uma torrente de sabedoria jorrava naturalmente, com espontaneidade.

Até o final da sua vida "aprendeu e ensinou", como dizia Carlos Drummond de Andrade, "semeando sabedoria e distribuindo-a ao mundo".

Outras nuances a destacar? Vamos lembrá-las?

Nunca gostou de modismos nem se deixou influenciar se já não fosse vocacionado. Começou a estudar etnografia e folclore quando era considerado "imoral" e até "subversivo", um professor viver no meio do povo, estudando seus hábitos. (A cultura popular era "tolice", e cada um devia viver em compartimento estanque, sem misturas. Eis a filosofia reinante nas elites). Assumia suas preferências. Era um autêntico.

Fui sua companheira de madrugadas à dentro, por ter herdado o hábito de estudar à noite. Sua máquina batucava até manhã clara. Como não tinha fontes de consulta - já que normalmente se interessava por temas até então inéditos - tratou de fazer sua obra gigantesca enviando cartas para conhecidos de todo o mundo, comparando suas respostas com pesquisas e experiência pessoal. Perfeccionista e meticuloso, me fazia procurar nos cartórios, normalmente em "arquivos mortos", nomes, datas e documentos citados. Não tirando cópias nem fazendo borrões, muita coisa se perdeu. Manteve vastíssima correspondência.

Pesquisador pioneiro

Foi um pioneiro naquilo que hoje se convencionou chamar de "pesquisa de campo". Ia pessoalmente as feiras, bares, reuniões, no Brasil, na África ou Portugal e Espanha. Conversava com o povo, provava sua comida, ouvia suas opiniões. Sabia distinguir, como ninguém, o original da cópia...

Pelo menos uma vez por mês, tomava seus "pilequinhos". Conversava horas a fio, misturando o "papo" com doses de cachaça, cerveja, tira-gostos os mais variados. Mas, apesar das ressacas, nunca foi ríspido com mamãe nem confessou qualquer deslize amoroso.

Terno, tinha frases belíssimas. Amava o pôr-do-sol, e buscava constantemente locais para apreciá-lo. O favorito era a Pedra do Rosário. Tinha uma espécie de carta que permitia localizar estrelas, constelações. Olhar a lua, de mãos dadas com mamãe, era um programa. Comigo, sempre me abraçava pela cintura, carinhosamente. Apaixonado pela esposa, que chamava de "flor sem espinhos", era amoroso com os filhos, genro, nora,

extremoso com os netos. Encantou-se com o bisneto Diogo, que viu de braço. Uma semana antes de sua morte, declarou ao meu marido algo que nos conforta profundamente: "Camilo, você é um filho dedicado, há tanto tempo (18 anos) ao meu lado, e junto com Any (assim me chamava) só me fez feliz..." Palavras que guardamos no coração...

Gostava de mulher cheirosa, bem vestida, bonita, e admirava as roupas de mamãe. Sugeriu blusas vaporosas, com "volants", babados, estamparia delicada e tons claros, mas vibrantes. Mas deixava clara a obrigatoriedade masculina em cativar; daí sua preferência por perfumes suaves, lavandas, normalmente ingleses. Os sabonetes seguindo a linha. Dr. Silvio Piza Pedrosa sempre lhe trazia pacotes de Londres.

Considerava que os direitos deveriam ser iguais, não importando o sexo. Respeitava e ouvia as opiniões femininas. Numa reunião, detestava o hábito de "rodinhas", separando mulheres de homens. Estando numa festa, habitualmente se dirigia às damas, pedindo-lhes que se misturassem aos cavalheiros. Embora passasse noitadas conversando com amigos, não deixava de gostar da companhia do chamado "sexo frágil".

Cultivador de amizades

Sincero nas suas afeições, vibrava com as vitórias alheias, e cultivava com dedicação as amizades. Cito Jordão Emerenciano, Nilo Pereira, a família Wanderley, Babuá, Djalma Maranhão, Sylvio Piza Pedrosa e Oswaldo de Souza, como "habitués". José Mariano, Mário de Andrade, Villa Lobos, Gilberto Freire, Carlos Galvão Krebs, Renato Almeida, Bernard Alleguède, Vingt-un Rosado, a família Imperial de Petrópolis, havia entre eles um relacionamento intenso e constante. Drummond, Monteiro Lobato, Jorge Amado. Lembro as serenatas e brincadeiras de Luís de Barros e Roberto Freire; o "Clube dos Inocentes", que reunia figuras como Prof. Saturnino, José Melquíades, Edgar Barbosa, Djalma Marinho, Oto de Brito Guerra, Paulo Viveiros estavam sempre conosco. Manoel Rodrigues de Melo, Ulisses de Góis, Américo de Oliveira Costa, Veríssimo de Melo, Alvamar Furtado, outras querências. Se orgulhava e queria bem a Dorian Gray Caldas, Newton Navarro, Diógenes da Cunha Lima, Deífilo Gurgel, Carlos Lyra, Vicente Serejo, Sanderson Negreiros, Berilo Wanderley, Cassiano Arruda Câmara, Paulo Macedo, o "galinho" Enélio Lima Petrovich, para citar alguns.

Nunca esquecerei ter visto, da varanda, Ary Barroso imitando uma baiana, Dorival Caymmi com seu violão e o vozeirão, Luiz Gonzaga e Zé Dantas cantando

especialmente. Recebia diversos telefonemas e consultas. Antônio Carlos Jobim e Silvio Caldas, através de portadores, fizeram indagações que lhe custaram noites de pesquisa. Com alegria, diga-se de passagem.

Dotado de entusiasmo profundo pela vida, era um amante da ciência. Empolgava-se com descobertas, ficando desperto e excitado até encontrar soluções. No café, às vezes, ambos insones, ele me contava, maravilhado como uma criança, ter encontrado "o fio de uma semelhança" entre uma enciclopédia grego-romano, um dicionário tupi-guarani e uma gíria que eu dissera. Era: "Meu maior interesse, filha, é a riqueza do cotidiano". Felicidade - afirmava - é se fazer aquilo que gosta. Tudo é válido quando prazeroso e inofensivo.

O potiguar do século

Tivemos momentos de puro deleite, homenagens que papai, se fosse vivo - para nós, assim permanece - ficaria muito feliz. A exposição organizada pela SARAU, no Espaço Cultural do BNDES, mostrando sua vida e sua obra, e que foi uma das mais completas e prestigiadas já vistas pelos realizadores; a TV Globo ter se inspirado em conto selecionado, para o programa "Bambulú" - que visitamos com a neta Alana, convidadas pela TV-; a reedição cuidadosa e perfeita de suas obras, pela Editora Global (leia-se Luís Alves e equipe); o selo comemorativo dos Correios e Telégrafos; o bilhete de Loteria da Caixa Econômica Federal, com lançamento nacional; o cartão telefônico. Todos com seu rosto ou de folguedos folclóricos; com sucesso de vendagem. No Brasil inteiro, Luís da Câmara Cascudo, o antropólogo, o folclorista, o etnógrafo, "O homem que semeava cultura," como dizia Drummond, está sendo redescoberto. Aldo Rebelo, deputado paulista, do PC do B, após ter estudado sua obra que classificou de "revolucionária", em discurso na Câmara, exigiu que fosse objeto de cátedra de todas as universidades; O Senador Arthur da Távola o considera "o mais brasileiro dos autores". É nome de elevado em São Paulo, de Escola Pública no Realengo, de rua, de Faculdade, como já foi de cédula. Durante a EXPO-98, em Lisboa, teve um mural com citação de frase de sua autoria, o único escritor sul-americano homenageado. Escolhido pelo povo que ele tanto amou, foi eleito, em concurso público da TV-Cabugi, "O Norte-rio-grandense do século".

Universal, com mais de 150 livros publicados - todos os meses uma obra sua é encontrada, inclusive no exterior - sua terra era sua glória.

Do que mais me orgulho? Do romancista, do sociólogo, do desbravador, do pioneiro?

Nunca me esquecerei de sua humildade franciscana, sua religiosidade, seu cristianismo sem pieguices. Sua fé sólida. Seu apego sincero ao Brasil, seu amor à Pátria, a veneração aos heróis autênticos e aos anônimos. Recebia com a mesma alegria a um Presidente da República ou um carroceiro, um Ministro estrangeiro ou um aluno do primeiro grau.

A solidez do seu caráter, a ausência de inveja, de intrigas, de mentiras, a honestidade de viver pobremente com a alegria de um bilionário não podem deixar de ser destacadas.

Para mim, ele estará sempre presente, com suas mãos ainda másculas, seus cabelos grisalhos e abundantes, seus olhos de um verde transparente, sua ausência de queixas por já não ouvir a voz dos netos, o choro do bisneto, as notas de uma sinfonia, ele que foi professor da história da música e um apaixonado pelo mundo das claves.

Sua existência iluminada é uma estrada pela qual nos pautamos e seguimos, guiados pela sua sabedoria, embalados pelo seu humor, buscando o infinito através de sua religiosidade, até o encontrarmos, pela força eterna do amor e da saudade. ☺



Cascudo com os netos Daliana e Newton

13 POR 1

Alexandre Gurgel - cirurgião-dentista

Romancista - Charles Bukowski

Poeta - Omar Khayan

Livro - O Retrato de Dorian Gray

Filme - Blade Runner

Diretor/Cinema - Stanley Kubrick

Ator/Atriz - Gene Hackman

Pintor - Andy Warhol

Cantor - João Gilberto

Compositor - Tom Jobim

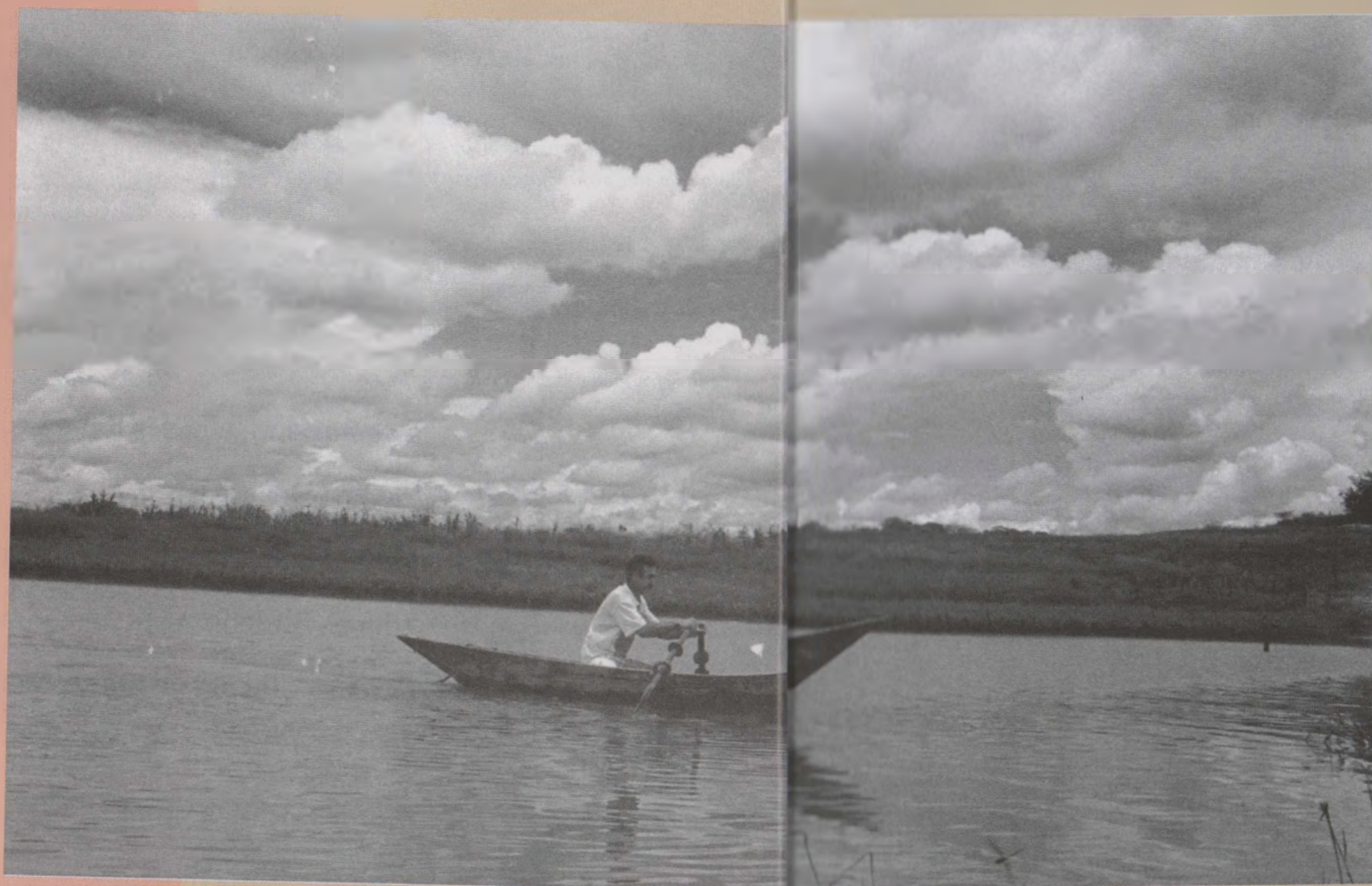
Música - Da Lama ao Caos

Peça Teatral - Álbum de família

Intelectual - Paulo Francis

Personalidade Cultural do RN - Gustavo Lamartine

Quando a porta de entrada virou entrada lateral



Alessandro A. de Azevedo

(Mestre em Ciências Sociais, professor do Departamento de Educação da UFRN)

Foto: Evandro Teixeira (“O livro das águas”)

Em meados dos anos 80, peguei o azul-amarelão da Jardimense em direção a Natal, levando duas caixas que haviam sobrado da última feira de supermercado, cheias de troços, uma bolsa de viagem (de náilon) cor de terra e uma mochila de pano jeans, confeccionada por Dona Mariquinha, minha mãe, cheias de roupas e outros pequenos utensílios.

Como tantos jovens caicoenses, naquela época, viajava sedento por vivenciar novas e outras experiências e escolhas de vida, distintas daquelas possíveis e oferecidas no torrão. O espírito estava mais para “navegar é preciso, viver não é preciso” do que para “Asa Branca”. Sem ter estudado muito para o vestibular (estava mais preocupado em aprender a tocar violão e compor músicas), levei sorte e passei no curso

de Ciências Sociais. A escolha por este curso, inclusive, não foi casual. Além da influência do movimento estudantil secundarista do qual havia participado, o curso não era oferecido no Campus de Caicó, o que se transformava num ótimo álibi para “tirar o time”.

Na época, a linha Caicó-Natal era feita, exclusivamente, atravessando-se Jardim do Seridó. A rodovia que atualmente corta São José do Seridó e Cruzeta, e que se tornou a principal via da linha que liga Caicó a Natal, não era pavimentada. Assim, saíamos e voltávamos dando com a cara no espelho d’água do açude Itans.

Já instalado em Natal, sempre que podia, visitava o torrão, para rever amigos e amigas, familiares, as coisas de sempre... Dentro do ônibus, a certeza (e a emoção) de que a proximidade de Caicó era indicada pelo despontar das primeiras “manchas” de água que conformavam o Itans. Por isso, inclusive, passou a ganhar espaço dentro de mim a preferência em viajar num horário que me permitisse chegar a Caicó em plena claridade do dia.

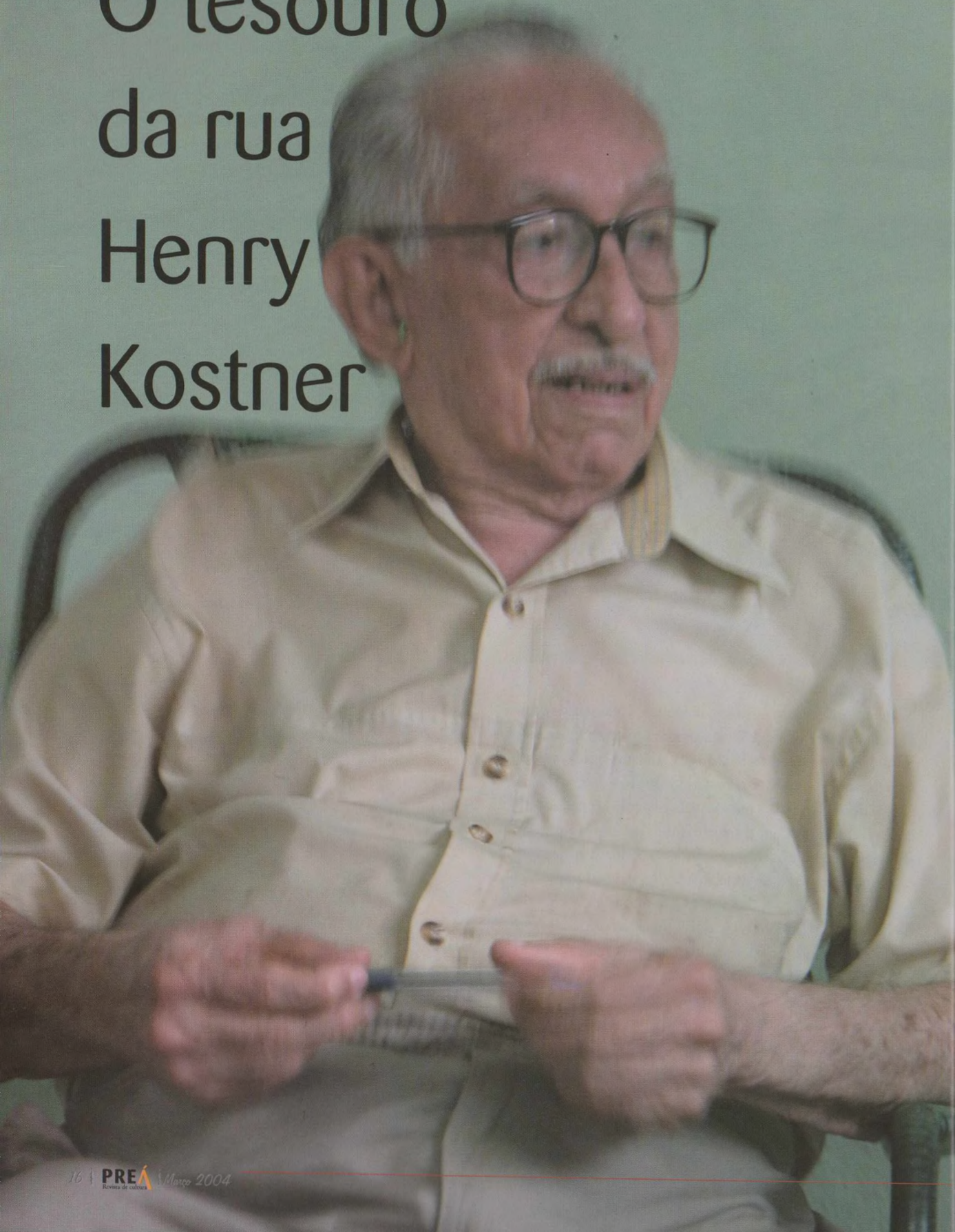
Naqueles momentos, o Itans se erguia lentamente como uma aparição divina. Não era apenas a imagem de um açude, de um reservatório de água. Era um monumento àquela emoção de estar revisitando minhas raízes. Desde então, deixei de vê-lo como aquele distante balneário, no qual, vez ou outra, eu tomava banho; ou como fonte de abastecimento d’água. Meus olhos se banhavam naquele espelho d’água que se abria, sorrindo, quanto mais dele eu me aproximava. E me abraçava como que acolhendo um filho. Não me servia, pois, de água, mas de um terno sentimento acolhedor. Este sentimento, aliás, não se manifestava nas demais referências hidro-imagéticas caicoenses fundamentais, como por exemplo, diante do Poço de Santana ou dos Rios Seridó ou Barra Nova (este, coitado, já naquela época, um defunto). Só o Itans causava esta sensação, exatamente porque estava ali, estrategicamente colocado na entrada da cidade, o primeiro a nos receber. Era o primeiro sorriso que víamos. Era o primeiro abraço que recebíamos.

Porém, a racionalidade que organiza e orienta esta nossa vida não se sustenta em veleidades poéticas ou imaginárias. O açude era lindo, mas o caminho que a ele estava associado era o mais distante, mais cheio de curvas, mais demorado, enfim, não compensava a relação custo-benefício. E as “mãos invisíveis” do mercado, enlaçadas com as mãos racionais do Estado, resolveram pavimentar a estrada que liga Acari a Caicó, atravessando São José do Seridó e Cruzeta, fazendo com que os melhores e mais confortáveis (?) ônibus que fazem a linha Caicó-Natal, fossem deslocados para este trajeto.

Fiquei órfão dos abraços e sorrisos do Itans, pois também me rendi à racionalidade do tempo menor, da menor distância, do melhor conforto, etc., etc... Infelizmente, mesmo que quisesse dar uma chance para minhas veleidades poético-sentimentais, estaria condenado a uma grandiosa frustração. Tão grandiosa quanto a capacidade de armazenamento d’água do Itans. Tão grandiosa quanto a sua hoje inexistente lâmina d’água.

Hoje o açude é tão imaginário quanto o seu sorriso e o seu abraço. Mas está lá a espera daquilo que lhe complementa e dá o seu brilho. E quando as chuvas voltarem, ele ficará belo, como uma mulher abandonada que, ao reencontrar a paixão ou redescobrir o amor, volta a se cuidar e ter a velha e sadia cumplicidade com o espelho. 📖

O tesouro da rua Henry Kostner



Por Tácito Costa

Fotos: Anchieta Xavier

Um ano depois retornamos à casa do escritor e pesquisador Raimundo Soares de Brito. Como havíamos prometido. Tínhamos estado em sua casa no ano passado, quando fomos a Mossoró entrevistar o escritor e editor Vingt-un Rosado. Já naquela ocasião, havia a intenção de fazer uma reportagem com o pesquisador, mas a conversa com Vingt-un (seguida de visita à editora da Coleção Mossoroense) se estendeu mais do que prezamos e ficamos apenas numa rápida conversa.

Viajamos a Mossoró para esse novo encontro um pouco apreensivos. Um dia antes, no meio da tarde, liguei de Natal para a casa do pesquisador. Sua esposa (Dinorah de Oliveira e Brito, com quem é casado há 64 anos) atendeu, informou que ele havia saído e quando disse do que se tratava, uma entrevista, ela me disse que não sabia se ia dar certo, porque Raimundo não estava muito bem de saúde. Aos 84 anos (é de 23 de abril de 1920) e tendo enfrentado um AVC (Acidente Vascular Cerebral), o estado de Rai Brito, como carinhosamente é chamado pelos amigos, inspira alguns cuidados. Mas nada excepcional, como depois constatamos.

Quando voltei a ligar, à noite, para saber se seria possível o encontro, é Raimundo Soares quem atende o telefone e se coloca à nossa disposição. Chegamos a Mossoró e rumamos para a casa 23 da pequena e calma rua Henry Kostner, no Conjunto Walfredo Gurgel. Na aparência exterior, uma casa em tudo igual às demais da rua. Só na aparência, porque seu interior esconde um dos mais valiosos tesouros do Rio Grande do Norte: um acervo com mais de 15 mil fichas, abordando a história e a vida de personalidades do Estado, desde a década de 40 até nossos dias.

O pesquisador infatigável e escritor prolífico nos recebe, no meio da tarde, na área da casa, sob o olhar indiferente e melancólico de uma Graúna, em sua gaiola, e a alegria incontrolada de Paquito, um cachorro de raça indefinida, que a todo instante faz festa com os visitantes. Somos recepcionados com fidalguia e um delicioso café, símbolos ancestrais da hospitalidade nordestina. O céu nublado, com nuvens carregadas de chuva, espanta o lendário calor mossoroense e torna a conversa ainda mais agradável.

Além de todas as qualidades, já conhecidas e públicas, como a honestidade intelectual e firmeza de caráter, identifico mais uma em Raimundo, para mim fundamental: o senso de humor. Como é duro suportar os que não têm senso de humor, quase sempre amargos e tornando a vida dos outros um inferno.



Em quase duas horas de conversa, na área e depois mostrando o acervo, Raimundo Soares se mostra afável, bem humorado e com uma memória afiada. Não se queixou, uma única vez, dos inevitáveis achaques que chegam com a idade avançada. É pouco o tempo para ele relatar sua saga de pesquisador, escritor, comerciante, vereador (por três mandatos consecutivos, em Caraúbas, entre meados da década de 50 e início da década de 60), animador cultural - foi membro do Instituto Cultural do Oeste Potiguar e da Comissão organizadora do centenário de Caraúbas (1958), e funcionário dos Correios. A pesquisa e a escritura sempre convivendo lado a lado com todos esses outros ofícios com que ele tentava ganhar a vida.

O começo de tudo

O interesse pela pesquisa - conta - surgiu em 1942, quando ainda morava em Caraúbas, e trabalhou durante quase dois anos como Agente Municipal de Estatística, do Departamento de Estatística, que viria depois a se transformar no IBGE. Esse trabalho o fez tomar gosto pela pesquisa. "Foi depois dessa minha atividade no Departamento de Estatística que surgiu a idéia de ir recortando papéis e guardando", rememora Raimundo Soares. Surgia aí, provavelmente, a mais completa hemeroteca (seção da biblioteca destinada a jornais, revistas, e outras publicações) do Estado.

No comércio, como dono de bar e restaurante, Raimundo Soares tentou a sorte em Caraúbas, Natal e Fortaleza, seguindo os passos do pai, José Soares de Brito, comerciante bem sucedido em Caraúbas. Convocado pelas Forças Armadas, chega a Natal em 1943, durante a 2ª Guerra Mundial. "Natal parecia mais um acampamento militar", recorda. Após ser dispensado, arrenda um bar na cidade, por onde passaram figuras conhecidas da época como o jogador de bilhar "Liliu" e o boêmio Ney Marinho.

Fica em Natal até 1945, quando retorna à sua Caraúbas. Mas seria por pouco tempo. Não se acostuma mais à cidade e comunica ao pai, também comerciante: "Papai, não fico mais aqui". Parte para Fortaleza, onde instala novo comércio, mas em menos de dois anos depois volta ao Rio Grande do Norte. Se estabelece em Mossoró e abre o Bar Dois Amigos, "na Rua Vicente Sabóia, numa casa hoje localizada entre a Casa Porcino e o Armazém Santo Antônio".

Mas o comércio não era, definitivamente, a praia de Raimundo Soares de Brito. Faltava-lhe talento, admite. "Aborreci do comércio e pensei: já paguei muito imposto ao Governo, agora quero que ele me pague alguma coisa". É quando ingressa no serviço público. Pergunto como ele entrou nos Correios, ele dá um sorriso meio maroto e responde, com sinceridade: "Pela porta larga da política". Nos Correios, fica até 1973, - depois de trabalhar em Açu, Jucurutu e Mossoró, como gerente-postal -, quando se aposenta.

Pergunto se não deu para ganhar algum dinheiro no comércio e com uma frase - no presente - ele resume sua trajetória inglória como capitalista. "O dinheiro anda longe de mim". Com a política, como vereador, que ele qualifica como uma "experiência péssima", também não amalehou nada. Bem diferente do que ocorre hoje. "Eu queria ser honesto e honestidade não combina com política", resume sabiamente. Na dedicatória do livro "A Câmara de Vereadores do meu Tempo", escrito por ele, em 1958, e reeditado pela Coleção Mossoroense em 1999, e que me chega, pelos Correios, uma semana depois da conversa em sua casa, está resumida parte da sua descrença na política: "Amigo Tácito: Aqui, um pouco das minhas memórias políticas, época em que pensava em 'consertar' o mundo".

A casa de Raimundo é a casa de um aposentado brasileiro, pobre, mas digna, com uma diferença: este gasta boa parte do que recebe, todos os meses, com essa aventura - que aos que estão de fora, parece insana - de arquivar tudo que lhe parece importante.

As proporções que o acervo tomou, ocupando praticamente todos os cômodos de sua casa, o fez comprar um imóvel em frente onde mora. Para lá transferiu quase todo o seu acervo. A idéia dele era deixar tudo na nova casa, mas os problemas de saúde jogaram a idéia por terra. Agora, ele mantém uma parte dos arquivos onde

mora - principalmente os novos recortes e publicações - e o restante na outra casa. Raimundo Soares confessa que Dona Dinorah não aprecia muito esse seu trabalho. Não sem razão, convenhamos, porque mal o dia amanhece e lá está ele ora recortando jornal, ora na máquina de escrever, cuidando da hemeroteca ou escrevendo um novo livro. O que pode ser medido numa frase que, segundo Raimundo, Dona Dinorah disse certa vez após ele retornar de viagem. "Esse homem ao invés de me trazer um presente volta com a mala cheia de papéis". O casal não teve filhos, adotou uma sobrinha, que hoje leva a sua vida. Quero saber sobre o futuro do acervo e ele responde, dando de ombros. "Esse é o 'x' do problema. Será que o mofo e a traça vão acabar com tudo"?

Diariamente ele compra os três jornais de Mossoró, mais o Diário de Natal e aos domingos, a Tribuna do Norte. Também recebe de outros pesquisadores, historiadores e amigos, material para ser arquivado. Lê os jornais e vai recortando o que julga importante. O critério utilizado para decidir o que vai ser recortado ou não - ele mesmo reconhece - é puramente subjetivo. Entra para as pastas o que ele acha que é importante para a história, principalmente para a história do Rio Grande do Norte.

Escritor inveterado

Autor de cerca de 50 obras, entre livros e plaquetes, seu último livro lançado foi "Ruas e Patronos de Mossoró - Dicionário", em dois volumes, considerado por Vingt-un o livro mais importante lançado em Mossoró em 2003. A obra apresenta um apanhado de todas as ruas existentes na cidade, com uma pequena biografia da personalidade (patrono) que lhes dá nome, na maioria das vezes acompanhada de foto. As pesquisas para esse livro foram iniciadas ainda na década de 60. A obra ficou alguns meses mofando em uma das gavetas da Prefeitura Municipal de Mossoró, esperando ser editada. Há uns seis meses, numa solenidade em que lhe seria prestada uma homenagem, um enfezado autor cobrou da Prefeita Rosalba Ciarlini, na frente da Governadora Wilma de Faria, a promessa da edição do livro. "Prefeita, se a senhora não quer editar, pode me devolver os originais de 'Ruas e Patronos'". É provável que a prefeita sequer soubesse do livro, mas o fato é que depois dessa conversa, a edição começou a andar e foi lançada no final do ano passado. Essa história ficamos sabendo através de uma pessoa que estava próxima aos três. Seria inimaginável ouvi-la do discreto Raimundo Soares de Brito.

Além do escritor compulsivo (publicou seu primeiro trabalho, "Caraúbas Centenária", em 1959, em homenagem aos cem anos da cidade), Raimundo se confessa um leitor inveterado. Conta que começou a ler na infância. "Ainda quando criança, não dormia antes de ler alguma coisa". Nessa pisada, devorou tudo de Monteiro Lobato, Coelho Neto e muitas revistas "Tico

Tico". Afirma, contudo, que hoje não gosta mais de ficção, só lê história, com "H" maiúsculo, faz questão de frisar. O interesse dele está voltado é mesmo para as coisas da terra. O que é constatado ao se olhar, superficialmente, sua biblioteca, onde mais de 90% das obras são de autores e de assuntos potiguares.

Também revela não ser muito chegado à poesia nem ao cinema. "Principalmente a essa poesia moderna". Do cinema, ele conta que começou a se decepcionar no dia em que assistiu "O Cangaceiro", de Lima Barreto, num cinema em Fortaleza. "Aqueles atores cariocas tentando falar como cangaceiros foi demais".

Nos últimos quatro anos, o pesquisador é auxiliado em seu trabalho pelo jovem poeta Misherlany Gouthiers, 25 anos (ao contrário do que o nome pode sugerir, um mossoroense da gema, que não sabe de onde o pai, outro mossoroense puro, tirou esses nomes). Coisas típicas de Mossoró. O salário do poeta, Raimundo paga do próprio bolso, e ainda dá os Vales Transportes.

De Lavoisier Maia a Lênin

A residência do pesquisador, à exceção da área, é tomada por pastas, em tamanhos variáveis, feitas de papelão, de forma artesanal e instaladas em estantes e pranchas fixadas nas paredes. Isso, sem falar na outra casa, onde está a maior parte do acervo. Em algumas pastas, por exemplo, a da letra "L", está uma danação de recortes com informações de personalidades tão díspares como Lavoisier Maia e o revolucionário soviético Lênin. Estão nessas pastas, Glauber Rocha, Glorinha Oliveira, Gugu Liberato, Bach, Henfil, Jorge Amado... Em outras pastas, um pouco maiores, estão recortes agrupados por temas: Feminismo, Governantes de Mossoró, Petróleo, Crimes e Criminosos, Tremores de Terra. E por aí vai.

É um acervo fantástico e que serve a historiadores de todo o país. Na volta para Natal, por exemplo, fomos portador de um texto intitulado "Breves dados sobre Lauro Monte Filho", solicitado pelo Coordenador do do Centro de Pesquisas da FJA Tarcísio Rosas. Tarcísio conta que já tinha tentado conseguir as informações em alguns livros e com várias pessoas, mas só foi conseguir na hemeroteca do pesquisador caraubense.

Raimundo mantém essa "mania de doido" - como ele mesmo a qualifica -, compra de jornais, fotocópias, equipamentos para o computador, o salário do assistente, papelão e outras pequenas despesas, com dinheiro

do próprio bolso, sem ajuda de ninguém. Pergunto a ele quanto tudo isso custa por mês. "Quem é que sabe?", responde.

Mas se não recebe ajuda material para tocar esse trabalho, pelo menos o reconhecimento de seus conterrâneos é visível. É a segunda unanimidade de Mossoró, ao lado de Vingt-un. Na parede da área de sua casa, numa placa de bronze, está escrita uma homenagem assinada pela Prefeitura de Mossoró e Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço. É doutor *honoris causa* da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (UERN) e em abril receberá o título de Cidadão Natalense, proposto pelo vereador George Câmara.

Apesar dos seus 84 anos, Rai Brito não pensa em parar e está cheio de planos, entre eles, a edição de mais dois livros seus, "Nomes da História do Rio Grande do Norte" e "Eu, Ego e os Outros", que reúne histórias dos tipos folclóricos que ele conheceu por onde passou.

Por tudo isso, vida longa ao pesquisador emérito e a sua hemeroteca, que ainda têm relevantes serviços a prestar à cultura norte-rio-grandense. ■



O sortilégidas águas

Durante quatro dias - de 12 a 15 de fevereiro - o fotógrafo Anchieta Xavier percorreu a região Seridó e parte da região do Vale do Assu, fazendo fotos dos principais reservatórios destas duas regiões. No Seridó foram feitas fotos do Açude Gargalheiras, em Acari; da Barragem Boqueirão, em Parelhas; do Açude de Cruzeta, no município homônimo; do Açude Itans, em Caicó; e da Barragem das Traíras, em Jardim do Seridó. No Vale do Assu, da Barragem Armando Gonçalves Ribeiro, maior reservatório do Estado. A maioria não sangrava (transbordava) há quase dez anos.

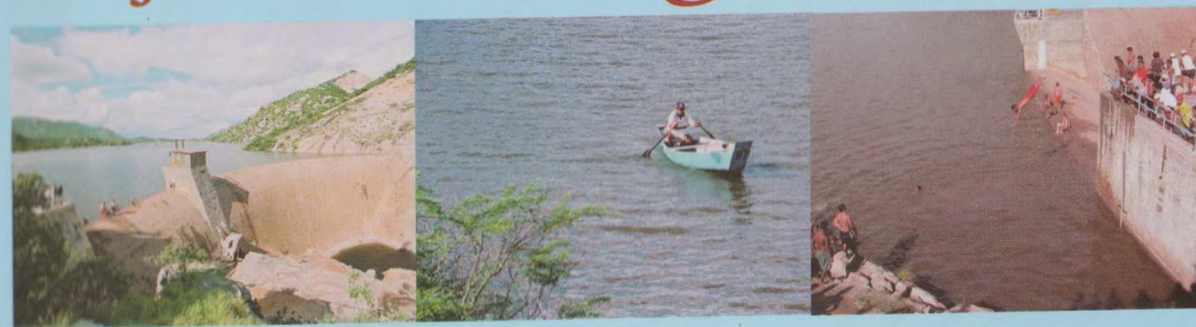
“É uma mutação de apoteose.

Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flores vermelhas, sem esperar pelas folhas; as caraibas e baraúnas altas rebrandescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricuris: ondeiam, móveis, avivando a paisagem, acamando-se nos plainos, arredondando as encostas, as moitas floridas do alecrim-dos-tabuleiros, de caules finos e flexíveis; as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e – dominando a revivescência geral – não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuzeiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos”. (Euclides da Cunha, em “Os Sertões”).

Pelos quase mil quilômetros que percorreu, Anchieta Xavier foi flagrando a metamorfose provocada pelas chuvas na terra e na vida das pessoas. Difícil explicar para quem não é vivente dessas paragens sertanejas o quanto as águas mexem, profundamente, com a vida de todos. Este ano, o inverno se antecipou (geralmente começa em março) e veio mais abundante do que nos anos anteriores. Em alguns municípios, a população fez vigília e a Prefeitura mandou instalar refletores para no caso do reservatório sangrar à noite, todos poderem acompanhar o espetáculo.



Açude Gargalheiras



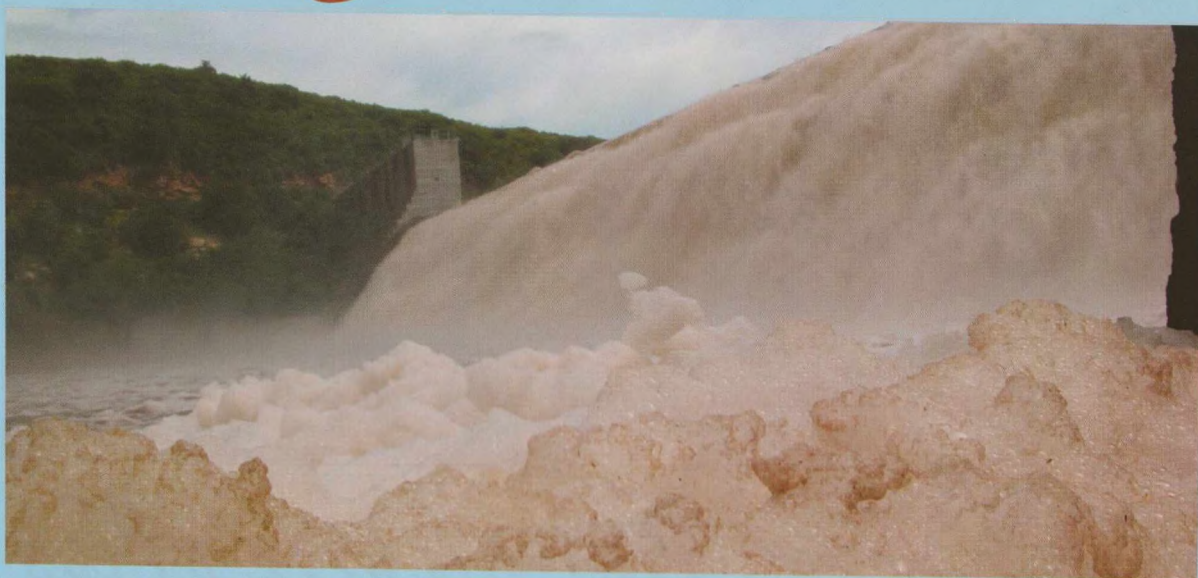
Barragem Boqueirão



Açude Itans



Passagem das Traíras



Armando Ribeiro

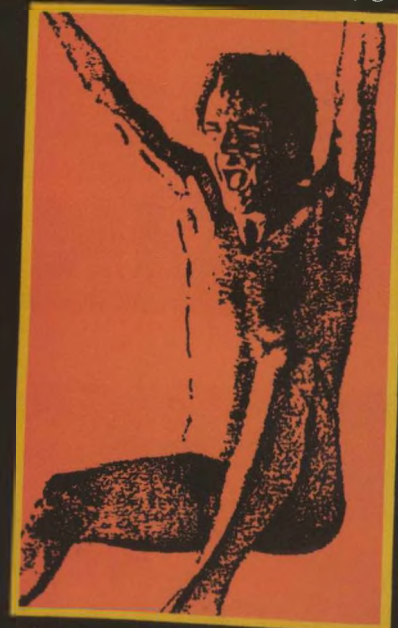


Edson Guedes de Moraes: *Um artista continente*

*“Assim não é, se assim não fosse.
Sei-me.”*

(Jorge de Lima)

Vinte Anos Outra Vez
E A VIRGINDADE
DO MUNDO
Edson G. de Moraes



André Quicé Editor

R. Leontino Filho

(Poeta e professor de Literatura Brasileira da UERN)

Esse ofício de escrever é a danação do mundo. Esse ofício de escrever é a metamorfose da vida. Esse ofício de escrever é a memória do universo. Esse ofício de escrever é a tradução exata da consciência. Esse ofício fatal do canto reflete as emblemáticas vivências do instante poético. E o instante de poesia é o incêndio amoroso das mínimas descobertas. É preciso descobrir em cada ofício, a máxima morada da escritura. A escritura que nasce das humanas e comoventes lembranças da infância. Um tempo de primeiras estimas e de derradeiros encantos. De viravoltas, onde cada personagem é criador e criatura, dono de sua própria obra. Imaginar esse ofício, espécie de semi-sonho, abrindo-se em plenitude, lá nos cafundós das jornadas, eis a marcha natural da escrita. Encontrar-se nesse ofício é fazer a coisa certa. Danação, metamorfose, memória, consciência, descoberta e infância, tudo escorado no tempo, esse baú de sagrada perdição que o *miglior fabbro* encontra na metalfrica e iluminante poética da vida.

De posse desse ofício, o inventor de lembranças ergue sua casa no meio do mundo, uma típica casa-caixa. Uma caixa de tipos, nunca é só uma caixa de tipos, é sempre mais, é um salto lúcido no rio largo da linguagem. Uma caixa de tipos, nunca é apenas uma caixa de tipos, é sempre mais, é um rasgo luminoso no tempo sem fim do sonho. Uma caixa de tipos completa, sempre, a invenção imperfeita do humano, por isso, ela, a caixa de tipos que cada um carrega em sua algibeira, é mais do que tentação, é a própria passagem, travessia de desejos e inquietação permanente. Nesse limiar poético, o homem transporta, diuturnamente, seus projetos e suas realizações. Ele vai de mansinho em busca da virgindade do prazer. Caminha de lado, procurando entender o silêncio que muda o mundo, a partir da brancura da página dilatada em máximo enfeitiçamento. Uma casa-caixa de tipos, arregaçada em desatino, é o *pro jectum* dessa tessitura, onde o livro-labirinto tece o ofício subterrâneo da sedução como sombras riscadas no lençol de letras. À deriva de pequenas coisas, a poesia e a arte florescem, nesse ofício de escrever-criando.

Emana de infinitas descobertas do cotidiano, a obra multifacetária do poeta, novelista, contista, romancista, dramaturgo e editor-artista Edson Guedes de Moraes

(Campina Grande/PB, 1930), que já andarilhou por terras diversas, do Ceará, da Bahia, das Gerais, do Rio de Janeiro, de Brasília, entre tantas outras, aportando de vez, sua nau, de vastíssimas imagens, em Jaboatão dos Guararapes/PE. O emblemático pouso fez nascer a Editora Guararapes (EGM), recanto de beleza e sedução. A nau capitaneada por Edson Guedes de Moraes, celebra a comunhão do encontro por meio da poesia. As inúmeras experiências lingüístico-poéticas que desembarcam na Editora Guararapes (EGM), são tratadas com esmerado carinho, redobrado afeto e confeccionadas com maestria por este mago das artes gráficas. Só mesmo um artista do porte de Edson Guedes de Moraes é capaz de transformar poemas geométricos, modernos, cristalinos, irônicos, imensos, herméticos, breves e angustiados em peças de clássico sabor e de espantoso alubrimento. Todos os trabalhos da Editora Guararapes (EGM) primam, palavra por palavra, pelo jogo imagético que move a poesia e a vida. O espaço construído e arquitetado por Edson Guedes de Moraes, é a mínima casa e a máxima morada da arte, por isso, todo texto literário é um olhar substantivo da história que se faz em sutil silêncio, como a assinalar a coreografia do tempo.

Edson Guedes de Moraes, poeta e artífice das fábulas, é um caçador de lembranças, que com clarividência estética exacerbada, molda o flagrante exercício do cotidiano. É, em toda a plenitude, um cidadão-poeta, um artesão de singularíssima escritura. Dotado de uma sensibilidade trágica, Edson Guedes de Moraes é um profundo conhecedor da fragilidade humana. “Dispersão”, seu primeiro livro de poemas (Editora Clube dos XII, 1956) já apontava na direção do desassossego do canto, o poeta margeando o mundo, sempre. Só desse modo a poesia é necessária. Em 1963, publicou o livro de contos “Um homem e os homens lá fora” (Ed. GRD), surgia o contundente e vigoroso contista, celebrado por renomados críticos, entre os quais, Fausto Cunha e Antônio Olinto. O romance “Artesão do nada”, publicado em capítulos semanais no Diário de Brasília (1974) revelaria um denso e envolvente narrador, senhor pleno de seu ofício de escrever-criando. Navegando noutros mares, em 1977, surge “Monstro, besta-fera, como saiu nos jornais” (Peça montada pela Cia. de Teatro Grutta, sob o patrocínio do SNT/MEC), o dramaturgo como testemunha privilegiada do seu tempo e de sua gente.

A novela “Outras lembranças, outra casa, outros mortos”, lançada pela primeira vez em 1976 na Coleção Azulejo, de São Luís/MA, receberia nova edição a cargo de André Quicé Editor (Brasília, 1984). A força desta narrativa ficcional está justamente no realismo do relato, impresso a cada movimento do personagem-narrador, que através do desnudamento dos mais triviais acontecimentos, tenta suportar as dores que o afligem a todo instante. É uma

narrativa de feição memorialística, onde o narrador de memórias, no que tange à veracidade dos fatos, em sua forma romanesca, passa em revista as inquietudes e os conflitos fundamentais que o cercam. O miúdo do cotidiano recebe apurado tratamento lingüístico. É, em breves palavras, um livro de excepcionais qualidades, que sem favor algum pode figurar na alta linhagem das Memórias. De acordo com o crítico Luís Augusto Fischer, tal linhagem “tem uma galeria de romances explicitamente concebidos como memórias.” Nas palavras do referido crítico este leque vai de “Memórias de um sargento de milícias”, passa por “Memórias póstumas de Brás Cubas”, “O Ateneu”, “Dom Casmurro”, segue com “Grande sertão: veredas”, “Lavoura arcaica”, e chega aos nossos dias com “Dois irmãos” (Milton Hatoum), “Trapo” (Cristóvão Tezza) e tantos outros. Ressalte-se, mais uma vez, a grandeza desta obra-prima de Edson Guedes de Moraes.

Outro notável trabalho do múltiplo artista Edson Guedes de Moraes é o livro “Vinte anos outra vez e a virgindade do mundo” (Brasília: André Quicé Editor, 1987). Coletânea de 25 contos, todos construídos com alto poder inventivo, contemplando as mais variadas nuances da existência e apresentando personagens emblemáticos que vivenciam suas experiências mais drásticas e por vezes, líricas, a partir da desburocratização do efêmero cotidiano. Cada personagem presente nos contos de Edson Guedes de Moraes luta, incessantemente, contra o amor mecanizado, nessa quixotesca batalha, a esperança – essa flor que nasce nos mais inesperados lugares – desperta a consciência sobre a condição humana. Entre as 25 pérolas de “Vinte anos outra vez e a virgindade do mundo”, escritas ao longo de toda uma vida, algumas podem ser ressaltadas, sem prejuízo para nenhuma outra, como é o caso do conto que dá título ao livro, além de “Naquele quarto, naquela cama entre flores e asas de anjo”, uma narrativa irretocável, digna de figurar nas mais importantes antologias do conto. Outras histórias lapidadas com mão de mestre, são “Veneno de rato” e “Seis personagens perdidos pelo autor”. Edson Guedes de Moraes é um narrador de rara estirpe, do time de craques como Samuel Rawet, Juarez Barroso, Victor Giudice, Dalton Trevisan, Luís Vilela e Luiz Ruffato, dentre os mais inventivos.

Não bastasse ser grande escritor, poeta de apurada sensibilidade e artista dos mais conceituados, Edson Guedes de Moraes toca a Editora Guararapes (EGM) movido pelo princípio ético que norteia o verdadeiro poeta. Aquele que, no dizer de Mario Faustino, “forma sua própria ética no entrelaço de sua luta contra o universo, experimentando e criticando o que lhe foi transmitido”. Em Edson Guedes de Moraes coexistem muitos poetas. Artista continente, sua missão, no transcurso da história, é ressaltar a unidade dos discursos que permeiam o ofício de escrever-criando. ■



Sobrado da Baronesa

O sobrado da baronesa, na praça São João Batista, em Assu, construção do final do século XVIII, reabriu suas portas no dia 26 de dezembro de 2003 para abrigar a Casa de Cultura Popular do município. O espetáculo “Um Presente de Natal”, pela primeira vez encenado na região, marcou a inauguração com suas cores vivas, danças e arte circense.

Assu, a 209 km de Natal, é o quarto município a receber uma Casa de Cultura Popular. As casas de cultura, projeto cultural do Governo do Estado através da Fundação José Augusto, estão funcionando em Caicó, Nova Cruz e Martins. Santa Cruz, na Região Agreste, também inaugura neste primeiro semestre sua Casa de Cultura, no prédio da antiga delegacia, construído em 1923 em frente ao mercado público.

A prefeitura municipal do Assu desapropriou o sobrado em 26 de setembro de 2003 para ser restaurado. O antigo sobrado da baronesa Belisária Lins Wanderley de Carvalho e Silva, falecida em 13 de abril de 1933, é uma construção histórica. Foi edificado pelo Coronel Manoel Lins Wanderley, pai da baronesa, comerciante e deputado provincial e revolucionário contra Pinto Madeira. Foi também residência de Luiz Carlos Lins Wanderley, irmão da baronesa e primeiro norte-rio-grandense a se formar em medicina. O prédio serviu, ainda, como consultório médico de Ezequiel Filho no início da década de 20.

Os pesquisadores Lauro Assunção e Francisco Amorim comentam a importância da baronesa na história de Assu. Segundo contam, Belisária Wanderley, casada com Felipe de Carvalho e Silva, o Barão de Serra Branca, natural

de Santana do Matos, ficou conhecida por ter servido um jantar aos seus escravos na noite em que noticiava a alforria. “A baronesa alforriou seus escravos em 24 de junho de 1885, dia em que se festeja São João Batista, três anos antes da Lei Áurea”, atesta Gilvan Souza, secretário de cultura de Assu.

O sobrado de dois andares foi restaurado, mas as características originais foram preservadas. As dependências da construção de 796 metros quadrados homenageiam nomes ligados à história de Assu. O térreo recebeu o teatro Luís Carlos Wanderley com 66 poltronas, dois camarins, sala de exposição Renato Caldas e bar João Batista Montenegro. O primeiro andar da Casa de

Cultura abriga a sala poeta Moisés Sesyon, duas salas para oficinas de artes e a biblioteca poeta João Lins Caldas. O segundo piso dispõe de cinco salas pequenas e uma maior para oficinas de artes cênicas.

O pátio interno do sobrado deu lugar à praça de eventos Maria Olímpia das Neves Oliveira. As paredes do pátio receberam vinte pinturas feitas por artistas plásticos da terra. O artista plástico Gilvan Souza prepara ainda um painel de cerâmica de dois metros e quinze por um metro e sessenta, onde é reproduzida a famosa cena da baronesa banquetando os escravos na fazenda Serra Branca. Assu, terra dos poetas, com sua Casa de Cultura, abre suas portas para todas as artes. ■

abriga Casa de Cultura



Das reprises

Rubens Lemos Filho (Jornalista)

Sou chegado a uma reprise. Da minha coleção de filmes, não me canso de assistir uma, duas, três, oito vezes, à trilogia completa de “O Poderoso Chefão”, “Os Intocáveis”, “Cassino”, “Era Uma Vez na América”, “Os Bons Companheiros”. Tenho uma quedinha pela máfia e os seus subterrâneos. E reviver é ótimo quando o presente é um cansaço.

Certa vez, lendo um livro que relatava a vida (vida?), de um prisioneiro de sinistra casa de detenção encravada numa ilha deserta, me fixei na terapia que o condenado criou para enfrentar o tédio. A cada dia da semana, ele ia lembrando de determinado período bom da vida, tempos escassos e inesquecíveis.

Era mais ou menos assim o cotidiano do preso: Na segunda-feira, ele voltava aos braços das primeiras namoradas e deliciava-se mergulhando na descoberta do sexo. Na terça, recordava das cestas marcadas em campeonatos juvenis de basquete. Na quarta, regressava à luxúria dos pequenos bordéis e das infectas pensões onde amava animallescamente, ofegante, adolescente. Quinta-feira recitava, um por um, todos os trechos de “A Arte da Guerra”, de Sun Tzu. Sexta e sábado, repassava, em detalhes, os pequenos furtos que o iniciaram na vida criminosa até os assassinatos em série que o qualificaram como psicopata. No domingo, extenuado, dormia.

Quando estou desanimado, ligo o vídeo-cassete que ainda não aposentei. Vou logo buscar uma fita de uns dois anos atrás. Nela, está gravado um programa especial de TV por

assinatura com o maior lateral-esquerdo da história do futebol, Nilton Santos. Tão catedrático que era chamado de Enciclopédia. Tenho por ele uma adoração idiotizada.

Raras imagens e depoimentos de amigos mais velhos garantem que ele jogava demais. Simples e demais. Facilidade exuberante dos gênios. Nilton Santos, até bem pouco tempo, dava aulas de futebol a meninos pobres de Tocantins. Tentava ensinar o impossível criado por Deus. Cada preleção, uma palestra. Nilton Santos, malandragem saindo pelos poros, tem uma voz rouca e uma molecagem desconcertante. Era compadre de Mané Garrincha e foi dele a idéia de o Botafogo contratar o torto. Senão, de parceiro Nilton Santos teria passado a defunto dos gramados.

O documentário é uma beleza de fotografia, direção, texto e craque. O craque é Nilton Santos, ator natural. Ele vai conversando, marejando, até que a jovem repórter sapeca a pergunta: “Por que o futebol brasileiro não produz tantos craques quanto no passado?”

Nilton Santos, sacerdote, alma de menino e pontaria de sábio, responde sem mover um músculo do rosto que guarda alguns traços dos anos 50. “Ué, menina! É que a safra de hoje não é legal. Acabaram os campos de várzea, hoje escolinha é paga e só vai rico. E desde quando rico joga bola?”

Para vocês um abraço. Preciso ir rever a fita que está no ponto. ■

ESCRITURA POTIGUAR

Juliano Homem de Siqueira, 54 anos, é natural de Natal. Filho do poeta Esmeraldo Siqueira e de Iris Meira Lima de Siqueira, fez as primeiras letras no Instituto Brasil. Depois, o Ginásio e o Clássico no Atheneu. Em 1968, ingressou na Faculdade de Direito, em Natal. Por força da ditadura, entrou na vida política clandestina, como militante comunista e na linha da luta armada. Foi preso político no início da década de 70. Em 1974 retorna a Natal, onde em 1977 gradua-se em Direito e posteriormente em Sociologia e Política. É mestre em Direito e Teoria do Estado e coordenador e professor do curso de Direito da UFRN. Em 1966, ficou com o 1º lugar em concurso estadual de poesia. Foi vereador, em Natal, entre 1996 e 2000. Publicou o livro de ensaios “Nas barricadas do fim do século” e tem, inéditos, cinco livros de poesia. Hoje, dedica-se aos poetas e escritores esquecidos, como Abner de Brito e Esmeraldo Siqueira, entre outros.

AO MEU PAI

Nenhum caminho fechado nas pedras de construções deixadas ao meu trabalho e projetos de cidades invisíveis, este o fardo paterno que abracei sem ilusões.

Sangue do meu ser, uma multidão ideal, forma nas ligações eternas que me fazem conviver do combate a todo mal.

Ao que me fez sabendo os mistérios do tempo, entrego palavras e o espaço do meu sentimento: Uma ternura sem limites, uma afeição sem lamento.

CONTRADIÇÃO

Entre o poeta e o poema existe uma distância que os séculos perseguem sem aviso de chegada.

A poesia procura corrigir os desvios que em seus caminhos oculta e multiplica,

enquanto os poetas fabricam lanternas e sobrevivem sós, subterrâneos e etéreos,

nos descaminhos do poema.

IMPRESSÕES DE UM RIO

Nenhum feitor de lendas sonhou rebanho de pastores, nem saiu das areias ao encontro de animais.

Não pensou nas águas nem nas figuras fluentes, antes cultivou desertos e velhas vidas inocentes.

Destas áreas litorais não são possíveis vôos às distâncias siderais das nuvens da ficção.

Por isso resta preso ao chão o motivo do verso, os pastores do rio e sem limites seu universo.

Os rebanhos do rio são mais interiores, difíceis à visão do simples viajante.

Ondas estranhas de peixes, crustáceos e cascalhos, repousam nos leitos que carregam as marés,

sobem confusos à luz fugindo da observação dos que não sabem a escrita que está nas linhas do rio.

Além das mãos, a projeção dos instrumentos amaciados pelo tempo e amigos do trabalho,

não trazem o selo da técnica importada, são aprendizes diários sem férias ou salários.

Membros de artifício dos que peneiram nas águas, limpam objetos no meio e fim do ofício.

Cristais agregados às bordas rochedos de braços de engenheiros, naves ornadas de ostras, mostram as distâncias do rio.

As noites além da barra, as manhãs de pleno peixe, estão cimentadas na lembrança transformada em âncora.

Construções depositadas que abrigam jogos infantis e displicentes pescadores da arquitetura enferrujada.

Uma outra ferrugem compõe o calor do rio: o zinco, a telha, a madeira somados em cortiço.

Saídos da natureza, os pastores do rio escondem-se dos homens nos abrigos sem calor.

Os domadores das estações desaparecem no cinzento, das obscuras moradas que umedecem a alma.

A PEDRA ESCULPIDA

Nesta solidão, não encontro rio onde lave mágoas ou navegue o discurso

(hoje, serpente a correr sobre o chão), entre verdes folhagens da superfície de luz.

(Aqui a construção é feita de sonho, as areias fogem do projeto de pedra).

Se encontro o rio o silêncio cessa, fluirei nas águas a esculpir as pedras.

Um rio que lave palavras em cristal, ou lembre homens e afazeres produtivos.

PAISAGEM DE UM RIO

O mar estende um (a) braço sensual à terra, uma longilarga estrada, líquida avenida salgada.

As praias são iniciais e dunas. Os mangues são depois e lamas.

O corpo a corpo do rio com a terra, é a branca areia e a negra massa.

A virgem margem de pedras e pomares entrega-se integral à serpente erótica.

Cocos, cajus, araçás são mais profundos presentes distantes às águas navegantes.

Os dedos de hidro cavam carícias, nas costas e na cintura feminina do barro.

O retrato do rio tem a moldura da terra, seu espelho tem a sombra.

As bordas alvas casam com o azul, os mangues escuros dormem com o lodo.

A paisagem é mutável no tempo, aprende dos dias e também das noites.

A luz acorda o fardo sonolento da madrugada, cristais se agitam nas águas da manhã.

O brilho mais feroz
cede e acalma,
enquanto as nuvens
mudam de roupa.

Descobre-se a mesa
dos jantares noturnos:
festas sem segredos da lua,
mistério das festas sem luar.

A fala do rio
chama o continente,
o gênio da brisa
convence os rochedos.

Ventos do exterior,
sopros do largo oceano,
são filtrados na flauta
do macio gigante.

Não carrega tempestades
nem iras interiores,
revela-se sem labirintos
fácil rebanho de pastores.

Uma agricultura rara
a que é feita sobre águas,
uma planície hidrográfica
requer seus próprios arados.

Aubos sem química,
rotulados como lixo,
escorregam pelas cercas
até as raízes do mangue.

Aqui o homem esmaga
seus resíduos de razão,
se refaz antropofágico
consumindo as mãos.

O que se oferece aos braços,
ao final deste cultivo,
são os frutos sedentários
quando sem folhas, nem galhos.

Outros produtos saem
destes campos singulares:
brotos da árvore humana,
quando sem folhas, nem galhos.

Coisas sem cheiro,
sem atrativos, incolores,
micros indecisos,
respostas sem vida.

As procissões de pastores
acompanham santos mortos,
as mais constantes carregam
caixões e feixes de ossos.

Nada da festa dos barcos
nem do encanto das velas,
em dias de padroeiras
nos raros marcos do ano.

O rio manda seu filho
a dar de beber à terra,
uma muito pobre quantia
porém oferta sincera.

São passos tímidos,
os dos condutores de cadáveres,
mais sabem correr nas águas
segurando-se nos ares.

Até parece que a terra
não é uma justa morada,
aos que nasceram nas águas
e cresceram em seus abrigos.

Mais cores faria o rio
sendo berço e também tumba,
reconheceria os corpos
que cobriram suas faces.

Mortos conhecidos seriam
velhos órgãos sepultados,
a figurar na paisagem
como barcos encalhados.

A poética das águas



Sindoval Aguiar (Cineasta)
Foto: Candinha Bezerra (livro "Poética das águas")

Em "A mecânica das águas", livro de E.L. Doctorow, é descrita uma Nova Iorque que conhecemos e uma que desconhecemos, cultural e mitológica, em sentido maior, amplo, não entendido. Subjetividades que a hierarquia e o poder julgam desnecessários, porque, para a multidão que dominam, o objetivo é o espetáculo que encenam, projetam e impõem. Verdades sem história, sem memória e sem sensibilidades. Sem a reflexão do tempo carregando e transmitindo poesia, saber, conhecimento e cultura. Coisas difíceis de serem materializadas como o concreto vulgarizado e embalado, disfarçando o mercado que se amplia com a sedução do supérfluo. Nas metrópoles, em seus guetos ou em locais aparentemente inacessíveis, mas dominados pela alta tecnologia.

A Nova Iorque de Doctorow consegue ser vista com antinomias, poesia e cremalheiras. Inquietantes, históricas e bárbaras. Uma mecânica de entendimentos, densidade e poesia, não naufragados com o tempo, apesar das enchentes.

E as águas, no livro de Candinha Bezerra? Significantes pela beleza do eterno incomparavelmente flagrado e que o poeta Moacyr Cirne acrescenta o relativo, quem diria, justamente pelas subjetividades, completando a obra, trazendo com ela o universo de Bachelard, um pensar que incomoda a modernidade submetida ao cibernético, ao

tecnológico e ao científico, à incompreensão do humano, pela falta do fazer poético, do pensar e do preocupar culturas.

Um olhar não se universaliza. Mas as imagens belíssimas, irretocáveis, artísticas de Candinha Bezerra poderiam perder a denotação existente sem a conotação trabalhada e sentida e assumida por Bachelard/Cirne. As imagens cresceram, ganhando aura, aquela tradição evocada por Benjamin numa obra de arte. Aquela existente nas fotos em preto e branco, com as sentidas e expressivas diferenças e contrastes de luz e sombra.

Uma textura além das subjetividades, um Nordeste além do Rio Grande do Norte, além da fazenda Graúna. Uma região onde o mar ainda não virou sertão, nem o sertão virou mar. O alegórico e o mitológico. Com vaquejadas, retirantes, caatinga, gabirola, gente... e outras coisas finas. Afinal, não estamos falando de outro mundo. De um mundo que ainda não é de Deus nem do Diabo. Mas do homem.

A beleza é fundamental e nunca será pouca. Mas senti-la e refleti-la é outra conversa. E o poeta o faz como ninguém. Baudelaire nos diz que o belo é feito de dois elementos. Um eterno e outro relativo. Gênio. Creio que o relativo, quase ausente no livro, o poeta Moacyr Cirne resgatou, inseriu, acompanhando, ao lado de Bachelard: a tradição, a história, o mitológico, o sentir e o pensar; o Nordeste que ama.

Fiel à cultura grega, Baudelaire nos prova que fica difícil o entendimento do eterno sem a presença do relativo, a nossa incompletude, com a presença nossa e de tudo aquilo que sonhamos e desejamos alterar pela compreensão do tempo e das oportunidades oferecidas, não entendidas, escamoteadas, adiadas, pela tradição carregada de desvios que o carrear poético tenta corrigir pelo entendimento da beleza e da crença. O apreender de uma totalidade quase mitológica que a alegoria poética torna real, pelo imaginar, quase viver. Sendo, quase ser.

E o viver não é isso? Essa incompletude? Que nem a arte pode completar, mas caminhar, abrindo caminhos, evitando a impositividade de uma tradição que trai. As imagens projetadas por Candinha Bezerra viraram cinema, pela linguagem de conotação e denotação Bachelard/Cirne, com ritmo, beleza, poesia e filosofia. O eterno e o relativo. Felizmente, ninguém escapa de um mundo assim. Dimensão e proteção do belo. Da arte e do saber. Uma hegemonia sem senso comum entre o homem e a natureza. Com liberdade, tolerância e diferenças. Como a inversão do olhar. Que é mais visto do que vê. Uma câmera interrogada. Por que não? Com a dúvida a sustentar. ■



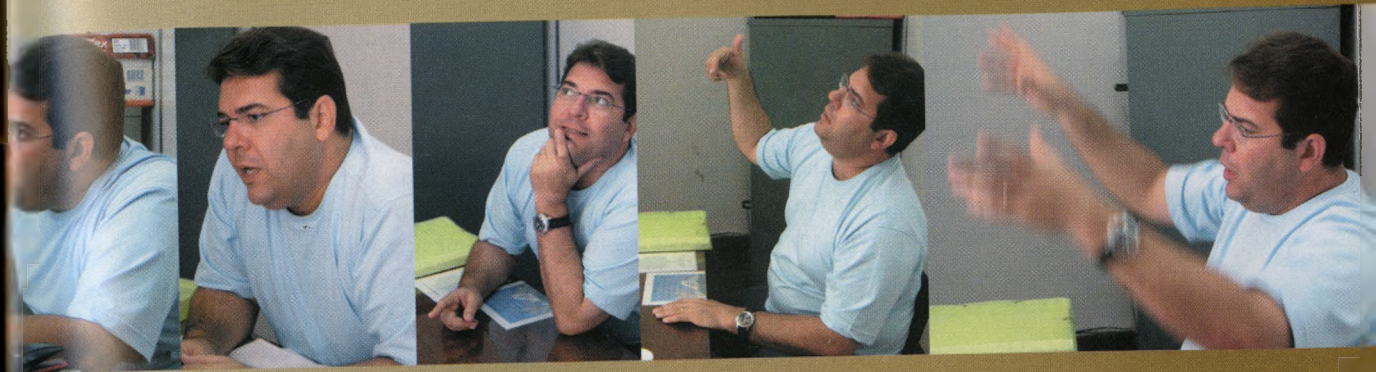
Atendendo ao chamado da poesia

Por Tácito Costa

Fotos: Areta Luna

A entrevista, na Fundação José Augusto, estava marcada para às 11 horas. Mas o poeta Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, 41 anos, nascido e criado em Natal, se antecipou em meia hora. Coisa rara no Brasil. Essa a primeira surpresa. Eu o conhecia apenas de fotografias publicadas na imprensa. E embora tivesse visto fotos dele no jornal recentemente (em dezembro foi empossado Desembargador do Tribunal Regional Federal da 5ª Região), não o reconheci, porque nas fotos ele aparece de paletó e gravata e com aparência sisuda, própria de cargos importantes como esse.

Na Fundação, me aparece um cara de camiseta azul, jeans e tênis, aparentando menos idade do que eu imaginava - idade que eu construía a partir das fotos dos jornais -, e parecendo mais um ator, um artista plástico, um músico, dos muitos que diariamente passam pela Fundação José Augusto. Distante tanto das imagens fotográficas conhecidas por mim quanto do estereótipo do intelectual. Por isso não o reconheci. A segunda surpresa. Ele se apresenta e o levo para uma sala onde conversamos por quase duas horas.



Marcelo Navarro não é de todo desconhecido no meio literário potiguar. Em junho de 2000, foi apresentado pelo poeta Luís Carlos Guimarães, em sua prestigiosa coluna "Pois é a Poesia", no jornal cultural "O Galo". Não poderia ter melhor patrono. Naquela ocasião, Marcelo já estava com seu livro "O olhar e a sombra", quase no ponto para editar. Coisa que ainda não fez, passados quatro anos. De lá para cá, vem fazendo pequenos ajustes nos poemas, que denunciam um renitente perfeccionismo.

O que me lembrou a história - e eu conto a Marcelo - do poeta José Bezerra Gomes, impedido de entrar na Gráfica Manimbú, onde estava sendo impresso um livro seu, porque todos os dias ele aparecia e cortava palavras, trechos inteiros dos poemas (nada de acrescentar, só cortando, cortando), o que levou o presidente da Fundação José Augusto à época, Sanderson Negreiros, à decisão drástica. O poema "PARIS", por exemplo, acabou com apenas três estrofes: "Uma/maçã/no caminho".

Na apresentação do novo poeta, Luís Carlos Guimarães chamava atenção para a qualidade dos poemas de "O olhar e a sombra". "Impressiona, sobretudo, num primeiro livro e nos verdes anos do poeta, o domínio sobre a forma. Veja-se em "O olhar e a sombra" a par da espontaneidade de alguns poemas de tons coloquiais; outros, assimilados da realidade cotidiana, resultantes de reflexões ou leituras, ou filtrados da memória abordam reminiscências da infância e da juventude; e por fim, uns poucos têm a brevidade que denota concisão, demorada e arguta elaboração".

Indago se o livro - que deverá ter apresentação do poeta Paulo de Tarso Correia de Melo (que a tanto se comprometeu) e orelha (agora, infelizmente, póstuma)

de Luís Carlos - tem unidade ou segue alguma temática. "O livro não tem um eixo, uma vez que os poemas foram feitos em diferentes momentos da minha vida", justifica o poeta, que respondeu ao chamado da poesia quando tinha por volta de 15 anos de idade.

Leitor voraz, tendo começado pra valer aos seis anos, com Monteiro Lobato, de quem leu tudo, Marcelo Navarro é da velha estirpe dos juristas humanistas e literatos, a começar por seu pai, Múcio Ribeiro Dantas, Hélio Galvão e Mário Moacir Porto, entre outros. Mestre e Doutor pela PUC-SP, professor de Teoria Geral do Processo, da UFRN, e autor de vários livros na área de Direito, como "Reclamação Constitucional no Direito Brasileiro" e "Mandado de Segurança Coletivo - Legitimação Ativa", é considerado nos meios jurídicos um prodígio. Tanto pelos consecutivos primeiros lugares que tirou em concursos - incluindo o Vestibular - em sua área, quanto pela idade prematura com que chegou a Desembargador Federal, como ainda pelo enorme saber jurídico.

Essas informações sobre o desempenho intelectual e profissional são de domínio público, mas as confirmo com dois admiradores: a ex-aluna do curso de Direito, poetisa Carmen Vasconcelos e o amigo Décio Holanda, funcionário da Fundação José Augusto. "Ele é freqüentemente consultado acerca de questões intrincadas por outros juristas importantes, mas trata-se de uma pessoa modestíssima, que conversa com qualquer um", afirma Décio.

Pergunto a Marcelo se essa tradição de juristas literatos não está em extinção. Revela que não e cita nomes de alguns colegas que, embora sem maior publicidade,

estão produzindo poesias e contos de qualidade. Parte da bagagem jurídica e cultural ele conta que adquiriu na biblioteca do pai, Múcio Ribeiro Dantas, que segundo o filho, deixou escritos e ainda inéditos “contos muito bons e ensaios extraordinários”. O outro caminho que, segundo o poeta, o levou também à poesia, foi a leitura dos livros de português. “Os do meu tempo vinham com poesias e trechos de prosa, principalmente dos bons autores brasileiros”, recorda.

Fora do Direito, publicou uma plaquete pela Coleção Mossoroense - a partir de conferência sobre o “30 de Setembro” (data em que Mossoró libertou seus escravos), traduziu e publicou (em “O Galo”) “A uma locomotiva no inverno”, trecho do longo poema de Walt Whitman, “Folhas da Relva”.

Conversa puxa conversa, e falar sobre poetas, inevitavelmente, remete a outros poetas. Está na cara que ‘O poeta da América’, Whitman, faz parte do cânone do vate potiguar. Quem mais? Indago. De língua portuguesa, cita Bandeira (“o de quem mais gosto”), Castro Alves (“o maior de todos”), Drummond, Ariano Suassuna, João Cabral, Pessoa e José Régio, este último também português. De fora, os franceses Baudelaire e Rimbaud, os italianos Dante (“acho fantástico”), Eugênio Montale, Salvatore Quasímodo e Giuseppe Ungaretti, o espanhol García Lorca, os americanos Whitman e Poe (“papai era maníaco por ‘O Corvo’”), entre outros. “Vamos descobrindo novos poetas a partir da nossa ignorância e como a minha é grande...”, deixa escapar Marcelo, entre uma citação e outra. Ainda dá notícia de um livro “Os pilares da terra”, de Ken Follet, que segundo ele, é excelente.

Entre os autores potiguares, a lista é grande. Jorge Fernandes, Luís Carlos Guimarães (“se tivesse publicado no Sul seria sucesso”), Nei Leandro (“Pelejas de Ojuara é uma maravilha”), Cascudo, Alex Nascimento (“tem um talento absurdo, seu domínio da técnica do soneto é invejável; na prosa o comparo a Campos de Carvalho”), Iracema Macedo, Carmen Vasconcelos, Adriano de Sousa, João Gualberto. Cita um poeta de quem leu inéditos, Joanilo de Paula Rego, que nunca deu a público o grosso de sua produção. “É um grande poeta e tem uma inteligência fulgurante, gostaria que Giovanni Sérgio {filho de Joanilo}, tomasse a frente e publicasse os poemas dele”. Entre uma citação e outra, a constatação, que todos nós partilhamos: “Nossos autores são menos valorizados do que merecem”.

Em poesia, faz questão de frisar, gosta de todos os estilos: Barroco (é fã de Gregório de Mattos), Parnasiano, Simbolista, Romântico. E confessa que lê literatura apenas por prazer. “Não leio se não gostar”, diz. A frase remete a Borges (em “Jorge Luís Borges – Cinco Visões Pessoais”): “Se lemos algo com dificuldade, o autor fracassou”, garante o escritor argentino, para quem “um livro não deve exigir esforço; a felicidade não deve exigir esforço”.

Marcelo revela ainda que adora ler romances históricos e infanto-juvenis. Essa última predileção, afirma, é motivo de galhofa entre os amigos. Entre os autores de infanto-juvenis, Alexandre Dumas é seu ídolo. “O Conde de Monte Cristo” é o romance mais perfeito sobre a vingança que já se escreveu”, assegura, satisfeito porque os restos mortais de Dumas foram transferidos no ano passado para o Pantheon francês, onde estão outros grandes escritores da França.

Por minha iniciativa, lá pras tantas a prosa resvala para o cinema. Sondo as preferências do poeta. Ele admite ser fiel ao lema do Grupo Severiano Ribeiro: “cinema ainda é a maior diversão” {risos}, e que gosta de comédias, filmes de James Bond. Nada de “cinema cabeça”. No máximo, filmes “noir” e de Hitchcock.

Vamos chegando ao final da conversa e quero saber a opinião dele sobre o futuro do livro. Marcelo Navarro se mantém confiante. Não teme as novas mídias, principalmente a Internet. Para ele, o livro não morrerá, poderá, sim, assumir novas formas. “A questão central - e complicada - é buscar ganhar novos leitores”, garante.

Para isso, contamos com o reforço da poesia dele (precisa só ser publicada, claro!), da qual vocês têm uma “amostra grátis” na página seguinte. 📖

Auto-sermão da montanha

Marcelo Navarro

Esconder-me das pedras
Embeber-me do chão de areia
Morar na mansuetude
Conversar com as cócegas.

Escrevinhar nas vinhas
Navegar as nuvens
Negar-me à vaidade
Irmanar-me aos bocejos.

Revestir-me de cinzas
Regurgitar de insetos
Deitar-me no frio
Sorver todo o orvalho.

Andar com os carvalhos
Celebrar a cruviana
Animar-me do panorama
Aninhar-me na grama

Cascavilhar o aconchego
Sombrear a ansiedade
Descansar no poente
Mastigar-me de sementes.

Semelhar-me ao pássaro
Hospedar o coelho
Admirar o velho
Imitar a ovelha.

Socorrer-me do estio
Escolher-me da chuva
Amornar com os brilhos
Cantar de tanta dorlência.

Mascarar-me de sol
Macerar-me à sombra
Assombrar-me de espinhos
Respirar as franquezas.

Mandar-me às favas
Soltar as travas
Saudar as larvas
Matar o bolor.

Beijar a flor
Comer o perfume
Coser o tom
Tosar o com.

Abraçar-me à música
Afagar os abraços
Afogar-me de laços
Musicar os meus passos

Compreender da mulher
Empreender o mistério
Silenciar o império
Falar como o pêssego.

Gritar o silêncio
Dormir o favor
Cheirar o langor
Escutar o signo.

Categorizar-me do digno
Dignificar-me do benigno
Louvar o único
Amar o sacro.

Povoar-me do mágico
Manejar o lúdico
Maneirar o lúcido
Namorar o pouco.

Viver do simples
Crescer do mínimo
Ajuntar-me aos plácidos
Morrer-me o trágico.

Acercar-me do súbito
Afastar-me do súdito
Alhear-me do fátuo
Alegrar-me do fato.

Associar-me ao outro
Acostar-me ao fraco
Repartir a dor
Repetir o dar.

Tocar o tempo
Gozar da água
Saber da hora
Colher o agora.

Passar a estrela
Pastar a margem
Bastar-me o rio
Parecer-me ao fogo.

Decepcionar o trilho
Acalentar o filho
Tomar banho de sonho
Trabalhar o prazer.

Guardar-me do sábado
Grudar-me ao sáfaro
Seguir ao vale
Descer da montanha.

Milton, Cirillo e Walflan

A poesia dos três

Carlos Gurgel (poeta)
Arte sobre foto de Giovanni Sérgio

Milton Siqueira, libertário, miserável e verdadeiro produzia versos soltos, alucinantes e cheios de vontades planetárias. Rabiscava em ponta de esquina, dentro de igrejas ou a caminho do mar. Maltrapilho, pedinte vitalício, olhos refratários. Ajuizava e alucinava quem não soubesse do nu e do cru da própria vida. No Café "São Luiz" tragava todos os fantasmas, medos e assombrações *underground* da província. Atacava com o seu verbo solto quem lhe apunhalasse desatinadamente, seu confessor-mor da dor de quem pede o perdão e de quem trai o próprio sol. Solitário, bebedor e ermitão, navegava com os anjos mentais, atordoando diálogos intercontinentais. Vagando na noite feito sombra de nós mesmos, não se dispunha ao convívio tátil; gostava mais de besuntar seus cigarros loucos e roucos. Por pouco, em

um dia, não extravasou toda a agonia de uma procissão cristã. Costurando corpos e com sua voz gutural foi fazendo pilhéria do que encontrava pela frente. Viveu como poucos. Morreu como todos nós.

Já Walflan Queiróz, com seu cigarro nutrindo medos, decepções e angústias, abocanhava com seus olhos de amor o que a gente escondia por trás do papo insano. Sempre na "universitária", ficava com o olho no além, atravessando a "Rio Branco" como se descortinasse no asfalto pegando fogo e fato uma nova cordilheira dos dândis. Dândis de um aterro minado, cheio de deleites vagos, cortes de realidades cósmicas e a cruz divina alicerçando sonhos e dejetos tropicais. Foi com a poesia de Walflan que conheci o submundo da angústia humana.



E Miguel Cirillo? O que dizer do mesmo? O seu "Elementos do Caos" pressupõe a eternidade dos nossos gestos. É livro que não finda. Permanece cada vez mais à frente do nosso tempo, essa ilusão dos nossos olhos.

Miguel sofre, como a maioria de nós, do que poderíamos chamar de claustrofobia cênica. Veja ele na rua, na praça ou nos jardins da cidade. Aí, sim, temos a exata noção do que podemos sentir de um poeta na mais exata expressão do seu centro: vive como poucos a contradição que o coração requer enxaguando sábados e domingos.


Com Miguel, o brilho, a razão, o instinto, o desvelo, o antônimo, o véu, o espelho e a reinação do mal são coisas atemporais e efêmeras iguais a um grito, a um espanto no meio da noite.

Com Miguel todos nós somos imortais. Porque posto que a nuvem do coração humano bate mais forte quando o perdão e o pecado moram numa mesma vala. Somos barro, todos nós, sustentados pelas mentiras do passado e pela desesperança do futuro. Igual a um filme interrompido pelo estampido de uma lembrança impessoal.

Com Miguel, a luz dos olhos das crianças fermentam fé, berros e alegrias circenses.

Sim, porque seus olhos como duas antenas que intercambiam fantas, fontes e fintas por entre flores de um jardim imaginário; soluçam risos, ecos e tempos outros.

Sim, eu sei, que tanto Miguel, tanto Walflan e tanto Milton são pessoas especiais. Eles (os três poetas) nascem, crescem e produzem o tempo todo como se fossem máquinas de fiar o avesso do que está aqui. Eles estão sempre reinventando tudo. Como o sabor do marinho que chega de desvios marítimos e preenche com sua simples presença o que está faltando na boca das pessoas: a sutileza da palavra exata.

Igual à lua, ao mar, ao vento e à imensidão dos nossos gestos ao redor do tempo. 

Moacir C. Lopes (Escritor)
Ilustração: Sayonara Pinheiro

Um dia, já em idade madura, com vários livros publicados, projetei escrever um livro tendo como personagem um ator de teatro que assumia, ao limite extremo, o comportamento e o psiquismo dos personagens que interpretava e permanecia tão possuído deles que atingia o estado de loucura. Se estivesse interpretando Dorian Gray, ia chafurdar em mafuás e beiras de cais onde podia atrair donzelas para desvirginizar, e a cada madrugada olhava-se no espelho para constatar se sua imagem marcava os ritos de suas maldades; quando interpretou Ulisses, amarrado ao



Os personagens de nós mesmos

Mas descobri que outros autores já haviam abordado esse tema, ou algo parecido, em que o autor discutia com seus personagens, a começar pelo escultor Pigmalião que se apaixonou pela estátua que criara e conseguiu dar-lhe vida.

Assim, resolvi escrever sobre os personagens que existiam dentro de mim mesmo e fui acumulando, pela convivência, ao longo da vida, e outros que a sociedade me quis impor, como um aspirante a carro importado do último ano ou proprietário de uma ilha da fantasia, uma conta em banco suíço, viciado em videogames e coca-cola etc, etc, etc.

mastro de sua embarcação para não escutar o canto das sereias que ameaçavam arrastá-lo para o fundo do mar, enlouqueceu por não poder desamarrar-se e jogar-se às ondas para amar sereias, e foi internado em hospício. Quando interpretava Jesus Cristo, na Semana Santa, ia a locais desertos para enfrentar as tentações do Demônio, e se autoflagelava até achar que podia ser de verdade preso a uma cruz, com mãos e pés perfurados e sangrar até a morte, mas ressuscitar pela manhã: foi internado em pronto-socorro com hematomas e sangramento. Quando interpretava Quasímodo, o corcunda de Notre Dame, de tão imbuído do personagem, jogou-se do ponto mais alto da Igreja da Candelária: foi enterrado no cemitério de Inhaúma.

Comecei naquele primeiro caso, absorvendo personagens de histórias que me contavam desde a infância, ou que já podia ler em folhetins e livretos de cordel, ou representar ao vivo em festas de arraial. Além das parlendas e travelínguas nas brincadeiras de rodas com meninos e meninas da primeira infância, fui o moço que tentou salvar a filha do rei de Espanha: "A filha do rei de Espanha/foi à fonte, foi lavar/a jóia caiu do dedo/foi para o fundo do mar/- Se eu apanhar essa jóia/o que é que você me dá?/- Eu dou um beijo na face,/não tenho por que negar".

Depois, fui o Conde de Montealbar, namorado de Dona Branca; amei a bela pastorinha: "Bela pastorinha, que fazes aí?/ - Apascento o gado/que estás vendo aqui./ - Tão gentil mocinha/pastorando o gado.../ - Já nasci, senhor/pra tão triste fado,/ - Sai por um monte,/qu'eu saio por outro,/a ajuntar o gado/que é nosso todo". A seguir, fui Rolando, um dos doze pares de França, o mais valente guerreiro da hoste de Carlos Magno no combate aos mouros, derrotado no desfiladeiro de Roncivalles. Andei percorrendo prados e montanhas, como um dos cavaleiros da Távola Redonda, procurando o Santo Graal, o desaparecido cálice sagrado servido a Jesus Cristo na ceia com seus discípulos, no qual José de Arimatéia recolheu seu sangue durante a crucificação.

Fui algumas vezes, a pedido do padre de meu povoado e de minha mãe, o Guia do Pastoril e enamorava-me da Ceifeira, que ia à frente da Cigana, do Galego, dos pastores e das pastorinhas, nos festejos de Reis. E fui um dos cavaleiros da Cavahada, montado em alazão, trajando blusa azul, a empunhar a lança para derrubar as argolas pendentes dos postes, na guerra entre Cristãos e Mouros, estes de blusas vermelhas, do tempo das Cruzadas, e a menina mais bonita de minha aldeia era a dama a quem entregaria meu troféu da vitória. Fui um dos oficiais da guarda do exército de Dom Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir e escondi seu corpo morto para não desanimar seus guerreiros e fazer crer que ele voltará, algum dia, com o mesmo exército para redimir a honra e o orgulho de minha gente.

Fui gajeiro da Chegança-de-Marujos da Nau Catarineta: "Faz vinte e um anos e um dia/que andamos nas ondas do mar,/botando solas de molho/para de noite jantar./A sola era tão dura,/que a não pudemos tragar./Foi-se vendo pela sorte/quem se havia de matar,/logo foi cair a sorte/no capitão-general./ - Sobe, sobe, meu gajeiro,/ meu gajeirinho real,/vê se vê terras de Espanha,/areias de Portugal". Apaixonei-me pela Bela Infanta e pela loura Salóia, participando dos cantares do Capitão-Piloto, do Mestre e do Contramestre, do Sargento-mar-e-guerra, de Calafate e Calafatinho, ao som de violões, maracás, ganzares, acompanhando os lamentos da maruja atravessando a tempestade, "Matamos o cão que tínhamos para ladrar/matamos o nosso galo, ô Tolinda/para ao meio-dia almoçar/a sola estava tão dura/que não podíamos tragar/botamos outra vez no fogo, ô Tolinda/

pra no outro dia jantar/deitamos as sete sortes/para ver a quem matar...".

Depois fui acumulando afeições, rostos e feitos de pessoas, pela vida afora, que fizeram parte da minha formação e acabei por transformá-los em personagens, de vidas autônomas, e personagens de mim mesmo, porque se incorporaram à minha própria vivência.

Ainda fazem parte de mim essas influências, que se somaram ao meu caldeamento cultural.

E poucas pessoas, sobreviventes como eu dessas origens, podem gabar-se dessa formação sedimentada pelos mitos e credences, oriundas das origens medievais ibéricas, francesas, holandesas, que ajudaram a formar a consciência da nação brasileira, incorporaram-se à sua cultura popular.

As gerações mais recentes, da segunda metade do século XX aos nossos dias, não puderam mais incorporar, à sua vivência, aos seus hábitos e costumes, mais do que a cultura herdada da memória de duas guerras mundiais, daqueles jovens do Festival de Woodstock que disseminaram pelo mundo a contracultura, ou a nova cultura do "sexo, drogas e rock-and-roll", universalizando a queda dos mitos, do sonho, da utopia, a banalidade generalizada, a mediocridade institucionalizada; não mais que a cultura de Bretton Woods, de acordos que promoveriam a nova política monetária e comercial no mundo inteiro, com o surgimento do Fundo Monetário Internacional, que também gerou o controle mundial da moeda, com uma sede única, que, por sua vez, gerou a cultura monetarista, a globalização, o neocolonialismo, a partir também de uma sede única, a Matrix, criando os novos mitos do homem-consumo, homem-moeda, homem-robô, cultura cristalizada pelos ditames da mídia internacional.

As novas gerações, descendentes dessa geração desmemoriada da segunda metade do século XX, que sequer herdou memória alguma, cultura nacional alguma, mitos ou lendas por cultivar, porque foram destruídos, esses jovens de hoje, que não sabem mais o que foram ou que são, morrerão sem lastro e sem futuro porque não têm passado. Apenas morrerão incógnitos, sem deixar rastro.

A menos que lhes seja inculcada a necessidade do retorno à consciência de uma cultura eminentemente nossa, que a temos à exaustão, naqueles folguedos e autos, na fonte de nossos cancionários populares, nos cantadores e cordelistas, nos mitos indígenas, afro-brasileiros, ibéricos, gauchescos, rescaldos das culturas francesa e holandesa, italiana, alemã, polonesa, japonesa, mascates mouros e judeus irmanados, que se incorporaram à alma brasileira, e nos exemplos dos heróis que lutaram e morreram por nossa independência cultural, social e econômica. Quando não havia Bushs e McDonalds, FMIs, pastores-camelôs que negociam Deus e Jesus Cristo como se fossem mercadoria banal e adulterada, e a mística da globalização com seus falsos profetas. ■

A residência na terra de Maria Eugênia Montenegro



Márcio de Lima Dantas
(Professor de Literatura Portuguesa do Departamento
de Letras da UFRN)

*Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar!*

Manuel Bandeira

Diante da fachada, de um azul intenso, a memoração com sua vertigem soberana, solenemente aciona aquela sensação de quando nos defrontamos com um objeto estético ou agente impregnado com a pátina da História. A larga calçada clama a deferência, lançando-nos nos recônditos de um imaginário que diz para retirarmos as sandálias. É uma antiga casa. Sua simetria rigorosamente bilateral é composta de três grandes janelas, ladeadas por duas portas, todas rasgadas em arcos abaulados, sendo que um terço do comprimento é ocupado por uma semi-rosácea de vidro transparente, dividida em cinco segmentos. Lembra um pouco, pelos frisos, pelos contornos em alto-relevo, brancos, e pela predominância dos ângulos retos, as construções neoclássicas. Encimando o conjunto descrito, há uma estreita platibanda de despojado lavor, preenchida por azulejos com motivos geométricos. Todas as portas e janelas são divididas em duas partes, denotando uma ausência de temor, convidando a brisa tépida, vinda dos carnaubais, a refrescar os dias ensolarados e quentes do Vale do Assu.

Situada entre a praça Getúlio Vargas e o antigo Beco do Padre, a casa fica no *rez-de-chaussez*, ou seja, existe apenas o pavimento térreo. Voltada para o sol nascente, limita-se a um comprido retângulo um pouco acima do nível da rua. Um batente dá acesso ao assoalho da sala. Não há sótão, tampouco porão, denotando o pouco caso com o inconsciente ou uma busca de elevação espiritual. Há apenas o plano terrestre, no qual os cômodos representam as partes do corpo com suas demandas simbólicas. Residência ideal para os que se sentem intrinsecamente ligados à vida e ao que ela proporciona de beleza estética e prazer físico.

É aqui aonde reside a escritora norte-rio-grandense Maria Eugênia Maceira Montenegro, nascida em 1915, e que no vindouro e cabalístico 7 de outubro, fará 88 anos de vida. Advinda das Minas Gerais, casada com um Engenheiro Agrônomo que estudou em Lavras, veio morar numa fazenda do antigo arraial de N. Sra. dos Prazeres do Açú. A casa ostenta uma simplicidade que muito se assemelha às antigas residências senhoriais; quase defronte à Igreja

Matriz, um pouco mais à esquerda de quem fica de costas para a casa. Distância suficiente para ouvir o hinário e as rezas da igreja em louvor a São João Batista.

A porta principal não é trancada a chave, como se aguardasse permanentemente uma visita, que trouxesse alvíssaras ou simplesmente o agradável de uma presença, campeando sobre a solidão, espantando-a para as ermas estradas deixadas no passado. Ao ser anunciado por uma moça muito gentil, a velha senhora se faz demorar um pouco, suficiente para o advento no corpo de uma dignidade herdada das antigas famílias mineiras. Adentra na sala, qual rainha destronada e no exílio, derramando sorrisos e palavras de boas vindas. O corpo alquebrado pela velhice torna-se em festa. Parece vir de longe, arrastando consigo, num hieratismo franco e discreto, o cortejo de emblemas da sua estirpe. Os poucos momentos de uma agradável visita alicerçarão um ou dois dias de prazerosa lembrança, esgarçando-se com o passar dos dias. Os idosos, aqueles não amargos, sustentam-se nos exíguos fios das reminiscências geradas por algum fortuito evento sucedido num dia, como se fossem esmolos, farelos de vida, doados parcimoniosamente pela Fortuna.

Tudo resguarda uma história. A pátina de Cronos, qual esmalte transparente, recobre todos os pertences da antiga casa. Parece não haver arcanos de espécie alguma. Qualquer presença pode ser dita e explicada de onde veio. A transparência é tamanha que a luz esplende seus reflexos no assoalho recoberto por mosaicos, cuidadosamente limpo, indiciando lugar no qual não transita muita gente, onde a solidude repousa, com a mesma paciência da dona.

A casa com seus objetos quedados nos cômodos, submetida à cal viva do tempo, reveste-se de um caráter antípoda. Ao mesmo tempo que se funda numa necessidade da existência, pois é ela a outorgadora de uma identidade, subjetiva ou social; em contrapartida, está sempre na iminência de se extinguir, de sucumbir quando do desaparecimento do seu proprietário. Os herdeiros, mercenários, deterão apenas o que tiver valor financeiro. Quando do passar de poucos dias, os relógios farão escorrer seus ponteiros em direção às insossas efemérides e novidades da vida ordinária.

O cortejo de signos: telas, bibelôs, panos de renda, alfarrábios, indumentárias, móveis antigos, ensaia as pompas das exéquias, esboçando a dolente canção elegíaca do esquecimento atroz que cobrirá a proprietária, - malgrado as horas dedicadas à escritura de livros com forte conteúdo humanista, - sim, só os objetos serão gratos àquela que os animou e imprimiu sua consideração ao seu estado, indiferente, de mineral. Os tempos vindouros não prometem mais transcendência por meio da arte. A terra se encontra em transe. Não temos garantia de nada.

Os objetos prantearão a *menina feia*, vinda de muito longe, de um lugar chamado Minas Gerais, lavrado entre montanhas recobertas de exuberante verde-lodo, chegada esposa e indo viver numa fazenda povoada de plantas e animais, de acidentes geográficos e paisagísticos, dos quais não sabia o nome nem a função, e cujo território passava metade do ano acinzentado. Nessa ambiência, as tramelas da memória foram arrebentadas pelas amoladas foices da solidão. Imagens mentais tiveram que ser confeccionadas em feixes de frases, engendrando livros nos quais os réverberos autobiográficos tonificaram obras que hoje irrigam o sistema literário do Rio Grande do Norte. *Tudo me chama: a porta, a escada, os muros, las lajes sobre mortos ainda vivos...* (Cecília Meireles).

Agora a lonjura dos dias é preenchida por lembranças. Uma fadiga crônica se instalou - "estou morta de viver" - nos ossos. Nunca mais a deixará. O dízimo da velhice é alto. Labaredas consomem as derradeiras energias. Apóia-se nas paredes. Desculpa-se. Quedada sobre as cadeiras, agarra-se às autênticas amizades - ao telefone: "diga, meu querido" -. No limiar dos 88 anos de idade ainda está aberta ao cultivo de uma nova amizade. (Que alma!). Houve quem dissesse que muito ela havia se arrependido de não ter sido mais desprendida, de não ter aberto sua biblioteca a mais pessoas, de não ter amado mais. O balanço de uma vida é sempre um processo solitário e ímpar, pródigo de sentimentos dúbios ou culpas de desbotado matiz.

Da memória desprendem-se nomes, intactos, cada um com sua devida importância, com seu lugar numa história de vida: Nelson, Nieta, João Lins Caldas, Mário, Solon, Rita, Renato Caldas. Lembrar também cansa. Exercício que arrasta o inútil de abstrações que não levam a lugar nenhum. Vive-se de Vida, nunca ouvi dizer o contrário. Recordações são cinza fria nos lábios, representações de somenos. Nonadas.

Na vasilha de unguento restou um pouco de sal. Na despensa apenas um tanto de óleo sagrado, suficiente para untar o corpo baço, pleno de ranhuras, pontilhado de sardas e de outras manchas outorgadas pelo caminhar em agrestes rodagens. A sobrevivente antecipou o luto.

Resta o aguardo. Mulheres de pescadores, azuis, como na tela de Picasso, na praia, ansiando o nome dos desaparecidos. Os quadros, desbotados, quietos, na parede.

Alguém sabe de alguma profecia, que falasse, assim, de uma imperatriz exilada, vinda de um país distante onde as montanhas, no raiar do dia, espreguiçam-se entre a névoa e um exuberante verde? Alguém, ao dizê-la, estancaria a nascente viril de um desespero sem lágrimas, o meu. Alguém? Alguém... ☞

Urebelde refinado

Oscar Wilde



Rubens Coelho
(Jornalista e escritor)

Em meio à agitação social e cultural que experimentava a Inglaterra na segunda metade do século XIX a presença do escritor e dramaturgo irlandês Oscar Fingal O'Flahertie Willis, ou Oscar Wilde, é proeminente.

Sua obra mais conhecida é a excelente novela, "O Retrato de Dorian Gray". Mas outras tantas de sua autoria não são menos valiosas. Como as peças: "O Leque de Lady Windermere", "Um Marido Ideal" e a "Importância de ser Prudente". Embora pouco conhecidas do público brasileiro, tiveram grande repercussão e fizeram muito sucesso, lotavam os teatros de Londres por volta do ano de 1895.

Foi nesse mesmo período que Oscar Wilde escreveu um belíssimo ensaio sobre o socialismo – "A Alma do Homem sob o Socialismo", que depois ele resumiu para somente "A Alma do Homem". Nesse trabalho, o escritor faz seu voto de fé nas idéias socialistas, defendendo-as ardorosamente como a melhor opção ao humanismo, como afirmava.

O interessante é que, espelhando a realidade de seu tempo, nem por isso deixa de ter conceituações atuais: "Socialismo, comunismo, ou que nome lhe dê, ao transformar a propriedade privada em bem público, e ao substituir a

competição pela cooperação, há de restituir à sociedade sua condição própria de organismo inteiramente sadio, e há de assegurar o bem-estar material de cada um de seus membros. Devolverá, de fato, à vida, sua base e seu meio natural".

Considerava que, apenas no socialismo, brotaria o "individualismo", num conceito obviamente diferente do que hoje se tem do termo. O individualismo pregado por Wilde seria o estágio em que a pessoa suplantara suas necessidades materiais, voltar-se-ia para si, numa reflexão através da qual sua mente criativa ensinaria o surgimento da arte e do belo, porque livre das amarras da propriedade privada, onde a exploração do homem pelo homem faz o ser escravizado. "A admissão da propriedade privada, de fato, prejudicou o 'individualismo' e obscureceu ao confundir um homem com o que ele possui. Desvirtuou por inteiro o individualismo. Fez lucro, e não aperfeiçoamento, o seu objetivo. De modo que o homem passou a achar que o importante **era ter**, e não viu que o importante **era ser**."

A verdadeira perfeição do homem reside não no que o homem tem, mas no que o homem é. A propriedade privada esmagou o verdadeiro individualismo e criou um individualismo falso".

No texto transcrito, observa-se em Wilde a visão fatalística dos males que afetam a humanidade, preconizando, como única alternativa para livrá-la desses males, a extinção da propriedade privada. "Quando abolido, o individualismo teria verdadeiras condições de desenvolver-se. Haveremos de ter o individualismo verdadeiro, harmonioso e forte. Ninguém desperdiçará a vida acumulando coisas ou à cata de símbolos para elas. Haverá vida. Viver é o que há de mais valioso neste mundo. Muitos existem, e é só". Conclui.

Muitas biografias de Oscar Wilde foram feitas quase sempre chamando a atenção para sua vida agitada, polêmica, aparentemente frívola, sem atentar para os detalhes de sua personalidade controversa, e nessa superficialidade analítica, subestimaram a importância de suas obras de profundo conteúdo social. Não se deveu à mera coincidência esse comportamento, naturalmente resultado da cautela dos biógrafos em se

expor, apresentando o exato sentido do trabalho do autor, extremamente crítico em relação à conservadora, moralista e hipócrita sociedade inglesa da época. Evitavam o risco de com ela se indispor, a realidade recomendava prudência, se resguardavam.

Não obstante, consciente da utopia em que acreditava, Wilde considerava importante tê-la e defendê-la como motivação à vida, como fez em relação ao socialismo pleno: Isto é utópico? "Um mapa-múndi que não inclua a utopia não é digno de consulta, pois deixa de fora a terra em que a Humanidade está sempre aportando". Aproximava-se mais do socialismo idealista de Hegel e Proudhon, do anarquismo de Bakúin e Kropotkin do que da dialética do materialismo histórico de Karl Max e Frederico Engels. Para Wilde o sonho sobrepuja a realidade.

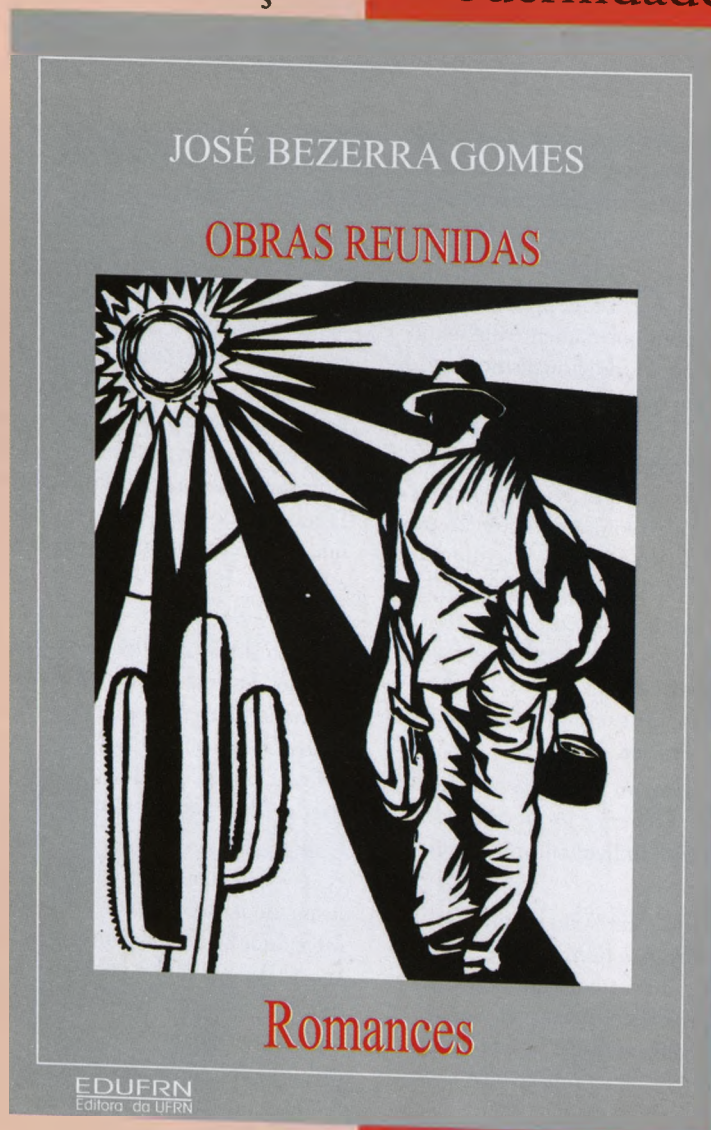
A generosidade das idéias do grande escritor e dramaturgo irlandês desafiou a poderosa elite inglesa, que se vingou, acusando-o de crime de homossexualismo por causa do relacionamento amoroso com o jovem aristocrata Alfred Douglas, por quem se apaixonara. Processado, foi condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados.

Cumprida a pena, ao sair da masmorra humilhante, escreve o poema "A Balada do Cárcere de Reading", inspirado na execução de um companheiro de infortúnio carcerário. Um libelo contra o sistema prisional inglês da época. Foi seu último trabalho. Triste, doente e solitário, morre no alvorecer do século XX (1900), três anos depois de ser posto em liberdade.

O admirável escritor britânico foi um grande artista, brilhou em todas as áreas da literatura, mas sua esfuziante inteligência serviu também de arma de combate às injustiças sociais, e por isso foi punido com a perda da liberdade pessoal e com o desdém à sua magnífica obra, imposto pela elite inglesa, durante longo tempo. Mas a arte é eterna e a verdade termina prevalecendo, como ele mesmo afirmou: "Aquele que diz a verdade cedo ou tarde será descoberto". Oscar Wilde está sempre sendo descoberto e redescoberto. Sua obra vem ganhando cada vez mais leitores, em todo o mundo. É o reconhecimento da sua arte imorredoura. A classe dominante o puniu com crueldade, mas sua obra o imortalizou. ■

“Os Brutos”

(con)tradição e modernidade



José Wilson Pereira de Azevêdo
(Mestrando em Literatura Comparada – UFRN)

O romance “Os Brutos”, do norte-rio-grandense José Bezerra Gomes, publicado em 1938, na década áurea do romance regionalista moderno, é uma obra que nasce e se alimenta da contradição. Não porque o autor cometa algum lapso de composição, mas porque parece ser exatamente esta a sua finalidade: expor o que há de mais contraditório em sua *aldeia*.

Naquela década de 1930, Currais Novos, como todo o Seridó, era um pólo de riqueza no Rio Grande do Norte. Dois seridóenses — José Augusto e Juvenal Lamartine — descendentes da tradicional oligarquia algodoeiro-pecuária sertaneja, haviam assumido o governo do estado recentemente. O primeiro de 1924 a 1928 e o segundo de 1928 a 1930. Eles constroem estradas ligando a capital ao interior, para facilitar o escoamento da produção do algodão. O que, segundo Humberto Hermenegildo de Araújo, em *Modernismo: anos 20...*, dá ao estado uma certa feição moderna, devido à movimentação e conseqüências que esses fatos trazem.

Não obstante essa modernidade, Bezerra Gomes situa seu romance em uma aldeia “atrasada”, colocando aí alguns poucos, mas significativos elementos caracterizadores da modernidade, de par com outros que denotam seu atraso.

O elemento moderno é evidenciado em *Os Brutos* através do primeiro automóvel da cidade, pertencente a seu Tota, comprador de “algodão na folha”, que ganha muito dinheiro com esse negócio; e o atraso da *aldeia*, pelo “povo alheando admirado para o carro”. Aqui convivem o moderno e o tradicional. Mas um moderno que só se configura de forma externa, porque seu Tota vive em Natal e só aparece em Currais Novos em suas viagens de negócios.

Já no tradicional, ao contrário de Murilo Mendes, que Silviano Santiago diz utilizar o pensamento católico para justificar a permanência do discurso da tradição no Modernismo, José Bezerra utiliza não o discurso propriamente dito, mas um elemento da igreja — o *sacristão* — para problematizar esse discurso, mostrando a sua contradição, e da própria sociedade que tradicionalmente é regida por ele. Tradição que também se expressa na festa de *Quinze de Novembro*, encerramento das aulas de *grupo*, quando uma mãe se orgulha do filho que declama o poema A PÁTRIA, de Bilac, visto pelos modernistas como símbolo do conservadorismo acadêmico. Também está presente nos hábitos que as famílias abastadas tinham em mandar seus filhos homens estudar fora:

“Os meninos que tinham ido estudar no Colégio Santo Antônio em Natal estavam voltando. Naquele ano de safra só de Currais Novos tinham ido doze. Seu Aproniano tinha um filho que acabara o curso ginasial no Atheneu

e ia estudar Medicina na Bahia. Também estava sendo esperado um filho de seu Vivaldo, que vinha formado em Direito” (*Os Brutos*).

Além dos patriarcas, donos das fazendas, com suas grandes famílias, a exemplo de seu Totonho — avô do narrador da estória — a quem pertence as *Moradas*, propriedade vasta a perder de vista.

Ao contrário de José Américo de Almeida e José Lins do Rego, que têm como temática a decadência da cultura da cana-de-açúcar na Paraíba, Bezerra Gomes narra uma cultura em franca expansão. Ele conta a saga de uma família ambientada num espaço e num momento dos mais produtivos, como fica patente no início do romance (apesar de o curso da estória tomar outro rumo), onde um sujeito empolgado com o lucro da safra do algodão, dá banho de cerveja em cavalo e acende charuto com nota de cem mil réis. Teria assim iniciado o romance do “ciclo do algodão”, como José Américo de Almeida iniciou o ciclo da cana-de-açúcar e Jorge Amado, o do cacau, como afirma Nei Leandro de Castro em “Os Brutos: pioneirismo e atualidade”, prefaciando a segunda edição.

Homem de idéias socialistas, como indica Manoel Onofre Júnior, em “Os Brutos”, romance de caráter social, como a maioria dos seus contemporâneos, José Bezerra parece querer denunciar a contradição do capitalismo existente no negócio do algodão na região Seridó, onde quem produz não fica com nada e quem dele se beneficia é uma pequena minoria. E o algodão que é um influenciador da modernidade no Rio Grande do Norte, no entanto, não moderniza a região que mais o produziu, pois não são criadas indústrias que o beneficiem, mas toda a produção e, conseqüentemente, a maior parte das divisas, são exportadas para outras regiões, com a facilidade proporcionada pela “estrada grande” construída pelos governadores e que, contraditoriamente, levará Segismundo e sua família para fora de sua região, em cima de um caminhão.

Detalhe importante, mas que passaria despercebido a um leitor desavisado, é o nome do romance: “Os Brutos”. Termo que só é referido uma única vez, na voz de Branca — mãe de Segismundo — quando o repreende porque não o quer misturado com os trabalhadores do Sítio *Alívio*, a quem ela chama de “brutos do oco do mundo”. Brutos não são apenas os trabalhadores do *Alívio*, mas toda uma sociedade de brutos, de incivilizados. É a sociedade

recalcada pela tradição católica que cobra de João *sacristão* (homem da igreja!), uma prova de sua masculinidade, mesmo que seja com uma prostituta. É o tio Lívio que mata Rica (sua amante) com uma facada no peito, por ciúmes. São os que mataram um homem anônimo que Segismundo ver na feira esfaqueado e de boca aberta. É o sujeito que dá banho de cerveja num cavalo e acende charuto com nota de cem mil réis, num ato de pura brutalidade e exibicionismo.

Essa classificação que José Bezerra faz pode ser comparada ao que diz um personagem de *M. J. Gonzaga de Sá*, destacado por Osman Lins, em "Lima Barreto e o espaço romanesco": "Não são os de alma branda e sim os bárbaros que governam o mundo, cuja organização desdenha o saber e a poesia".

De acordo com esse pensamento, bruto também seria seu Tota que, agindo em conformidade com os desígnios do capital, executa uma dívida e toma o *Alívio* da família de Segismundo, fazendo com que todos tenham que migrar para o sul do país.

Dessa forma José Bezerra Gomes sendo homem de saber e sensibilidade de poeta, pois é também poeta, sintetiza, com precisão, a sociedade curraisnovense de sua época, numa linguagem moderna que vai de encontro a essa sociedade que não incorporou a modernidade. Modernidade que, se por um lado não é vivenciada pela sociedade em geral, por outro, é captada pelo autor, porque teve outras vivências fora da *aldeia*, assim como os meninos referidos no romance de Bezerra Gomes, que "foram estudar fora". Estes, contraditoriamente — representantes dos costumes de tradicionais famílias — são também aqueles que passam a exercer novas influências na *aldeia*. E, no caso do autor, é ele que, através de seu romance, registra os elementos modernizantes, se instalando na sociedade tradicional e com isso expõe o descompasso que há entre ela e a efervescência da modernidade que, há tempos, ocorre em outras partes do mundo. ■

ROSSOS

dos entre mangues e salinas

*O meu amor escondi-o
Numa cova ao pé do mar...
Morre o amor, vive a saudade...
Morre o sol, olha o luar!...*

(Canção Perdida – Guerra Junqueiro, 1891)

1 O Seridó estava cheio de barreira a barreira. Na Rua do Rio, a água estava entrando nas casas. O açude do Governo tinha sangrado e a água subia, subia.

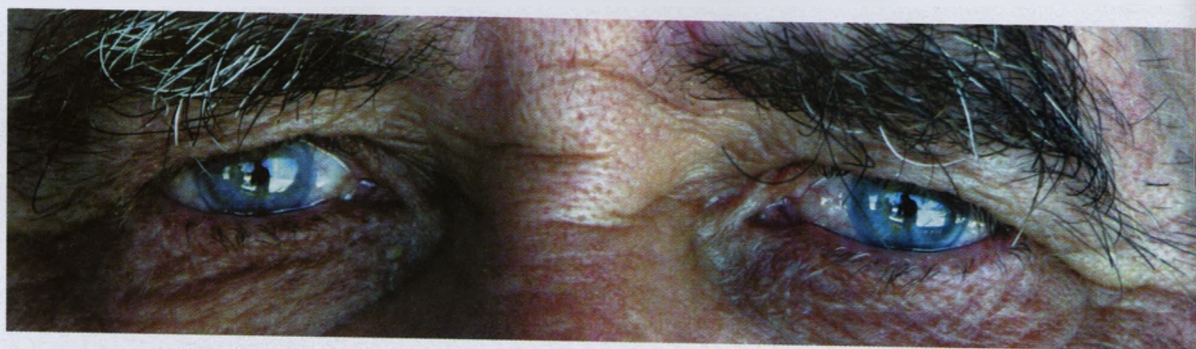
Há dois dias e duas noites que chovia sem parar em Currais Novos. A chuva açoitava as telhas das casas fazendo goteiras nas calçadas. Uma de manhã foi indo até que limpou. O sol clareou nas poças de lama que a chuva tinha deixado. Os riachos foram baixando e baixaram. Mas de noite tornou a chover e os riachos tornaram a correr.



Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Grossos, a 324 km de Natal, guarda segredos escondidos entre manguezais e salinas. Poetas como Raul da Barra, artesãos, pescadores, músicos e jovens com vontade de sobra para não deixar a tradição das danças folclóricas ser esquecida fazem de Grossos uma terra fértil para a cultura. A denominação "Grossos" vem de uma ilha, coberta de um capim graúdo e conhecida por Ilha dos Capins Grossos. O município celebrou seu cinquentenário em 11 de dezembro de 2003.



Antônio Dantas Filho, o Raul da Barra, 63 anos, é poeta em tudo o que faz. Os olhos azuis, os gestos, a fala mansa e a paixão pela literatura fazem de Raul um homem diferente no cenário das salinas e manguezais de Grossos.

O poeta mora numa casinha de janelas e portas azuis de frente para a tranquilidade. A calmaria da praia da Barra, recanto de Grossos conhecido pelos mangues e garças, contagia a vida de Raul desde menino. "Nasci aqui, quando ainda pertencia a Areia Branca".

O apelido Raul o acompanha desde o final dos anos 70. O campo de futebol de areia da Barra era cenário de peladas diárias. Sempre ao entardecer. Antônio Dantas jogava no gol e, a cada grande defesa, ouvia os gritos de "Raul Plasmann!!!", uma referência ao ex-goleiro do Cruzeiro e Flamengo. Os moradores mais jovens nem sabem quem é Antônio Dantas.

Raul tomou um susto ao ver que seria entrevistado. O poeta estava dormindo debruçado sobre um dicionário na varanda de sua casa. Parecia até uma cena combinada. O poeta e o dicionário. Parceiros inseparáveis. "Gosto de ler poemas e o dicionário para aprender sinônimos, aí agarrei no sono". Nem precisava justificar. A brisa da Barra é um convite para dormir nas varandas de frente para o mar.

O poeta da Barra colhe poemas sem fazer muito esforço. A inspiração vem da própria natureza. Contemplando os mangues, as salinas, o vôo das garças e o cotidiano dos pescadores nascem versos que contam um pouco da vida de quem escolheu viver longe do tumulto da cidade grande. "Como todos os poetas fiquei solteiro. Os poetas sempre são sofridos. Amam a poesia. Casei com a natureza".

Raul não lamenta a solidão. Prefere tecer versos em homenagem à natureza e a Deus. Também gosta de escrever piadas. "Invento muita piada, só não sei contar. E tenho pavor quando alguém coloca o divino mestre em piadas". O poeta também não admite ver pássaros presos em gaiolas e conta a história dos melros, "pássaros que levaram o poeta português Guerra Junqueiro a acreditar em Deus".

A obra de Guerra Junqueiro, apesar de pouco divulgada, incentivou Raul a escrever seus primeiros poemas. Os escritos do português Abílio Manuel Guerra Junqueiro, falecido em 1923, entraram na vida de Raul da Barra por acaso. Certa vez, ao chegar a casa de sua irmã Maria do Socorro, começou a folhear um livro de história e viu um pequeno comentário sobre a obra do poeta nascido

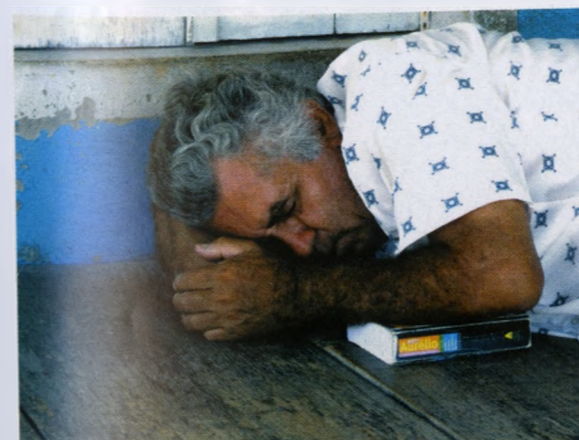
na região de Trás-os-Montes."Aprendi sobre Guerra Junqueiro em bibliotecas", salienta, recitando em seguida versos do poeta português conhecido pelos poemas críticos influenciados por Charles Baudelaire e Victor Hugo."Descobri que quando ele estava em seu leito, doente, melros cantavam nos palmeirais. Ele interpretou aquilo como um aviso e passou a acreditar no poder divino".

Raul da Barra também já estudou a obra do poeta Olavo Bilac. "Sempre fui fã de Olavo Bilac, o parnasiano". Quando está inspirado, gosta de ficar de pé na varanda olhando para o mar e recitando poemas como "A Mocidade" do poeta parnasiano.

*A mocidade é como a primavera!
A alma, cheia de flores resplandece,
Crê no bem, ama a vida, sonha e espera,
E a desventura facilmente esquece.*

*É a idade da força e da beleza:
Olha o futuro, e inda não tem passado:
E, encarando de frente a Natureza,
Não tem receio do trabalho ousado.*

*Ama a vigília, aborrecendo o sono;
Tem projetos de glória, ama a Quimera;
E ainda não dá frutos como o outono,
Pois só dá flores como a primavera!*



"Eu sou a jarra que nessas flores se agarra"

O secretário de cultura de Grossos, Genildo Costa, admira a "sensibilidade de Raul em caçar versos". Genildo é capaz de passar horas na varanda de Raul dedilhando as cordas de seu violão e transformando em canções os versos do poeta da Barra. O único registro dos poemas de Raul da Barra está em "Cartas e versos", livro editado pela Fundação Vingt-un Rosado.

*Eu sou poeta da Barra
Não dá nem para ter ciúmes
As flores exalam perfumes
Simplesmente eu sou a jarra
Que nessas flores se agarra
Recebe, depois oferta
Uma acha a outra certa
Obedecendo a estética
Eu sou uma jarra poética
Só vivo de boca aberta*

Quem visita Raul sai de sua casa com a certeza de que, enquanto sua boca não calar, haverá sempre um verso poético pairando nos ventos da Barra. Vida longa aos poetas populares. Essência do cotidiano das cidades do interior.



O pescador que faz da pesca uma arte

Francisco Vale dos Santos, 36 anos, o Chico de Domingos, é um desses pescadores que faz da pesca uma arte. As mãos calejadas confeccionam tarrafas e redes, o olhar investiga o mar em busca de cardumes de tainhas e a sabedoria transmitida pelo pai mostra o caminho a ser percorrido para arremessar a tarrafa sem ser notado.

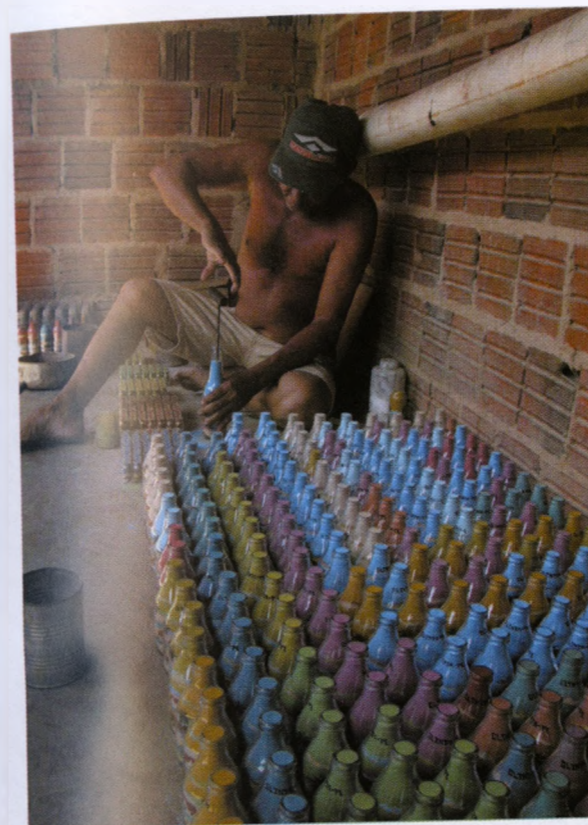
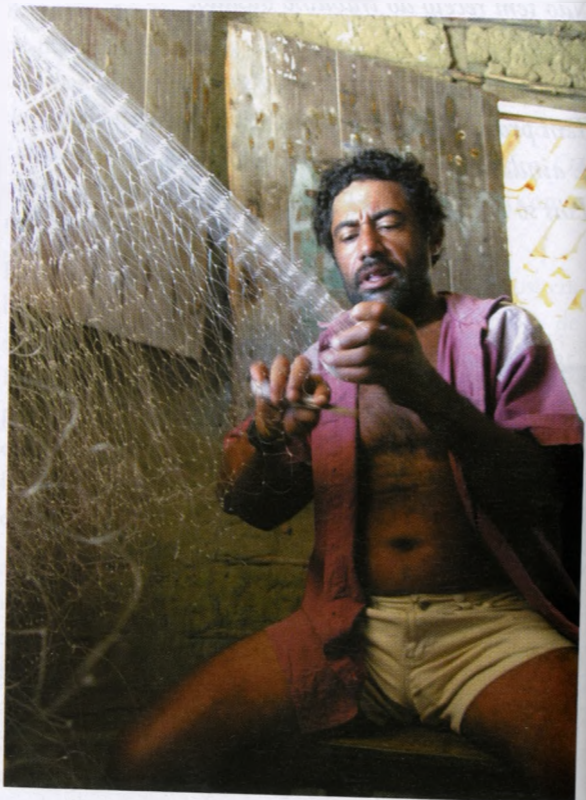
A casa do pescador, nas areias brancas da praia de Pernambuco, em Grossos, é simples e bastante arejada. Sempre de frente para a janela, como se buscasse inspiração olhando para o mar, Chico transforma as linhas de náilon em redes e tarrafas de diversos tamanhos. "Já pesco há 25 anos e aprendi a fazer redes com meu pai".

O pai de Chico, Domingos dos Santos, 56 anos, é um dos pescadores mais experientes da comunidade. Quase todos os pescadores de Grossos pescam sem barcos. "De pé no chão o cabra não pesca muito porque a maré não deixa; embarcado, pesca até com maré alta".

O arremesso certo da tarrafa é a garantia para manter a mesa farta e vender o excedente. Chico prefere fazer os arremessos quando a maré começa a encher. "Tem gente que segura a corda com os dentes; se enganchar, o cabra vai com tudo", diz, sem conseguir conter a risada.

As arraías, comuns na região, dificilmente são pegas com tarrafa ou redes. Camurins de até cinco quilos são os peixes mais disputados. "Arraia só pega com anzol e, no inverno, dá mais peixe. Siri, caranguejo, camurim, tudo aparece".

Quando a maré não está para peixe, o jeito é voltar para casa, estender uma rede, tomar uma caninha e aguardar melhor sorte. "A gente gosta".



As cores do mundo numa garrafa

O artesanato feito com conchas, búzios e quengas de coco está presente em quase todas as ruas de Grossos. O quintal de várias casas serve de atelier para artesãos transformarem em arte sua criatividade. Surgem peças de várias formas retratando coqueirais, garças, caranguejos e salinas. As garrafinhas com areia colorida também são produzidas por mais de uma família.

Laurinete Azevedo, 38 anos, moradora do bairro Coqueiros, trabalha há três anos com artesanato. "Fiz o curso cultura do mar e do mato", lembra. O estudo serviu para Laurinete aprender a utilizar também sementes e folhas na confecção das peças. A produção é quase toda vendida na praia de Canoa Quebrada, no Ceará.

Edna Rodrigues, 39 anos, também ganha a vida fazendo artesanato. Começou aos 15 anos, bordando toalhas e fazendo crochê. Edna produz em casa até 50 peças por dia com a ajuda de mais duas artesãs. Utiliza conchas, quenga de coco, papelão e uma pistola para fazer a colagem. Os revendedores apanham as peças na sua casa e comercializam em Tibau, Mossoró, Natal e Recife.

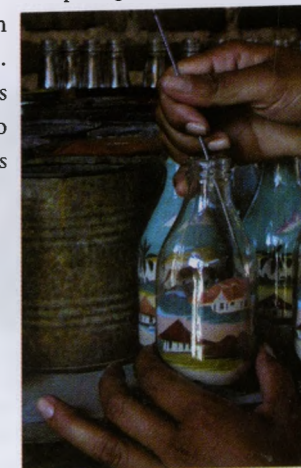
A produção de garrafinhas com areia colorida ocupa um número maior de artesãs. A oficina de José Brás Filho, 53 anos, emprega até vinte artesãs na alta temporada. Os pedidos chegam de todo o Brasil. "Parati, Recife, Olinda, Porto Seguro, Ouro Preto... vai para o Brasil inteiro".

A areia da praia é peneirada e colorida com vinte tonalidades de corantes. Depois de secar, é colocada dentro de latas de leite para uso das artesãs. As latas ficam em cima das mesas. As artesãs, sentadas em tamboretos, enchem 50 garrafinhas por vez, separadas em duas fileiras. A habilidade impressiona. Munidas apenas de uma espátula, feita artesanalmente, com raio de bicicleta, as artesãs criam paisagens do litoral em poucos minutos.

A espátula tem uma ponta afiada por esmeril, utilizada para criar os pequenos detalhes na areia colorida, como palhas de coqueiro e ondas no mar. A outra ponta, achatada por martelo, separa as diferentes tonalidades da areia. "Em um mês se aprende", comenta Neli Moraes, uma das mais antigas artesãs. "Há dez anos faço estas garrafinhas. Levo uma hora para preparar as cinquenta". A produção de garrafas maiores e copos é mais demorada.

Até a caixa para embrulho das garrafas é feita artesanalmente. José Brás produz as embalagens utilizando faca e papelão. O acabamento final, antes do despacho, também é feito pelo artesão. A areia é socada, a tampa molhada e, por último, as garrafas são fechadas com cola branca. "É trabalhoso. O mais importante é a areia não misturar", diz.

Algumas artesãs preferem trabalhar sozinhas em casa. Franssuisse Pereira da Silva, 26 anos, é uma delas. Franssuisse é a única a fazer escudos de time de futebol utilizando areia colorida. "Com paisagem a concorrência é grande, só faço paisagem se for por encomenda". Os escudos dos times do Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul são os mais requisitados.





“Brilho da Terra” faz trabalho de conscientização

Grossos é palco e cenário para os 36 atores e dançarinos do Grupo de Artes Brilho da Terra. O Brilho da Terra, criado há um ano e formado por jovens com idade entre 13 e 19 anos, faz teatro de rua com conteúdo, educando a comunidade com lições sobre o meio ambiente, turismo e saúde.

“Temos presença marcante da população nas apresentações. O objetivo é tirar os jovens da rua e oferecer cultura”, comenta Paulo Reginaldo da Costa, 29 anos, diretor do grupo. O Brilho da Terra também faz apresentações de danças folclóricas em palcos.

“Grossos canta 50 vezes melhor”, novo espetáculo do grupo, foi lançado durante a festa do cinquentenário de emancipação do município. Carimbó, boi, puxada, xaxado e a dança dos negros fazem parte da apresentação. Edgler Cabral, 20 anos, um dos cinco coreógrafos do Brilho da

Terra, transformou em coreografia a música “Quilombo dos Palmares”, interpretada por Clara Nunes.

O coreógrafo Luis Gildevan Oliveira Assis, 18 anos, prepara encenações com a dança do fogo, guerreira, maculelê e capoeira. “Nosso trabalho é para tirar os jovens do mundo das drogas, livrar do alcoolismo. Eles também ocupam o tempo na confecção dos figurinos e acessórios”, explica.

A sede do Brilho da Terra funciona na Secretaria de Turismo de Grossos. O grupo já fez apresentações em Mossoró e Upanema. A participação na I Mostra de Turismo do Interior, realizada no Parque das Dunas, em Natal, serviu para o grupo divulgar o trabalho e buscar parcerias. “Podemos fazer um show de palco com 22 coreografias e 11 danças folclóricas”, avisa Paulo Reginaldo.



Maria do Brasão resgata o Pastoril da Barra

O Pastoril da Barra renasceu há três anos. Foram 20 anos no esquecimento até que Maria do Brasão, 60 anos, conseguiu recrutar onze senhoras para retomar a tradição. Maria recorda as apresentações dos anos 60 coordenadas por Dona Maria Ferreira e Seu Antônio Joaquim: “Nunca tinha dançado, mas sempre ajudava”, afirma. Quatro décadas depois, Maria do Brasão não só dança e canta como também canta com entusiasmo as músicas do Pastoril.

As apresentações não estão restritas ao período natalino. A dança também está presente nas festas religiosas de Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira da Barra, no mês de maio, e do Sagrado Coração de Jesus, em julho. “É uma tradição da barra. Não poderia acabar”.

O Pastoril da Barra segue a tradição do folguedo natalino à risca. A Mestreira dirige o cordão encarnado, e a Contramestra, o cordão azul. Outras componentes fazem o papel de Diana, a intermediária entre os dois cordões, e a Borboleta. Há também o anjo, o pastor e o velho, figura cômica e único personagem masculino do grupo.

Mayne Emanuely Ferreira, 11 anos, única criança a fazer parte do grupo, faz o papel de pastor. Maria do Brasão pretende atrair mais crianças. O desafio é vencer a desconfiança e manter viva a tradição. “As mais jovens mostram interesse, mas são desconfiadas”.



*Seja bem-vinda toda nossa gente
Para nossa fé comemorar
Por nós estamos alegres e contentes
A padroeira vamos festejar*

*Grossos é terra santa
Pernambquinho é um amor
Barra é tão pequenina
Está mostrando o seu valor*

*Vamos, vamos amiguinhas
Vamos dançar com desespero
Porque nossa vitória
Está nas mãos dos salineiros.*



Gideão luta para viabilizar Coral Municipal

Organizar um coral clássico não é tarefa das mais fáceis. O professor Gideão Lima da Silva, 30 anos, está diante deste desafio desde que aceitou ser regente do Coral Municipal de Canto José Severino Silva. “É mais árduo de organizar do que banda. Temos que afinar as vozes”.

O coral, criado em 23 de março de 2002, conta com dezesseis componentes, todos naturais de Grossos. O regente explica que o grupo ainda está em formação, mas já conta com 15 músicas no repertório e é capaz de cantar o hino de Grossos a quatro vozes. “O coral a quatro vozes,

composto por soprano, tenor, contralto e baixo é o grupo vocal clássico propriamente dito”, explica.

Afinar as vozes leva tempo e exige muito empenho dos participantes. Os ensaios são realizados na maternidade do município. “Não temos um lugar com boa acústica”. O regente já ensaia o coral para cantar o hino nacional a quatro vozes. “Separamos por vozes masculinas e femininas. Trabalhamos duas vozes femininas com uma masculina ou o inverso. Depois de um ano, temos experiência para quatro vozes”.

Nas pegadas de Elomar e Xangai

Genildo Costa, músico e compositor, segue a linhagem da MPB representada por Elomar e Xangai. “Minha Casa”, composição em parceria com Marcos Ferreira, terceira colocada no I Festival da Canção de Natal, é uma das canções de destaque no CD “Cores e Caminhos”, lançado em 2001.

A voz grave e a desenvoltura com o violão fazem de Genildo um músico diferenciado. O convite para abrir os shows de Renata Arruda e Adriana Calcanhoto, em Mossoró, serviu de incentivo para o cantor ir em busca de novas conquistas. “Pretendo participar do Projeto Seis e Meia, em Natal. Está agendado para este ano”.

O trabalho como secretário de Cultura de Grossos tem permitido a Genildo incentivar o surgimento de novos cantores. “Estamos organizando o I Encontro de Cantores e Intérpretes de Grossos”. Os três melhores participam do concurso “A mais Bela Voz do Oeste”, realizado pela Rádio Rural”.

Genildo Costa não é o único compositor de destaque com atuação em Grossos. Luís Gonzaga de Souza, o poeta Gonzaga de Areias, parceiro de Genildo nas composições “Anonimato” e “Álibi”, é autor também do hino do município. Gonzaga lançou “Quem viver sentirá”, livro de poesia da Coleção Mossoroense, e já tem material para outro livro.



Banda sonha com novos instrumentos

A Banda Municipal José Maria da Silva, criada em julho de 1999, já conta com 30 músicos. Ildônio José da Silva, 29 anos, divide o tempo entre a regência da banda e a participação nas apresentações da Banda Artur Paraguai de Mossoró.

O regente estudou música durante cinco anos no Conservatório de Música Dalva Estela, em Mossoró, e desde criança mostra interesse em tocar instrumentos musicais. O saxofone é sua companhia preferida.

A banda de Grossos segue o modelo tradicional das bandinhas de interior. Dobrados, valsas e boleros fazem parte do repertório. A banda já fez uma apresentação na praça Augusto Severo, em frente ao Teatro Alberto Maranhão, após um concerto didático da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, em março de 2001.

Ildônio destaca ainda as participações nas festas da padroeira de Areia Branca e Mossoró. O músico almeja incrementar mais a banda com novos instrumentos. "Precisamos de flautas e mais dois saxofones para a banda ficar mais equilibrada".



O sanfoneiro Egidinho

O bar de Egidinho só tem um balcão e alguns tamboretas na calçada, mas animação nunca faltará enquanto Egidinho e sua sanfona Scandalli, de 80 baixos, estiverem juntos. Egídio Ferreira Filho, 53 anos, é um seguidor do autêntico forró pé-de-serra com sanfona, zabumba e triângulo. As noites no seu bar são animadas ao som de canções de Luís Gonzaga e Dominginhos. Egidinho, um antigo salineiro, salienta que não é músico, mas gosta de agradar os clientes com música ao vivo. "Toco há uns 30 anos e o povo gosta mesmo é de música ao vivo".



Um comércio peculiar

O s e b o



Rainer Patriota

(Ensaísta e professor de filosofia da UFRN)

Fotos: Anchieta Xavier

O que é um sebo? Basicamente, um comércio especializado na compra e venda de livros e discos usados - provavelmente, seria esta a resposta mais simples e óbvia. Entretanto, ainda que correta, trata-se de uma definição por demais vaga e insuficiente para caracterizar a natureza de tão curioso negócio. A boa definição é aquela que atinge a lógica específica da coisa visada, a que descreve seus traços mais típicos e predominantes, ultrapassando assim os próprios limites de uma mera definição, já que toda definição, obediente que é ao princípio da concisão, finda limitando-se a uma descrição de traçamentos genéricos e superficiais, de forma a transformar o concreto em abstrato. Portanto, mesmo circunscrito às exíguas linhas de uma modesta crônica, não haveremos de nos contentar com a resposta que se formulou acima, ao contrário, tentaremos desvendar alguns outros elementos que compõem a concreta identidade deste comércio conhecido por "sebo", o que significa aproximar-se um pouco mais de sua verdadeira figura.

De início, é necessário ter em conta que o sebo não é apenas um comércio, mas também um ambiente cultural e social. É amplamente sabido que os sevistas, em geral, não estão alheios aos movimentos artísticos da localidade, sobretudo àqueles que se concentram em torno de causas culturais "alternativas", fora dos padrões da cultura de massa e dos circuitos comerciais que as promovem e subsidiam. Quem costuma ir ao sebo sabe que lá freqüentam poetas, chargistas, pintores, músicos, intelectuais, comunistas, anarquistas etc., criaturas um tanto anacrônicas e talvez - sobretudo nos tempos atuais! - exóticas, que em meio a livros velhos e empoeirados na sua maioria, encontram uma atmosfera aprazível e calorosa, onde ainda se tem permissão para respirar um pouco de poesia e idealismo, estas duas inutilidades que a alta eficiência e o alto rigor da sociedade global, em nome do "progresso e da civilização", baniram de seu território. Veja-se, por exemplo, a decoração nostálgica desse característico comércio: fotos de escritores, músicos e

filósofos, quadros de pintores, consagrados ou não, murais de poesias, objetos antigos, toca-discos, rádio de pilha, sinuca, máquina de escrever e toda sorte de quinquilharia que muitos julgam obsoletas e imprestáveis.

Foi assim que o sebo se converteu num dos últimos abrigos para aqueles que não conseguem acompanhar o passo veloz da "sociedade da informação" e por isso continuam a preferir o velho hábito da prosa e da conversa. Sim, no sebo não há como obter preciosas informações seja lá sobre o que for, no máximo alguma dica a respeito de livros e discos antigos e com edições esgotadas. Por outro lado, há espaço bastante para uma seção de música ou uma polêmica discussão sobre a obra de Marx e Freud, coisas que realmente não trazem, em termos de "informação", nenhum benefício para a flexibilização do capital ou para a queda dos juros e a conseqüente ascensão da bolsa de valores.

Outro aspecto digno de menção: não se recomenda ir ao sebo com pressa. Há que se dispor de tempo livre, de ócio, condição necessária para se tirar bom proveito do ambiente, deixando-se envolver por seu clima ao mesmo tempo desconfortável e acolhedor, e daí poder descobrir um livro antigo, um disco raro, um velho amigo e coisas assim. De fato, em um sebo que se preze não é autorizada a presença de nenhum tipo de formalidade ou rígida hierarquia, sendo por isso tão comum o diálogo espontâneo e vivo entre seus freqüentadores, que muitas vezes vêm a se conhecer, e não raro, a iniciar um boa amizade, entrando ao acaso numa conversa qualquer ou acotovelando-se com alguém ao tentar retirar um livro da estante. Nos verdadeiros sebos, assim como nas tabernas londrinas do século XVII, qualquer um pode puxar assunto com o vizinho do lado sem se sentir constrangido, pois neste ambiente entende-se que os humanos não são criaturas mudas e ilhadas em si mesmas, mas sim seres que interagem entre si e que gostam de interagir, pois aprendem e crescem nesta interação. De fato, não há estranhos em sebos.

Mas para que compreendamos a natureza do sebo de forma um pouco mais sólida e profunda, é imprescindível analisar a lógica de seu funcionamento estritamente comercial, uma vez que dele depende totalmente o ganho do sebista, bem como a existência do seu negócio, com todas as características resumidas acima.

Não é novidade que todo comércio se fundamenta no lucro, e isto não podia ser diferente em se tratando de um sebo. Porém, o lucro do sebo não é o mesmo lucro

do comércio formal, pois o modo de atuação do sebista difere fortemente do modo como atua, por exemplo, o dono de uma livraria. Ao contrário do comércio oficial, são as trocas que movimentam e ampliam os negócios do sebo. O cliente traz seus livros, discos ou revistas e o sebista lhe propõe uma troca, oferecendo seus livros, discos, etc. Se o cliente se interessar pela mercadoria do sebista, provavelmente irá querer fazer negócio com ele, mas caso não deseje realizar a troca, poderá sugerir um preço para a sua mercadoria, que então poderá ou não ser comprada pelo sebista. O que isto significa? Que o cliente jamais se comporta passivamente, mas sempre de uma maneira ativa, como alguém que pode e deve intervir na realização do negócio, seja na compra, na troca ou na venda, coisa bem diferente dos falsos acordos das lojas do comércio formal, acordos que já estão predefinidos pela própria loja e que são apenas mais um artifício para iludir e lograr o cliente. Quando somos encaminhados para conversar com o gerente da loja A ou B, a fim de saber se determinado produto pode sofrer algum desconto ou pelo menos ser parcelado a juros suportáveis, estamos apenas seguindo o *script* previamente redigido pela célebre "mão invisível" do mercado.

O que ocorre é que o capitalismo está sempre desenvolvendo mecanismos para ludibriar o consumidor, o qual, pela sua própria posição no interior do processo produtivo, lamentavelmente não tem muito o que fazer a não ser algumas remotas e banais reivindicações, cujos resultados, na maioria das vezes, são absolutamente pífios e ridículos, embora suficientes para sustentar o antigo mito da "soberania do consumidor". De fato, esta soberania não passa de um engodo criado e difundido por uma corrente de economistas comprometidos com o ponto de vista do mercado, e que por isso não querem e nem podem enxergar as coisas como elas são na realidade.

Neste sentido, não é à toa que a prática de tabelar produtos tenha sido iniciada com o avanço da produção industrial na segunda metade do século XIX, momento em que o mercado varejista começa a ser suplantado pelas lojas de departamento; é também por essa época que surgem as perniciosas estratégias de venda, as quais, como sabemos, visam manipular o consumidor, induzindo-o a adotar um comportamento passivo e dócil às manobras do capital. A contrapartida é que as mercadorias são exibidas pelos vendedores - meros atores, quando não fantoches - como se gozassem de uma misteriosa autonomia e contivessem valores intrínsecos. É o fetichismo da mercadoria.

Fica claro, portanto, que aquilo que de fato permite ao sebo se diferenciar drasticamente do comércio oficial é justamente este fluxo direto e ativo entre cliente e vendedor. O sebista está sempre disposto a negociar os preços de seus produtos, que jamais estão definitivamente fixos e que, via de regra, são bem mais em conta. É assim que uma ida ao sebo pode prolongar-se em um saudável exercício de interação, numa conversa entre sujeitos que se afirmam na totalidade de seu ser efetivo. Sem dúvida, trata-se de uma relação mercantil, porém menos desigual que a relação hipócrita que prevalece no comércio em geral. O sebo, por esta razão, representa a lógica de um capitalismo ainda incipiente, arcaico e anacrônico, de um comércio pouco lucrativo porque pouco explorador e mais democrático, que não conhece os labirintos sinistros da burocracia, com suas regulamentações capciosas e seus contratos ardilosos, nem a impessoalidade ou o sorriso postiço de vendedores, administradores, diretores, e capachos de toda qualidade.

Para concluir, uma observação relevante: tudo o que foi dito aqui a respeito do sebo deve ser considerado com uma certa reserva, já que não é possível ignorar as distorções que desencaminham o comércio sebista para a rota funesta do comércio formal. Aliás, a verdade verdadeira é que os sebos, com relativa facilidade se deixam absorver pela lógica puramente mercantil que rege o "mundo dos negócios", alguns em maior medida que outros. Com efeito, não devemos esquecer que o sebo, antes de qualquer coisa, é um comércio, uma atividade que lida, segundo uma velha expressão de Shakespeare, com "a vulgar rameira da humanidade", ou seja, o dinheiro, este "deus visível" que tem o poder de corromper a tudo que toca, sendo a configuração essencial das relações mercantis, sua forma mais sublime e sensível. Além disso, é de se reconhecer que, mesmo em seu formato mais "autêntico" e "puro", o sebo não está de todo imune a certos tipos de mazelas sociais, decorrência natural de sua condição meio marginal e clandestina. Portanto, não seria imerecida uma crítica a certos sebistas transviados, que ao invés de cultivar em seu trabalho o que há de nobre e humano, se entregam mesquinamente à corrida do lucro, com isso vendendo sua alma ao diabo, e o que é pior, em troca de tão pouco. ■



O cordel passado a limpo

CRISPINIANO NETO



Por Tácito Costa, Gustavo Porpino e François Silvestre

Fotos: Anchieta Xavier

Se esta entrevista pudesse ser resumida numa frase, a frase seria: uma aula sobre Literatura de Cordel. Mas não pode, porque vai muito além, e isso, graças a personalidade plural e irrequieta de Joaquim Crispiniano Neto, 48 anos, poeta, formado em Direito e Agronomia, jornalista provisionado, com atuação no rádio e na mídia impressa, aluno especial do Mestrado em Literatura Comparada, na UFRN, criador de bode e político (é candidato a prefeito de Mossoró, segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, nas próximas eleições). Entre seus livros mais importantes podem ser citados "A verdade é para ser dita" e "Cantando a Libertação", ambos de poesia, o drama "Auto da liberdade", a ópera sertaneja, em parceria com Aécio Cândido, "O Garrancho", e os folhetos de cordel "Se Cristo Voltasse Agora", "Meu Martelo" e "Bolsa Escola", este último com tiragem de 300 mil exemplares. Nesta entrevista, concedida num dos principais restaurantes de Mossoró, Crispiniano Neto fala sobre política cultural, Literatura de Cordel, cantadores de viola, Patativa do Assaré, as gozações feitas com Mossoró, a família Rosado, o presidente Lula e a governadora Wilma de Faria. Com a autoridade de quem se dedica ao estudo do cordel há quase 30 anos e já escreveu 96 folhetos, critica os falsos cantadores de viola, aponta os melhores do país e diz que "os violeiros são os maiores artistas multimídia que conhece". Confira estas e outras opiniões nas páginas seguintes.

Preá – Quando você deixou Santo Antônio do Salto da Onça para morar em Mossoró?

Crispiniano Neto – Eu deixei Santo Antônio em 1972 para estudar no Colégio Agrícola de Jundiá. Passei três anos lá, mas todo fim de semana viajava para casa. Em 1975, vim fazer Agronomia em Mossoró, mas continuei indo todo final de semana a Santo Antônio. Fui eleito vereador na cidade aos 19 anos. As sessões eram no sábado, porque eu estava estudando aqui e havia três outros vereadores que moravam na zona rural. Na sexta-feira à noite eu ensinava para viabilizar o 2º Grau na cidade. Até que me casei, em Mossoró, concluí o curso e me empreguei aqui. Depois minha família também veio morar aqui.

Preá – O seu envolvimento com cultura começa ainda em Jundiá ou depois?

Crispiniano Neto – Começa em Jundiá, de maneira muito discreta. Aécio Cândido, que estudava comigo, organizava uns shows e eu participava recitando poemas, fazendo paródias, contando piadas. Também naquela época, eu me entrosei com um poeta velho, que havia na minha cidade, Nestor Marinho, asmático, às portas da morte, e eu comecei a copiar à mão as poesias dele. Desse trabalho surgiu a curiosidade sobre a forma como



eram feitas aquelas poesias. A partir daí, eu comecei a me entrosar com os cantadores de viola de Mossoró e passei a frequentar as cantorias e o Bar Tamandaré, que era onde violeiros se reuniam todos os dias para tomar cachaça, contar piadas e esperar as pessoas que vinham contratar as cantorias, “tratar” as cantorias, que é como eles chamam esse acerto. Ali faziam os “tratos” das cantorias, contavam as aventuras do final de semana e projetavam o outro final de semana. Eu ia para lá, com uma máquina de datilografia portátil e comecei a pesquisar alguma coisa de Luís Campos, de Nestor Bandeira, de Eliseu Ventania, de Chico Pedra e comecei a procurar entender melhor como era a estrutura, a poética da Literatura de Cordel e da cantoria improvisada. A partir de 1977 comecei a fazer também. No dia 27 de setembro de 1977, pela primeira vez, eu cantei de público, num boteco, na exposição de gado que tinha na ESAM {Escola Superior de Agronomia de Mossoró}. Dois dias depois, Luís Campos me procura e diz que tem uma cantoria tratada com José Alves Sobrinho, de Natal (já falecido), no “Sítio Permissão”, entre Caraúbas e Janduís. Ele me chamou e disse: - Tudo indica que José Alves não vem e você vai comigo. Eu falei: - Olhe Luís, cantar um baião de viola tudo bem, mas uma cantoria é uma responsabilidade muito grande. Relutei porque na cantoria o povo exige vários estilos, muitos motes. O fato é que eu terminei indo e tirei a cantoria até três, três e meia da manhã. De lá para cá eu procurei me aprofundar e entender melhor a cantoria; não fiz profissão porque já tinha outras qualificações profissionais e também porque a minha voz não ajuda.

Preá – Mas você tem um irmão que é cantador profissional.

Crispiniano Neto – Tenho. José Luís, que foi cantador profissional até terminar o curso de Direito. Quando ele terminou fez uma opção. Disse que cantoria e Direito, ambos tinham prazos a cumprir, e ele não podia cumprir os prazos das duas, era uma coisa ou outra. Então, optou pelo Direito, embora a toda cantoria que ele vá, dá motes, louva na bandeja, pagando, como se diz, e sempre canta um ou dois baiões de viola.

Preá – É mais fácil começar uma carreira de violeiro hoje ou antigamente?

Crispiniano Neto – Não mudou muita coisa. A formação de um cantador de viola leva uns dez anos. Não tem escola. Já tentaram montar uma em Olinda e deu errado.

Preá – Por quê?

Crispiniano Neto – Não dá para formar cantador que não tenha o dom. Como toda arte, a cantoria é um casamento de dom e técnica. A oferta para o mercado de cantoria é muito pequena, porque é uma coisa muito restrita, só tem no Nordeste. Os gaúchos fazem, mas eles não desenvolveram a técnica tão apurada e eu diria, clássica, do ponto de vista técnico, como os cordelistas escritores nordestinos. A deles é mais simples, a rima alternada, quase sempre rima de “ão” com rima de “a” e aqui não, você tem uma complexidade camoniana na poesia popular.

Preá – No Nordeste, a crítica social é outro componente forte nesta poesia popular.

Crispiniano Neto – Veríssimo de Melo dizia, quando começou a aparecer cantador de viola formado, como é o meu caso e o do meu irmão, de Dimas Batista, Luís Sobrinho, Apolônio Cardoso - nós já fizemos até um festival de violeiros formados -, ele dizia: o que ia distinguir um cantador popular de um poeta que, mesmo fazendo cordel não era popular, era se ele era conservador ou não. Quer dizer, aquele poeta mais de esquerda, na visão do professor Veríssimo, não seria popular. Eu acho que é exatamente o contrário. Se você olhar a poesia popular nordestina, vai perceber que ela é muito combativa. Claro que nós tivemos, durante muito tempo, como mercado da cantoria, a fazenda; e o cantador tinha de louvar porta, porteira e portão da fazenda e da casa do fazendeiro. Mas, sempre que ele estava livre disso, para escrever ou cantar, ele fazia uma poesia de combate, como Patativa do Assaré, como Delarme Monteiro e tantos outros. A gente sabe que sempre houve essa contestação, mas alguns pesquisadores acham que ser popular é ser conservador. Eu acho que é o contrário, com todo o respeito pelos poetas populares conservadores. Isso depende muito de formação. O grande paradigma dessa poesia popular é Patativa do Assaré.

Preá – Você chegou a declarar que Literatura de Cordel não existe mais, existe a “Literatura de Mala”, o que você quis dizer com isso?

Crispiniano Neto – A Literatura de Cordel, no sentido de ter um folheto pendurado num barbante, num cordão, isso é coisa de três, quatro séculos atrás em Portugal. Aqui eu nunca vi folheto de feira, que é como o povo chama, folheto ou romance - se tem oito ou dezesseis páginas é folheto, se tem de 24 acima, pulando de oito em oito,

24, 32, 40, 48, aí já passa a ser romance, independente da temática. Folheto de feira sempre foi vendido no Nordeste em mala. O cantador, o folheteiro, sai com a mala para viajar, até para não amarrotar, com tudo arrumadinho, e onde chega bota aquela mala ou uma mesinha de camelo e espalha os folhetos ali em cima e forma uma roda de gente. Uma grande parte deles usava aquela boca de som de ferro no alto-falante, com um microfone amarrado no pescoço e ali fazia uma roda, com meia hora estava cheio de gente, e ele começava a cantar aquele folheto, aquele romance e como nas novelas da Globo de hoje - não sei se Roberto Marinho aprendeu com os cantadores - quando chegava no suspense da história, aí ele parava e dizia que só continuava se o povo comprasse. Todo mundo comprava e ele terminava a história. O vendedor de folheto é o maior artista multimídia que conheço. Ele está vendendo a poesia, ele está vendendo arte gráfica - xilogravura - e vendendo o canto.

Preá – Você concorda que Zé Pretinho foi uma ficção de “Cego Aderaldo”?

Crispiniano Neto – Não de “Cego Aderaldo”, mas de Firmino Teixeira do Amaral, que escreveu o poema, era muito amigo de “Cego Aderaldo”, fez o poema como algum de vocês poderia fazer uma peleja de Crispiniano Neto com Ivanildo Vilanova e me colocar vencendo a peleja. Na Literatura de Cordel tem alguns mitos.

Preá – Você considera Zé Limeira um mito?

Crispiniano Neto – Considero. Eu conheci Zé Pereira, cantador pernambucano que andou aqui por Mossoró, inclusive é citado em um daqueles versos do livro de Orlando Tejo: “o cipó do seu Pereira também já juveniou”; o seu Pereira aí era o tio de Zé Pereira violeiro, que morreu aqui em Mossoró. Mas o que Zé Pereira e vários outros cantadores me contaram é que a maioria daqueles versos é de Otacílio Batista. Zé Limeira se torna um mito na dimensão que foi dada, porque o que o diferencia dos outros é o seu estilo. Ele não era mais ou menos poeta do que a imensa maioria. Só que ele foi o único que se destacou, na Literatura de Cordel como surrealista. Os violeiros e eu lembrava do Bar Tamandaré, onde eles se encontravam aqui em Mossoró - lá em Fortaleza tinha o Bar do Jangadeiro, em João Pessoa e Recife também tinham esses pontos de encontro -, em cada cidade pólo há um bar onde eles se encontram e ali o povo vem tratar as cantorias. E nesses locais, na brincadeira, muitas vezes eles ficam inventando poesias, daquele estilo de Zé

Limeira e botando para os colegas. O meu irmão, Zé Luís, é especialista nisso. Ele, na brincadeira, é capaz de fazer um verso doido e dizer que fui eu. Havia uma figura de muito respeito aqui, Chico Constantino, grande cidadão e profissional, mas que não era um poeta brilhante, e Zé Luís inventava horrores e dizia que era ele que criava. Quando Tancredo Neves morreu, Zé Luís foi descrevendo a diverticulite que matou o presidente e terminou a sextilha dizendo: "A doença de Tancredo evoluiu/Meia noite ele pediu um copo d'água a Pinote/Pinote veio sapecou-lhe água salobra do pote/Ele tomou, mas caiu pulando que nem caçote" [risos]. No outro dia, tava o comentário no Bar Tamandaré e Chico Constantino reagiu: se esse nego sem-vergonha não fosse irmão de Crispiniano eu ia lhe dar uma facada. Então, tem muito disso. Esse é um verso que você poderia dizer que era de Zé Limeira. Contam que ele, cantando sobre a Santa Ceia, disse: "E aí Tomé tomou o vinho de São Raimundo/São Pedro se atravessou/Houve briga num segundo/E Jesus disse, arreda fresco, que aqui dá pra todo mundo" [risos]. Essas coisas, o camarada fica inventando e dizendo que é de um, que é de outro.

Preá – Quem são os grandes nomes do Nordeste em cantoria de viola?

Crispiniano Neto – O nome mais completo da cantoria nordestina é Ivanildo Vilanova. Eu acho que ele continua imbatível. Ele não é o maior poeta, agora é o maior cantor. Mas temos vários grandes nomes: Pedro Bandeira, Otacílio...

Preá – E "Louro Branco"?

Crispiniano Neto – "Louro Branco" é o maior repentista. Existem umas distinções sutis entre poeta, cantor, repentista e violeiro. É tudo a mesma coisa, mas tem suas diferenças. Quem são os cantadores poetas? É Diniz Venturino, Manoel Xudu, Zé Luís, João Paraibano, foi Severino Ferreira...

Preá – E Luís Sobrinho?

Crispiniano Neto - Luís foi um cantor bom, mas não se enquadraria nos que citei acima. Cantoria tem um problema sério. Seja Luís Sobrinho, eu, Apolônio Cardoso - se você dividir com outra profissão, não progride. Ela exige dedicação exclusiva e pós-doutorado. É uma atividade intelectual extremamente exigente. Ivanildo Vilanova passou no vestibular de Direito e optou por não fazer a faculdade, porque achava que seria um advogado fraco. Já meu irmão fez o contrário, acho até porque ele

levou uma "surra" de Ivanildo e ficou meio frustrado. Mas Ivanildo disse a mim e a ele que ou dava aquela "surra", ou apanhava e se acabava.

Preá – Tem um diálogo acerca de música clássica, que é mais ou menos o seguinte: Quem foi Mozart? Mozart foi o maior gênio da música clássica. Quem foi Beethoven? Beethoven foi o maior compositor da música clássica. Quem foi Bach? Bach foi a música. Há condições de se fazer esse tipo de comparação com relação à cantoria de viola?

Crispiniano Neto – Sim. Você pode dizer que Manoel Xudu foi a poesia. Já Ivanildo é o mais técnico, canta bem, não tem uma voz bonita, mas é uma voz afinada, é perfeito na rima e na métrica. É muito difícil Ivanildo cometer uma desmetrificação e desenvolve bem qualquer assunto de cantoria, que são mais de cinquenta. Tanto faz você pedir a Ivanildo para cantar uma sextilha, um mote, um gabinete, um galope à beira mar; ele canta todos os estilos.

Preá – No gabinete o cantor tem de dizer aquele verso "quem não canta gabinete não é cantor"?

Crispiniano Neto – Tem. Porque alguns estilos têm uma parte fixa. O "gabinete", o "mourão voltado", o "perguntado", o "Brasil caboco".



Preá – Quais as diferenças existentes entre o violeiro, o cordelista, o repentista e o poeta?

Crispiniano Neto – O cantor é aquele que é bom em tudo. Toca bem, pelo menos para o consumo, como é o caso de Ivanildo. Canta bem, afinado, tem uma boa dicção, canta qualquer assunto, qualquer estilo. Você tinha, por exemplo, um Lourival Batista, irmão de Dimas e Otacílio, que era um grande poeta, mas não sabia sequer afinar a viola e a voz era insuportável. Não me comparo com ele como poeta, mas do lado fraco dele, de voz ruim e de não saber afinar a viola eu era igual. Uma vez tive a honra de cantar com ele. Eu terminei dizendo um verso, que ele parou a viola para decorar. Eu disse: "Comigo e com Lourival o destino foi perverso/Entre o verso e a voz aconteceu o inverso/Dois urubus na toada/Dois Castro Alves no verso". Você tinha um Severino Ferreira, aqui do Rio Grande do Norte, que era um grande cantor, além de ser poeta, porque ele tinha a voz boa, tocava bem, inclusive era um dos maiores violeiros. Certa vez eu assisti Severino Ferreira cantando sobre "Cancão", um poeta de São José de Egito, que morreu. Quase vi o cinema de Patos vir abaixo. Ele terminou dizendo: "Pra ele eu rezo novena/Morreu um 'Cancão' sem pena/Deixando pena pra nós". Ainda como bom cantor, poderia citar Oliveira de Panelas, João Paraibano, esse é o que coloca mais poesia... Manoel Xudu, este era tão poeta... é muito difícil fazer verso de louvação, elogiar quem pagou a você, na bandeja, se fazer um verso bom. Mas uma vez o pai de uma moça muito bonita mandou a moça botar o dinheiro na bandeja e Manoel Xudu terminou, eu não lembro a estrofe toda, mas ele terminou dizendo assim: "É tão linda essa mulata/Que a morte vindo matá-la/Volta chorando e não mata". Das mulheres que cantam, Mocinha de Passira é aquela que é mais poeta, enfrenta qualquer cantor em pé de igualdade. Entre os violeiros citaria ainda Edísio Calixto, Zé Maria, do Ceará.

Preá – E Eliseu Ventania? Você o considera um bom cantor?

Crispiniano Neto – Ele foi um bom poeta, mas foi muito mais músico. Foi ele quem instituiu a canção na cantoria, porque antigamente a cantoria parava uma, duas horas, para cantar um, dois romances. Por exemplo, "Martírio de Genoveva", os cantadores levavam duas horas para cantar cento e cinquenta e tantas estrofes, quase na mesma toada, era aquela coisa meio sonolenta. Aí Eliseu criou a canção, que tem quatro, cinco minutos.

Conta uma história, por exemplo, "A seca devoradora", "Chorando ao pé da cruz", "A morte do vaqueiro", "A voz do prisioneiro", "Serenata na montanha". Ele criava uma história, em quatro ou cinco estrofes... Por sinal Eliseu tem uma coisa curiosa: é o único cantor que trabalhou com versos alexandrinos, de doze sílabas, e muito bem metrificados, com a rima interna – Nesta canção irei contar o meu passado/Fui namorado de milhares no jardim -, ele colocava rima no fim e no meio, "passado", "namorado", "jardim". Pouca gente fazia isso.

Preá – Qual sua opinião sobre Hercílio Pinheiro?

Crispiniano Neto – Foi um grande cantor. Acredito que um dos cinco maiores da geração de Dimas Batista, que foi o maior daquela geração.

Preá – Hercílio é de qual cidade?

Crispiniano Neto – É de Luís Gomes, mas a família dele toda mora em Mossoró, inclusive um sobrinho dele é casado com minha irmã. Hercílio é um injustiçado. Reconhecido por todos como um grande cantor, mas muito pouco divulgado.

Preá – O desafio hoje ainda é muito utilizado pelos cantadores?

Crispiniano Neto - Hoje o maior desafio em cantoria não é um esculhambar com o outro. É a qualidade do assunto tratado e quem diz de maneira mais bonita.

Preá – Além de violeiro e poeta, você é jornalista, agrônomo, político e apicultor. Qual dessas profissões lhe dá mais prazer?

Crispiniano Neto – Prazer é a poesia, né. Agora eu gosto de tudo que faço e trabalho tanto que não tenho tempo de ganhar dinheiro. Uma coisa que eu me orgulho muito e me dá muita felicidade é que as pessoas que me abordam na rua, que me dão bom dia, todas me chamam de poeta. Acho que a minha cara, a minha marca, é a poesia.

Preá – Mas poesia não dá retorno material.

Crispiniano Neto – Não dá porque eu sou absolutamente incompetente para ganhar dinheiro. Mas eu podia ser rico com poesia. Maiakowski {poeta russo} já dizia que poesia é uma indústria. Maiakowski falava isso mais do ponto de vista do uso da poesia na formação política do povo russo. Ele queria que o governo colocasse uma estrutura gigantesca à disposição da poesia, para que o poeta produzisse e o poema imediatamente chegasse a

todas as portas de fábrica, a todas as estações de trem... Mas aqui mesmo, nós tivemos o exemplo de um poeta extremamente competente para isso e que foi um grande empresário, João Martins de Athaide. Ele montou uma indústria de Literatura de Cordel que eu gostaria de montar, porque além de ganhar o dinheiro, ainda poderia ajudar a preservar. Não queira saber quantos mil títulos de folhetos e romances ele publicou. Alguns ele comprou, naquele tempo, como no samba, era normal, não havia muito questionamento ético de alguém fazer um poema e o editor comprar. Tanto é que ele botava "editor/proprietário" João Martins de Athaide. Ele comprava os direitos. Hoje a gente tem um conceito diferente disso. Ele comprava e não era sacanagem não. Ele tinha cinco ou seis poetas dentro da gráfica dele, sendo remunerado permanentemente para fazer poesia. Era como uma redação de jornal. Por exemplo: morreu Getúlio Vargas. Ele dizia: fulano faça um folheto sobre a morte de Getúlio. No outro dia, ele publicava. Enquanto isso, outro já estava escrevendo "A história da princesa encantada do reino do gira-mundo", outro fazia "O país de São Saruê".

Preá - A edição parece ser um dos principais problemas dos cantadores.

Crispiniano Neto - Chegamos a ter 42 tipografias no Nordeste dedicadas a cordel, no entanto isso foi se acabando. Quando houve a crise do papel e o preço foi dolarizado a situação ficou difícil. A exemplo de João Martins de Athaide, a Editora Louzeiro descaracterizou o folheto. Querendo imitar a capa de policromia, do livrinho de bang-bang, fez um folheto maior, com capa em policromia. Cumpriu um papel importante, porque ela provou que é possível se pensar na Literatura de Cordel, como uma indústria de poesia, a exemplo da indústria do livro, do CD, do cinema. Todas as grandes expressões culturais só se viabilizaram mesmo a partir do momento em que tem uma atividade econômica dando sustentação. Hollywood é Hollywood porque formou uma indústria cinematográfica, não é verdade? Nós não teríamos os grandes escritores que temos se não houvesse as grandes editoras. O papel que Abimael Silva, Vingt-un, A S Livros, vêm fazendo, editando livros, estimula as pessoas a escrever. E tem mercado. A Editora Luzeiro chegou a ter 600 distribuidores de folhetos de Literatura de Cordel espalhados pelo Nordeste. Você imagine Arlindo Chinaglia [importante distribuidor de periódicos no Brasil]. O cara tinha 600 distribuidores de cordel,

mandando buscar pelo reembolso postal, em São Paulo. Ele editava, anualmente, 90 a 120 títulos, a tiragem era de no mínimo 5 mil exemplares de cada um desses títulos. Aquele que não vendesse 5 mil no ano, ele retirava do catálogo, colocava outro, mas tinha folheto dele com 100 a 200 mil exemplares. Então é um mercado com potencial espetacular.

Preá - Os trabalhos do pessoal daqui são editados onde?

Crispiniano Neto - Nos últimos dois anos, em Mossoró, a Gráfica GL, Vingt-un e AL Gráfica editaram entre 35 e 40 folhetos. O Gustavo Luz, da Editora Queima Bucha, aqui em Mossoró, da Gráfica GL, vem editando e a preços mais baratos. Enquanto o milheiro do folheto de oito páginas estava sendo feito por duzentos reais, ele começou a fazer a cem reais. Essa literatura está muito viva, na hora que o governo ou uma empresa quer divulgar alguma coisa manda fazer um folheto, que divulga muito bem. Por exemplo, quando Cristovam Buarque criou a Bolsa Escola, em Brasília, veio uma encomenda de lá para eu fazer um folheto. Foram publicados 300 mil exemplares para distribuir dentro de Brasília. Então, você tem folheto sobre AIDS, sobre como economizar água.

Preá - Você se arrepende de ter optado pela poesia popular e não ter competência para ganhar dinheiro?

Crispiniano Neto - Não. Apesar dos problemas que a falta de dinheiro traz, conheço muita gente rica que não tem a tranquilidade que eu tenho - e que não é feliz como eu sou. Então, se o povo vive correndo atrás de dinheiro para ver se com isso consegue felicidade e eu me sinto feliz sem ter dinheiro, pra que eu correr atrás de dinheiro? Eu terminei Direito, não consigo advogar porque talvez fosse a profissão que me desse dinheiro e eu rejeitei.

Preá - Você abandonou totalmente o Direito?

Crispiniano Neto - Eu preciso procurar muito para achar o diploma lá em casa. Mas, eu vejo os colegas advogados - eu não sou advogado, eu sou bacharel em Direito - eles dizem muito para mim: "Tudo que eu queria na vida era ganhar muito dinheiro, para comprar um sitiozinho, criar uns bodes, perto do açude ou da praia, para viver uma vida mais tranqüila". Isso aí eu já tenho, tenho um lote na Serra do Mel, tenho um bocado de ovelhas, a dez quilômetros da praia - Ponta do Mel. Então, o que eles estão lutando para conseguir daqui a

vinte anos, eu já tenho. Então o que eu quero mais?

Preá - Suas opiniões no rádio, em Mossoró, sobre as atividades culturais, tem criado problemas para você?

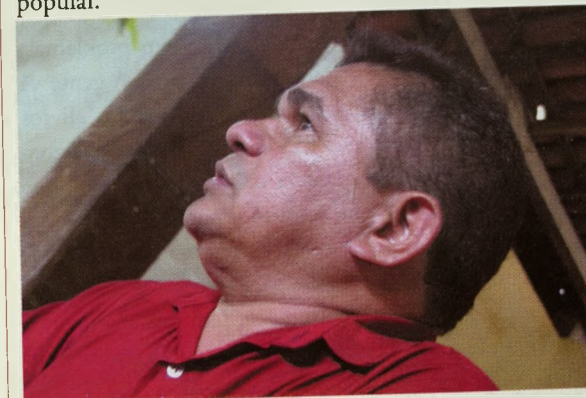
Crispiniano Neto - Tem. Agora eu dialogo muito com todos que entraram na Literatura de Cordel ou que têm vontade de entrar. Nós já fizemos até cursos, treinamentos, eu tiro muitas dúvidas. Não adianta fazer curso para quem não tem vocação. Quem já apresenta vocação, tem de entender o que é a rima, a métrica, a melodia. Mas tem gente que não quer fazer isso. Então eu já cheguei a dizer de público que fulano ou beltrano não faz Literatura de Cordel, que é uma fraude, que está enganando as pessoas. Mas eu evito, até quanto posso, essas críticas públicas; chamo para conversar, mas se tiver de dizer eu digo, como já disse. Porque veja bem, o cidadão que publica um folheto de Literatura de Cordel, em sextilha - uma sextilha tem seis versos de sete sílabas - e ele bota 17 sílabas num verso, eu tenho de dizer que ele não está fazendo Literatura de Cordel. Agora, se o camarada quer fazer poesia moderna, ele vá também aprender a fazer poesia moderna. Tem muita gente achando que poesia moderna é fazer um texto no computador. Tive um conhecido que escreveu uma crônica, mas achou que ficaria melhor como poesia, então foi com o cursor e quebrou a frase no meio. Quebra uma frase com dez centímetros, outra com oito, outra com sete, outra com três, outra com quatorze e diz que é um poema.

Preá - Você foi demitido recentemente da Rádio Difusora, emissora que pertencia à família Alves e que foi adquirida por Paulo Linhares, líder do PSB mossoroense. Qual a razão da demissão?

Crispiniano Neto - Quem administra a rádio hoje é um sobrinho de Paulo. Nós fundamos o PT juntos, ele saiu do PT e nunca tivemos nenhum problema. Quando Paulo assumiu a rádio, me senti muito confortável porque se os Alves nunca me demitiram pelos meus comentários independentes, embora tenha havido muitos pedidos de chefes políticos de Mossoró para me tirar do ar, pensei que continuaria trabalhando. A nova direção não disse quais as regras que tinham mudado e eu continuei fazendo os meus comentários no mesmo tom que fazia. E de repente fui chamado à sala da direção pelo sobrinho de Paulo, um ótimo rapaz, o Emerson, que me disse que ter decidido por uma nova formatação do programa e não precisavam mais dos meus comentários. Eu perguntei: "Paulo está me demitindo?" Ele disse: "É, se quiser saber de detalhes ligue para ele". Eu não tinha por que ligar.

Preá - Você digita seus textos ou os escreve manualmente?

Crispiniano Neto - Eu escrevo no computador. O computador traz algumas facilidades. Ele não me ajuda a racionar, mas você escreve, não gosta, você já deleta e coloca de novo, pega um verso que tá lá atrás, coloca lá pra frente, depois salva, pega tudo, junta. É mais fácil. Computador não dá inspiração nenhuma, computador não sabe nada de poesia, mas é uma ferramenta que ajuda e acho que a Internet pode ser a próxima grande aliada da Literatura de Cordel. Porque disseram que jornal acabou com a Literatura de Cordel na Europa e que ia acabar aqui no Nordeste, o que não aconteceu. Depois foi o rádio. Diziam: "Jornal não chegava na casa do povo, mas o rádio vai chegar e vai acabar". E o rádio não acabou com a Literatura de Cordel. Pelo contrário, transformou-se num grande aliado. Depois veio a televisão e foi a mesma coisa. Não acabou. Pelo contrário, programas como "Som Brasil" e outros ajudaram e muito a divulgar a poesia popular.



Preá - Qual sua opinião sobre Rolando Boldrin?

Crispiniano Neto - Boldrin - segundo as informações dos cantores - eu não tive contato com ele - era um homem muito sério e que ajudou muito aos cantadores. Já Lima Duarte, apesar de ser um grande ator, os cantadores tinham uma péssima imagem dele, era extremamente antipático, arrogante e não abria muito espaço. E Silvio Santos disse a Otacílio Batista que não podia dar espaço aos violeiros do Nordeste porque se desse os violeiros tomariam o lugar dele.

Preá - A cultura popular continua sendo muito discriminada?

Crispiniano Neto - Sempre foi e continua sendo. Mas tem o seu espaço, como carne de bode, que também é discriminada, Leite de Rosas, Biotônico Fontoura. Tudo isso, muitos dizem que são atestados de pobreza, mas vende muito.

Preá – Qual sua opinião sobre as Casas de Cultura?

Crispiniano Neto – É um programa muito bom. Nós sempre brigamos com a Fundação José Augusto pela interiorização das ações da instituição, sempre reclamamos que a educação, com todas as falhas, tinha os NURES; que a saúde tinha as regionais de saúde; que a polícia tinha seus batalhões; que o DER tinha suas regionais; e a cultura não tinha nada. Então, você fazer Casa de Cultura no interior, trazer ações culturais que nunca passaram da Reta Tabajara é uma novidade muito grande neste Estado, que pensa que o RN é Natal e no máximo a Grande Natal, isso em todas as áreas. Só espero que não haja a falta de irrigação financeira para essas Casas de Cultura, que elas não fiquem esquecidas no orçamento do Estado, porque se não vão ficar bonitas, mas sem condições de trabalho.

Preá – Como integrante da Comissão da Lei Estadual de Cultura Câmara Cascudo, desde o seu início, que avaliação você faz dela?

Crispiniano Neto – Acho que a Lei tem problemas, mas tem dado uma contribuição importante. A gente vê um "Oratório de Santa Luzia", uma "Casa Talento", livros bons sendo editados através da Lei, peças de teatro. Agora há uma dificuldade, na maneira como a lei foi feita, que prejudica o acesso, porque colocou o poder de decisão na mão de poucos empresários. Nós temos a maioria dos setores com dificuldades legais para repassar o ICMS: ou são isentos, como a fruticultura, ou tem um abatimento muito grande como a carcinicultura; ou então tem isenção como o petróleo.

Preá – A criação de um Fundo Estadual de Cultura não seria a solução?

Crispiniano Neto – A criação do Fundo Estadual de Cultura, com limitação de valores para cada projeto, para pulverizar em pequenos projetos culturais uma ação para as cidades onde não há patrocinadores, seria uma boa idéia. Nós não podemos pensar que um grupo de teatro de Venha Ver, que tem uma cultura fabulosa a resgatar, basta dizer que é um município que foi criado por judeus e que o desligamento foi tal que nem eles sabiam mais, consiga uma empresa para patrocinar um grupo de teatro. Se um grupo de teatro, um escritor quiser contar essa história, quem vai patrocinar?

Preá – Da sua produção literária, que obras você destacaria?

Crispiniano Neto – Eu fiz vários poemas e fui juntando em livros. Acho que o meu poema mais divulgado é "O meu martelo". Escrevi algumas peças de teatro e a mais divulgada é "Auto da Liberdade", porque hoje ganhou uma dimensão nacional.

Preá – O seu engajamento político começou junto com o seu envolvimento com a cultura?

Crispiniano Neto – Começou sim. A minha primeira campanha foi de vereador, em 1976, e a principal peça publicitária foi um folheto de Literatura de Cordel. Eu estou candidato a prefeito de Mossoró este ano e fazendo toda a campanha com Literatura de Cordel.

Preá – Qual sua opinião sobre a política cultural de Mossoró? A opção pelos grandes espetáculos está correta?

Crispiniano Neto – Isso não é mau. Mas não pode ser só isso. Por exemplo, eu não entendo uma cidade que tem a capacidade de fazer o "Auto da Liberdade", com uma estrutura fenomenal – eu não critico o investimento – e o que eu ganho com direitos autorais é irrisório, mas isso não me incomoda... Gasta-se 600 mil, 1 milhão de reais, no "Auto da Liberdade", isso com um minuto, três minutos no Jornal Nacional, três páginas na "Isto É", e se fosse pagar para divulgar a cidade sairia infinitamente mais caro. Então tem um retorno muito bom para a cidade. Agora eu acho que quem faz o "Auto da Liberdade", quem faz o "Chuva de Balas", uma cidade que é capaz de fazer o "Oratório de Santa Luzia", tem capacidade de fazer um grande festival de teatro em março, porque tudo em Mossoró é no segundo semestre. Tem uma piada que diz que no primeiro semestre não tem nem aniversário em Mossoró. Quem aniversaria no primeiro semestre deixa para comemorar no segundo.

Preá – Essas piadas feitas com Mossoró tem fundo de verdade?

Crispiniano Neto – Tem. Agora o bairrismo existe de João Pessoa com Campina Grande, de Rio com São Paulo, de Mossoró com Apodi. As gozações que fazem de Natal com Mossoró, Mossoró faz com Apodi. E quem faz as gozações de Natal contra Mossoró são muitas vezes mossoroenses que moram lá. Realmente Mossoró é uma cidade atípica. Ela tem o seu jeito de ser que é muito bom, gostoso. Por exemplo, nós estamos aqui bem perto do bairro "Baixinha" e quando o rio não tinha os três canais, ocorriam aquelas enchentes que invadiam Mossoró – veja só como a coisa é engraçada – as enchentes

invadiam o Alto da Conceição, o Alto do Xerém e o Alto de São Manoel e não inundava a "Baixinha" {risos}. O veraneio em Mossoró é na pegada do inverno. Essa madeira aí {aponta para o teto do restaurante} vem do Pará, mas aqui é chamada madeira do Sul. A estátua de Dix-sept Rosado é na Praça vigário Antônio Joaquim e a do vigário Antônio Joaquim é na Dix-sept Rosado. A Igreja de São Vicente, que foi onde Mossoró resistiu a Lampião, a chamam mais de Igreja de Lampião do que Igreja de São Vicente.

Preá – Jararaca ainda é muito reverenciado pelo povo?

Crispiniano Neto – Jararaca é considerado um santo popular. No Dia de Finados não se sabe onde é a cova do herói da cidade Rodolfo Fernandes, mas o que se acende de velas na tumba de Jararaca é uma coisa impressionante. São coisas típicas da cidade, como Campina Grande tem as suas, Santo Antônio, Natal...



Preá – É verdade que em Mossoró o poder é dos Rosados, a oposição é dos Rosados, a alternativa, também, e o PT é o quarto na fila?

Crispiniano Neto – Aqui sempre se falou em criar uma terceira força. Mas até hoje só se criou a primeira. Em Mossoró, nós temos uma monarquia no sistema presidencialista. Nos últimos 32 anos, a família Rosado fez três prefeitos: Dix-huit foi prefeito 14 anos (um mandato de seis e dois de quatro); João Newton, cidadão de bem, honesto, mas cunhado de Vingt Rosado, irmão da mãe de Sandra e irmão da mãe de Rosalba, foi prefeito seis anos; Rosalba está fechando os 12 anos de mandato.

Preá – Onde os Rosados estavam na resistência a Lampião?

Crispiniano Neto – A resistência a Lampião não contou com os Rosados. O doutor Jerônimo Rosado tinha muitas

filhas e, segundo Vingt-un, foi orientado por Rodolfo Fernandes e outras lideranças, a ficar longe de Mossoró para não colocá-las em risco. Ele foi, ficou dentro de uma barcaça, depois de Areia Branca, numa distância que tiro de fuzil não alcançasse. O próprio Vingt-un diz que a resistência foi uma saga dos Fernandes, o povo assumiu a liderança dos Fernandes. Vingt-un tinha seis anos de idade e disse que lá do barco em que estavam ainda ouviu os tiros.

Preá – Mas doutor Jerônimo tinha influência na cidade. **Crispiniano Neto** – Ele foi vereador em 1909. Três anos depois ele era prefeito de Mossoró. Era um homem muito influente. Mas não era um homem de briga. Os Rosados nunca foram muito de briga.

Preá – Os Fernandes também não eram de briga...

Crispiniano Neto – Rodolfo inclusive era um homem muito doente. Ele sofreu um estresse tão grande que quatro meses depois da invasão do bando de Lampião, adoeceu; foi para o Rio de Janeiro e lá morreu. Era um grande homem.

Preá – Qual sua opinião sobre Vingt-un Rosado?

Crispiniano Neto – Ele é uma figura espetacular, um homem que tem cumprido um papel muito importante na cultura de Mossoró, é um homem que tem pensado muitas coisas boas para Mossoró - ESAM, UERN, museu, biblioteca, Coleção Mossoroense. A maioria do que teve de bom, vindo da família Rosado, foi formulado por Vingt-un, que não conseguiu ser prefeito. Inclusive, eu soube que os filhos de Dix-sept mandaram fazer uma pesquisa sobre qual seria o Rosado que irá ser lembrado daqui a cem anos e não deu Dix-sept, deu Vingt-un. O trabalho que ele fez nessa área de fósseis, de paleontologia, é um trabalho gigantesco.

Preá – O PT de Mossoró vai para a eleição apenas para marcar presença ou tem condições de propor à cidade uma alternativa de poder?

Crispiniano Neto – Vai para disputar.

Preá – Você acha que essa discussão entre a facção mais à esquerda do PT e a mais moderada, com relação a funcionários públicos e a previdência poderá lhe trazer desgaste eleitoral?

Crispiniano Neto – Nos setores mais ideologizados o PT perdeu algum espaço. Mas não é tanto quanto se diz.

Preá – Essa avaliação pode ser feita também com relação à situação de Fátima Bezerra em Natal?

Crispiniano Neto – Natal é uma cidade de funcionários públicos. Tem a universidade, a estrutura militar, acredito que metade da população de Natal é composta de servidores públicos. Fátima vai ter mais dificuldade.

Preá – Você defendeu o apoio do PT à candidatura Wilma de Faria no primeiro turno. Você faz autocrítica dessa posição?

Crispiniano Neto – Naquela conjuntura, eu apoiaria novamente, sem problema. E hoje eu acho que a gente precisaria conversar com Wilma. Eu acho que ela é aliada potencial do PT no Rio Grande do Norte, porque ela é uma aliada nacional. Agora o grande problema é que dona Wilma fez uma campanha para combater os poderosos, mesmo ela tendo uma origem entre os poderosos, mas ela apareceu como essa alternativa e se credenciou para isso. Agora, por exemplo, em Mossoró, ela está junto com o que há de mais atrasado e poderoso e isso dificulta. Atrasado e poderoso e atrasando o poder. Veja só, o pessoal do Inbra e do Ministério da Reforma Agrária sugeriu que eu fizesse um folheto de Literatura de Cordel sobre a desapropriação da Maísa, para ser recitado no palanque com Lula. Eu fiz. E aí quando eles foram fazer a programação, que dependia do Governo do Estado porque Lula estava vindo não pelo PT, mas pelo Governo – tinha de haver uma interação entre o Governo e a Prefeitura de Mossoró, então meu nome foi vetado para subir no palanque de Lula. Foi vetado por pessoas do governo estadual, e sinceramente, para mim foi uma grande decepção. Porque, com dona Wilma, além de eu ter apoiado no Segundo Turno e ter defendido que a gente participasse do seu governo, eu tenho colaborado sempre que alguém do governo precise de mim. E ela também me tratou muito bem, inclusive recebi mensagem dela, acerca da possibilidade de assumir um cargo, que não assumi para não contrariar a decisão do PT. Eu estranhei e sinceramente fiquei muito frustrado em saber que gente do governo dela estava vetando meu nome para subir no palanque de Lula. Lula com quem eu construí o PT; Lula que, quando juntava 200 pessoas para ouvi-lo, não tinha Zezé de Camargo e Luciano e nem Gilberto Gil e Caetano Veloso, era eu e Antônio Lisboa batendo numa viola em Serra Talhada, em Sobradinho, em Jaboatão, arrodados de pistoleiros. Andando numa Brasília velha como ele mesmo disse aqui. Aqui, me botaram para recitar o poema para Lula debaixo de um pé de algaroba, a cem metros

do palanque. Eu, humildemente, fui pra lá. E me deram uma credencial para subir num outro palanque que ficava olhando Lula a 30 metros de distância. Quando Lula chegou ao aeroporto, perguntou logo por mim, quando chegou na Maísa, perguntou por mim de novo. E quando foi passando próximo ao pé de algaroba, por onde ele tinha de passar, falou comigo e eu disse a ele que estava ali com a missão de recitar o poema. Ele disse: “Eu já vi o poema. Gostei, agora acho que você deveria também ter mandado reproduzir ‘O meu martelo’, aquele poema que animava as greves lá do ABC paulista, juntamente com a Internacional e ‘Caminhando’, de Vandrê”. Eu disse a ele: Mas me mandaram fazer esse da Maísa. E eu estou com a missão de recitar para você. Ele disse: “Você vai recitar lá no palanque”. Eu disse: Lula, não estou credenciado para subir no palco. E ele: “Me acompanhe”. E eu subi no palanque e recitei o poema, com ele segurando o microfone.

Preá – Isso representa, em Mossoró, o rompimento do PSB com o PT?

Crispiniano Neto – Não. Eu não estava ali em nome do PT. Eu estava como pessoa física, como profissional.

Preá – Com quem, em Mossoró, o PT não aceita se compor?

Crispiniano Neto – Com a oligarquia Rosado, não é com o sobrenome Rosado, nós temos amigos na família Rosado, como Gustavo, Isaura, Vingt-un, Cid Augusto, inúmeros Rosados. Alguns até dos menos poderosos, acredito que votarão em mim, como Mário Rosado. Em ligação para o meu filho, ele disse que eu sou o único que tem condições de enfrentar os primos, que ele considera canalhas, eu não considero, mas ele considera. Essa família, se formos para a ponta do lápis, atualizando aquela matéria da Isto É, de 30 anos atrás, que publicou cada cargo, cada emprego e cada salário, cada gratificação de Rosado, se atualizar, hoje, passa de 1 milhão de dólares por mês. ■

ODE À SANTA CRUZ

*Quando estou lá no cruzeiro,
Vejo uma bela luz.
Seria um reluzente candeeiro?
Não, é Santa Cruz.*

*Quantas vezes não disse, na minha ira compelida,
Que não desejaria mais te ver?
Agora te peço perdão terra querida,
Não conseguí te esquecer.*

*Sou apodiense e, portanto,
Aqui não pude nascer.
Com igual orgulho, no entanto,
Esta terra me viu crescer.*

*E hoje agora digo,
Sou felizado por aqui morar.
E que a minha ligação contigo,
Este simples poema possa lacrar.*

Renan Pereira



SANTA CRUZ
A cidade de todas as artes

Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Santa Cruz, na região do Trairi, a 115 km de Natal, respira poesia. Nem a falta de preocupação com a memória do município conseguiu apagar o olhar poético de seus moradores. O coreto, em frente à Igreja Matriz, inaugurado em 12 de abril de 1925, não existe mais, sobrados históricos deram lugar a pontos comerciais e a fachada da antiga capela de Santa Rita perdeu suas características originais. Poetas não faltam. Jovens como Marcos Cavalcanti, Edgar Santos, Hélio Crisanto e Teixeira Silva fazem parte da Associação Santacruzense de Poetas e Escritores, ASPE, e seguem na luta para não deixar a cultura popular sair de cena.

A terra cantada em versos por Fabião Hermenegildo da Rocha, o rabequeiro “Fabião das Queimadas”, na segunda metade do século XIX, ainda guarda algumas surpresas. A arte em forma de quadrinhos, nascendo pelas mãos de Jalmir, o som da rabeca de João Anjo, no Sítio Tanquinho, as histórias do Boi de Reis contadas pelo folclorista Antônio da Ladeira, o talento nato do escultor Lúcio Lustosa, a obstinação da Cia Teatral Arte Viva e as pinturas de José Alves resistem ao tempo. Mais do que isso. Contribuem para transformar Santa Cruz na cidade de todas as artes.

Poeta vem ao mundo pelas mãos de Doralice



*“E se as respostas forem negativas,
morre em paz e te desfaz
que as poesias estarão vivas”.*

Marcos Cavalcanti

Marcos Antônio Bezerra Cavalcanti, 31 anos, é poeta desde o dia em que as mãos da parceira Doralice o colocaram no mundo. Nascido no bairro do Paraíso, reduto de vários outros incentivadores culturais de Santa Cruz, Marcos é um amante da poesia. O pouco romantismo de seus versos contrasta com a alegria com que fala dos muitos poetas do município.

“A cidade era morta do ponto de vista literário, mas sabíamos que havia poetas com publicações amarelando nos baús”. Marcos fundou em agosto de 1997, em parceria com o jornalista Nilson de Castro, o Memorial Santacruzense, periódico que durante quatro anos divulgou a cultura e os acontecimentos do município. Idealizou também o livro “Trairi em Versos”, antologia com a participação de 21 poetas do município.

Santa Cruz vive uma nova fase literária desde o lançamento de “Templos Tempos Diversos”, em 1995, primeira publicação a reunir poemas da nova safra de poetas do município. “Foi um divisor de águas. Até então Santa Cruz não publicava nada. Após este livro todos os anos temos publicações. Foi um acontecimento na cidade”, explica Marcos sobre o livro que revelou a poetisa Karina Grace, vencedora do Concurso de Poesia Luis Carlos Guimarães em 2001.

Inquieto, Marcos Cavalcanti tem sempre uma idéia para pôr em prática quando o assunto é literatura. “É difícil vender poesia. Sou um dos poucos a fazer performance para vender livros e divulgar meu trabalho. A poesia é algo vivo. Ela pode sair do papel e ser encenada”. Foi vestido de morte com capuz e ceifadeira que Marcos lançou seu último livro, “Viagens ao além túmulo”, série de versos que “refletem a dualidade vida e morte”.

*Um dia, de pés juntos,
De dedos cruzados,
De olhos cerrados,
Partirei defunto
Pra minha estreita morada,
Num triste conjunto
Onde o único assunto
É não dizer nada.*

A naturalidade com que fala da morte esconde seu jeito alegre de encarar a vida. O poeta parece não querer contagiar seus leitores com a morbidez de seus versos. “Leiam-no com os olhos da galhofa, ria-se dele como todos os dias eu rio”.

O avô paterno, Pedro Severino Bezerra, também tem sua versão para a facilidade que Marcos possui em escrever sobre defuntos e túmulos. “Da morte, tantas vezes fala o meu neto, para que entendam o quanto é preciosa a vida”.

O poeta prepara o lançamento de “Imarginário”, uma crítica social em versão bilíngüe. “É a fusão de imaginação com o que está à margem da sociedade. Também tem um pouco de metalinguagem. Vai ser em português e espanhol”, avisa. E, para não perder o embalo, justifica que não pretende ser poeta. “Morrerei na condição de incentivador cultural e pretensão poeta”.

O presidente da ASPE, Edgar Santos, 28 anos, também faz planos para este ano. A associação irá publicar “Santa Prosa em Cruz de Versos”, livro com poemas, contos e crônicas de autores santacruzenses. “A ASPE revigorou os escritores e fez com que eles voltassem a escrever”, comenta, citando o exemplo do cordelista Antônio de Pádua Borges, autor de “Sonetos e Poemas Diversos” e “A tragédia das águas em Santa Cruz”.

A ASPE já realiza, bimestralmente, saraus poéticos em escolas do município e o Concurso Santacruzense de Poesias, prêmio anual organizado em parceria com a biblioteca municipal Reinaldo Macedo. A idéia mais audaciosa é envolver a comunidade santacruzense em apresentações musicais intercaladas por recitais de poesia. “O projeto Santa Cruz em Canto ainda não nasceu, mas estamos em busca de apoio”.

“Verdes Versos”, livro a ser lançado por Edgar Santos, é mais uma publicação a enriquecer o acervo da literatura produzida em Santa Cruz. O poeta também quer tomar o rumo da globalização. “Devo publicar por conta própria uma edição bilíngüe em português e espanhol”.

O seguidor de “Fabião das Queimadas”



quinze dias comigo, cantando em várias casas de Natal, começando pela do governador Ferreira Chaves”.

O Sítio Tanquinho, a 10 km do centro de Santa Cruz por estrada de barro, abriga um dos últimos rabequeiros da região do Trairi. João Anjo do Nascimento, 58 anos, aprendeu a tocar rabeca ainda menino na Serra do Tapuia. A mãe Isabel Maria da Conceição, falecida aos 94 anos, juntava pedaços de madeira e linha de agave para confeccionar a rabeca. As duas únicas cordas eram enceradas com uma resina retirada do Cumaru. O instrumento feito artesanalmente alegrava a vida de João e dos seis irmãos.

João toca de ouvido. Há três anos ganhou uma rabeca de quatro cordas, vinda de São Paulo. A rabeca é guardada com carinho dentro de uma caixa forrada com tecido aveludado. “Lá em casa eram seis irmãos. Todos tocavam. Ninguém entendia como naquela brincadeira de menino a gente conseguia tocar com uma rabeca de tábuas e duas cordas”.

O rabequeiro, assim como seus antecessores, tira o sustento da família de uma pequena roça. João Anjo é agricultor desde que se “entende de gente” como gosta de dizer. Acorda às quatro da madrugada para trabalhar no roçado. Planta feijão, milho, fava e melancia. Vez por outra o cachorro do sítio pega um teju. Comem torrado. “Meu pai trabalhou no roçado até morrer”.

Trabalho árduo e música sempre fizeram parte da vida de João. Os antigos forrós, na zona rural de Santa Cruz, era o lazer preferido na juventude. “Forró mesmo acabou-se. O forró nas Queimadas era com rabeca”. A tradição, no entanto, ainda sobrevive no Sítio Tanquinho. Todo mês de junho, na noite de São Pedro, João Anjo bota sua rabeca para tocar acompanhada de zabumba, triângulo e pandeiro. “Aqui no São Pedro tem um forró da ‘mulesta’, passei a noite tocando. É o trio Anjo”.

O toque da rabeca, instrumento mais rústico que o violino, serviu para difundir a cultura sertaneja nas cantorias em fazendas, sítios e vaquejadas. Santa Cruz teve seu “poeta negro” Fabião Hermenegildo da Rocha, o “Fabião das Queimadas”, ex-escravo, cantador e rabequeiro nascido em 1848 e falecido em 1928. O som da rabeca ainda ecoa pelas mãos de João Anjo ou de tocadores mais famosos como o alagoano Nelson dos Santos e o pernambucano Mestre Salustiano. Em Vaqueiros e Cantadores, Luís da Câmara Cascudo menciona “Fabião das Queimadas”. “Muitos dos velhos cantadores que conheci, já aposentados, vivendo de pequenas roças, sem voz e sem história, guardavam a tradição das rabecas, dos temas tristes, executados antes e depois da cantoria. ‘Fabião das Queimadas’ nunca tocou viola. Usava a rabequinha fanhosa, áspera e primitiva. Assim ouvi seus romances de apartação, as lendas de vacas e bois invencidos nas derrubadas ou os versos satíricos, cantados na solfa do *redondo-sinhá*... passou cerca de

60 anos de dedicação ao Boi-de-reis



Antônio Rodrigues da Silva, 79 anos, o mestre “Antônio da Ladeira”, é reverenciado por todos em Santa Cruz. O respeito veio com o tempo. Já são 60 anos dedicados ao Boi-de-reis. A disposição em manter viva a tradição continua intacta. “Antônio da Ladeira” ensinou os quatro filhos a brincar no boi e já vê os netos mostrando interesse em aprender a dança folclórica. “Antônio da Ladeira né nome não, isso foi apelido que botaram em mim. Meu pai de criação, Manoelzinho, morava numa ladeira”.

O folclorista não admite falta de respeito com a tradição do Boi-de-reis e explica que nem sempre foi fácil sair pelas ruas alegrando as crianças. “Antônio da Ladeira” conta do dia em que desafiou o delegado de Campo Redondo. “Foi há uns trinta anos. O delegado de Campo Redondo, tão corno que já morreu, falou – ‘pra brincar hoje aqui tem que ter trinta contos’. Disse que o capitão de Santa Cruz havia autorizado. Depois, o delegado deixou. Resolvemos brincar, mas ninguém podia nem se mexer com o povo em cima. Então, avisei, pode jogar a rasteira, meter a madeira e colocar abaixo. No final, fui até o delegado e disse para

ele: você que é delegado não teve moral para nós brincar, mas eu abri, e não tem quem feche”.

Antônio da Ladeira mostra a coragem do homem sertanejo em passar por cima das dificuldades. “Naquele dia estava disposto a tudo. O cabra tem que ser quente, ou respeita ou vai pra jucá”, salienta, mostrando em seguida um cacete, feito por ele mesmo, com madeira de jucá. A disposição em fazer apresentações, mesmo contra a vontade de alguns, nunca terminou. “Brinquei noite de ano e, por dinheiro, vou até para o Sul”.

*Se nosso boi morrer,
O que será de mim?
Vou mandar ver outro lá no Bom Jardim.
Se meu boi viver,
Boto na escola
Pra aprender a ler
E tocar viola.*

Cantarolando versos em homenagem ao garrote Santa Rita, nome dado ao boi de seu grupo de reisado, o mestre lembra do início na década de 30 quando aprendeu a brincar com Camilo Duro. “Antigamente se respeitava mais. Lembro de São Vicente, terra de gente de respeito e de vergonha. Fiz um círculo em frente ao mercado e disse que queria daquele tamanho. Ninguém atrapalhou. Foi uma beleza”.

“Antônio da Ladeira” fala com orgulho da família, quase toda envolvida nas apresentações do Boi-de-reis. “Ensinei aos meus quatro filhos. José Letácio é o mestre. Não prometo que não vai se acabar, mas enquanto eu for vivo mantenho”. O neto José Edvan Barbosa da Silva, 8 anos, estudante da 3ª série da Escola Estadual João Ferreira, também já participa. “Sou a dama, meu irmão é a outra dama”.

O Boi-de-reis de Antônio da Ladeira “é de Oriente” como o próprio mestre define. O grupo santacruzense preserva as características originais do folguedo. A chegada dos sábios reis do oriente para celebrar o nascimento do menino Jesus é festejada com cantorias, danças e ênfase na interpretação do personagem Mateus, feita pelo próprio Antônio. A morte e ressurreição do garrote Santa Rita é encenada com a participação dos personagens cômicos Birico e Catirina. Tudo conforme a tradição.



Ode ao Mestre Antônio da Ladeira

CANTO DE CHEGADA

*Levanta Antônio da Ladeira
O povo na rua te espera
Bandeiras tremulam na terra
Saudando o Boi do Sertão
Com Mateus e Catirina
Vai cumprir a tua sina
De alegrar esse povão*

*Ê Boi Calemba
Ê Boi Tradição
Ê Boi Calemba
Estrela do meu sertão*

*Quando é tempo de São João
Começa a brincadeira
O Paraíso se enfeita
De fita, cor e bandeira
Para assistir com orgulho
O mestre Antônio Ladeira*

*Ê Boi Calemba
Ê Boi Tradição
Ê Boi Calemba
Estrela do meu Sertão*

*Passa seca, passa inverno
Passa dor e agonia
Passa ano, passa mês
Passa semana e dia
Também passa o Boi Calemba
Sua história e sua lenda
Sua cor e alegria*

*Um homem simples do povo
Devoto adorante de Deus
Brincando com sua idade
Nem viu que o tempo correu
Pois tava sempre ocupado
Vestido e fantasiado
No velho e novo Mateus*

*Criação coletiva de Júnior Santos, Messias Domingos,
Ricardo Barbosa, Nilson Silva e Emissandra Helena.*

José Edvan Barbosa, neto de "Antônio de Ladeira"

"Não temos um plano, temos um sonho"



A Arte Viva não é um grupo de teatro de rua qualquer. A companhia teatral, criada em 1989, comanda no Centro de Produção Cultural Mestre Antônio da Ladeira, galpão instalado no bairro do Paraíso, um trabalho que vai muito além dos cortejos pelas ruas de Santa Cruz.

Os oito componentes organizam oficinas de papel reciclado, programas de rádio infantil, oficinas de teatro e várias encenações pelas ruas e escolas de Santa Cruz. Finalista do Prêmio Educação e Participação do Itaú e Unicef, em 1997, a companhia pretende erguer um circo para funcionar como escola de artes e teatro.

"Não temos um plano, temos um sonho", salienta Messias Domingos, 35 anos, artista formado com o ensinamento que vem do contato com o povo nas ruas. "Santa Cruz não tem um espaço adequado para teatro de rua". As apresentações da Arte Viva acontecem nas comunidades do Cruzeiro e Alto do Gastão. "Billy de Kid do Sertão Nós", encenação contando a história de dois jovens que "correm trecho", fala do coronelismo utilizando bonecos mamulengos e Boi-de-reis.

Já foram montadas dez apresentações. "O pulmão e o drama dramalhão", diálogo entre um fumante e um pulmão, é um exemplo do compromisso do grupo em educar os jovens da comunidade. A Companhia Arte Viva prepara ainda a história do bairro Paraíso. "Já contaram muitas histórias de Santa Cruz e fala-se pouco do Paraíso, berço de muitos artistas". O mapeamento artístico e registro histórico cultural do Paraíso, iniciado em parceria com o conselho dos moradores do bairro, irá registrar as casas antigas, personalidades e fatos históricos do lugar.

O mestre "Antônio da Ladeira" também não pode ser esquecido e a Arte Viva sabe disso melhor do que ninguém em Santa Cruz. Todo dia 13 de dezembro o grupo sai em cortejo comemorando o aniversário de Antônio da Ladeira. "É a Ode a Antônio da Ladeira. Começa às 18 horas e vai até às seis da manhã do outro dia".

O ano guarda novos planos para a companhia. A Arte Viva irá percorrer oito municípios do Trairi, no projeto Mambembe de Teatro. "Iremos visitar os PETIS (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) ministrando oficinas de teatro e montando espetáculos com 25 participantes da comunidade em cada local".

Como se não bastasse tanto empenho no teatro, os oito artistas do Arte Viva têm ainda a sensibilidade de transformar quengas de coco, garrafas plásticas e papel reciclado em artesanato. O trabalho exemplar já rendeu o surgimento de novas companhias de teatro de rua e artes. Os grupos Arte Nós e Filhos da Rua, compostos por ex-alunos das oficinas ministradas pela Arte Viva, já tomam conta das ruas de Santa Cruz. Alegando e educando.



Foto: Teotônio Roque

Na pedra, a cultura nordestina



Conhecer a arte de Lúcio Lustosa, 52 anos, natalense radicado em Santa Cruz desde 1984, é comprovar que a habilidade manual do homem não tem limites. Lustosa esculpe em pedra sabão há 35 anos. Pelas suas mãos nascem figuras de todas as formas e tamanhos. Desde um pequeno golfinho até cavalos imponentes.

O artesão estudou na antiga Escola Técnica de Comércio, no bairro da Ribeira, em Natal, e desenha desde os oito anos. "Iniciei o artesanato em pedra sabão dentro do projeto Trairi tem futuro. Fui o pioneiro". A matéria prima vem de Lajes Pintadas, Lajes do Cabugi e São Vicente. A cultura nordestina exemplificada pelas feiras livres, sanfoneiros, vaquejadas e danças folclóricas é o tema mais retratado nas esculturas e murais do artista. "Pesquisei a cultura nordestina para reproduzir no meu

trabalho. Gosto de retratar as expressões naturais do povo".

O ciclo do algodão em Santa Cruz, no início do século XX, é o tema mais novo a ser explorado pelo artesão. "Estou preparando uma escultura de uma moça fazendo a colheita do algodão". Outras especialidades do escultor são as talhas em madeira e móveis rústicos feitos com galhos.

A arte de Lúcio Lustosa está saindo do seu atelier, montado na própria casa na rua Nossa Senhora da Apresentação, para ganhar o mundo. O escultor já recebeu encomendas dos Estados Unidos, Alemanha e Irlanda do Norte. Pelé e o cantor Daniel estão entre as personalidades que possuem obras de sua autoria. O próximo passo tem sido desenvolver artigos para exportação. Criatividade não falta. A nova técnica da madeira revestida com pó da pedra sabão tem possibilitado a criação de peças ricas em detalhes e menos pesadas.

A pirogravura, técnica de desenho com caneta incandescente sobre vaqueta de couro de boi coberta com eucatex, também é feita com maestria por Lúcio Lustosa. A parede de sua oficina mostra toda a riqueza de detalhes de um painel de mais de um metro por oitenta centímetros de largura retratando o arrastão de uma rede de pesca. Trabalhos como o exposto no seu local de trabalho levam até 25 dias para ser feitos e são vendidos por mil e duzentos reais.

"Nunca vi um artesão abastado. Meu sonho é criar uma instituição para repassar meus conhecimentos". Enquanto o sonho não vira realidade, Lúcio vai acompanhando os primeiros desenhos feitos pela filha Hellen Brígida Lustosa, 10 anos. "Ela está só começando. Quero deixar o ensinamento como herança".



Quadrinhos abordam o cangaço

"Nos bons quadrinhos (assim como na boa arte, na boa literatura, no bom cinema, claro) é possível imaginar o sonho". (Moacyr Cirne).

José Jalmir Bezerra, 26 anos, vive no mundo dos sonhos. Desde os 14 anos, quando começou a desenhar profissionalmente, dedica sua vida a criar histórias em quadrinhos. O cômico, o erótico e o discurso político estão presentes no seu trabalho.

O universo do quadrinista é habitado por dois personagens criados por ele. "Cara de China", "o chinezinho do Nordeste" e "Cachaça", "uma figura cômica". Os quadrinhos eróticos, "mais fáceis de vender", também ganham forma pelas mãos hábeis de Jalmir. O fanzine Trairy HQ, "enfocando a questão do cangaço", e a "Impacto Quadrinhos Potiguaras" são publicações desenvolvidas por ele em busca de apoio para circular.

"Sou artista nato. Aprendi só na prática. Tomei o caminho certo através do jornal Memorial Santacruzense". O quadrinista não nega a vontade de mostrar seu talento em cidades maiores. O sonho de morar em Natal vem sendo adiado. "Tenho feito outdoors, letreiros e faixas. Não é o que eu gosto, é pela questão financeira".

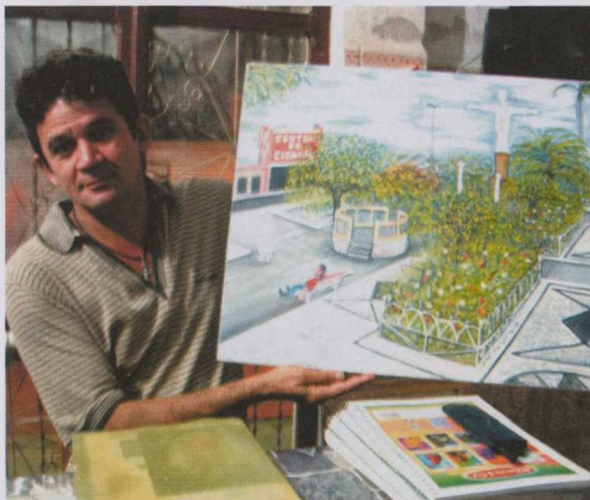
Jalmir também faz pinturas em telhas e quadros com as paisagens típicas da região do Trairi. "Quadrinhos tomam muito tempo e o retorno comercial é demorado. Quero focar mais as artes plásticas", salienta, mas sem esconder o desejo de ver seus trabalhos em quadrinhos publicados por uma grande editora.

A "Impacto quadrinhos potiguaras" chegou a circular, mas a falta de patrocinadores tirou a revista das ruas. "Contei com a colaboração de Edmar Viana, Emanuel Amaral e outros. Já apresentei projetos para jornais de Natal, mas não tive retorno".

A criação dos quadrinhos é um trabalho minucioso. Jalmir senta na sua prancheta e faz um esboço com grafite. Depois de escrever o texto, faz alguns retoques e dá o acabamento com nanquim. O detalhismo do artista impressiona. Os rostos dos cangaceiros ganham expressões naturais, as paisagens do sertão são realistas como se fossem fotografias e o diálogo dos personagens reproduz a fala do povo.

Enquanto os desenhos dão prazer ao artista, as pinturas em telhas, quadros, faixas e letreiros são feitas por encomenda. Jalmir sonha em ver chegar o dia em que possa somente fazer histórias em quadrinhos.

José sonha com o livro dos records



José Alves dos Santos, 44 anos, vice-presidente da ASPE, é artista em múltiplas formas. Pinta quadros, escreve poemas, toca violão e teclado, e canta.

“Aos 10 anos eu usava a capa de meus cadernos para fazer desenhos. Os professores percebiam minha habilidade e com o passar do tempo fui solicitado a fazer murais”. José Alves também coleciona frases e pensamentos num caderno escolar e planeja entrar para o livro dos records. “Desde 1979 escrevo frases e pensamentos. Já tenho 9.300 frases. Quero ir para o Guinness”.

O pintor, poeta, músico, cantor e compositor, natural de Currais Novos, veio morar em Santa Cruz aos seis anos e já se aventurou em São Paulo de 1983 a 87. Começou a vender quadros na feira de arte e artesanato da Praça da República, em São Paulo. “Comecei com Impressionismo. Hoje faço mais a técnica *naif*, desenho que pode ser enxergado bem tanto de perto como de longe”.

O artista desenvolveu a habilidade que o acompanha desde a infância na Associação Paulista de Belas Artes. Já de volta a sua terra, o pintor teve oportunidade de expor na Aliança Francesa, em 1998. Mesmo tendo estudado artes plásticas, José Alves salienta a necessidade de ser autodidata. “Cabe ao artista desenvolver-se praticamente sozinho. Faltam boas escolas e bons professores”.

As paisagens do sertão e o litoral de Natal são temas frequentes nas suas pinturas.

O trabalho como músico já rendeu quatro CDs inéditos com composições próprias de forró, samba e rock. “Vai chegar um dia em que não vou conseguir viver de pintura”. Seja qual for a arte do momento, José Alves estará pronto para colocá-la em prática.

Educação através da música

A musicalidade também está presente nas ruas de Santa Cruz. A Filarmônica João Roberto Paz e União, homenagem ao primeiro mestre de banda do município, segue a tradição iniciada em 1956 pela banda de música de Teodorico Bezerra.

O maestro Felinto Lúcio Dantas, ícone da música potiguar, falecido em 1986, compôs o dobrado “11 de Dezembro” em homenagem ao aniversário de Santa Cruz. “Os dobrados de Felinto Lúcio, “11 de dezembro” e “Estréia”, estão entre as composições mais executadas pela banda”, menciona o regente Camilo Henrique Dantas Soares, 22 anos.



A banda, comandada por um dos mais jovens regentes potiguares, pertence à Associação Comunitária de Desenvolvimento do Trairi. Carlos Henrique é regente desde a festa da padroeira, em 13 de maio de 2003. “Falta intercâmbio cultural. Alguns nem sabem que Santa Cruz tem banda”.

O antigo regente, José Deusdete de Araújo, 62 anos, foi mestre da Banda Musical Santacruzense, de 1976 a 88. Entre 1997 e 2003 comandou a Filarmônica Paz e União. “Comecei em 1956 na banda fundada por Teodorico Bezerra. Aquela banda, regida pelo mestre Oscar, durou só três anos”.

O regente Carlos Henrique aprendeu música através dos ensinamentos de Deusdete. A vida de músico começou no projeto “Cidadão do Amanhã”, em 1996, quando era aluno de Deusdete nas lições de teoria musical. “Meu estilo é inovador. Tento trazer umas coisas mais novas, mas sem esquecer Felinto Lúcio e Tonheca Dantas”.

O aprendizado já serviu para Carlos Henrique montar composições próprias. O dobrado “Oscar Dantas”, executado com frequência no repertório da filarmônica, é de sua autoria. “Já tenho mais de dez composições”. A Filarmônica também desenvolve um trabalho de educação através da música. A escola conta com onze alunos estudando teoria musical. Outros jovens regentes estão por vir. 📖

Hilda Hilst

1931 - 2004



Poemas aos homens do nosso tempo

Amada vida, minha morte demora.

Dizer que coisa ao homem,

Propor que viagem? Reis, ministros

E todos vós, políticos,

Que palavra além de ouro e treva

Fica em vossos ouvidos?

Além de vossa RAPACIDADE

O que sabeis

Da alma dos homens?

Ouro, conquista, lucro, logro

E os nossos ossos

E o sangue das gentes

E a vida dos homens

Entre os vossos dentes.

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.

Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.

Dirás que sangue é o não teres teu ouro

E o poeta te diz: compra o teu tempo.

Contempla o teu viver que corre, escuta

O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.

Enquanto faço o verso, tu que não me lês

Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.

O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:

“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas”.

Irmão do meu momento: quando eu morrer

Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:

MORRE O AMOR DE UM POETA.

E isso é tanto, que o teu ouro não compra,

E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto

Não cabe no meu canto.

PS.



▶▶▶▶ Nem sempre é a edição pensada ou planejada - com uma certa antecedência - que chega às mãos do leitor. Pelas mais variadas razões. Isso vale para qualquer veículo de comunicação, seja ele qual for e tenha a periodicidade que tiver. Por isso, não são poucas às vezes em que um texto previsto para ser publicado fica de fora. Alguns autores ficam chateados. Pensam logo que é censura, "panelinha", que o próprio texto é ruim, isso e aquilo. Quando as razões são técnicas, editoriais. Até agora, temos tentado evitar editar textos de colaboradores que já publicaram alguma vez, que é para dar oportunidade a quem ainda não publicou. Mas, como a revista é trimestral e tem um número limitado de páginas, a demora na publicação é inevitável. É importante essa satisfação, porque o êxito - se houver algum - da Preá também se deve aos colaboradores. E eles têm feito de tudo para ajudar, muitas vezes gastando dinheiro do próprio bolso, com Internet, fotos, disquetes, CDs, ilustrações, emprestando livros para ilustrarmos textos... Portanto, aos colaboradores, paciência e toda a minha gratidão. Em frente!

▶▶▶▶ "Eu sonhava dançando o Boi-de-reis". Do mestre Manoel Marinheiro (1931-2004), na entrevista que deu a Preá nº 1, sobre os anos em que foi forçado a deixar de dançar.

▶▶▶▶ Bons filmes, quase todos disponíveis nas locadoras: "Baran", "A Humanidade", "Gangues de Nova Iorque", "Janela da Alma", "Madame Satã", "As Horas", "Tabu", "O Pianista", "As Novas Roupas do Imperador", "Sobre Meninos e Lobos", "A Última Noite", "O Homem sem Passado", "Narradores de Javé", "O homem do Ano",

"Amor e Morte", "As Invasões Bárbaras".

▶▶▶▶ Fazia muito tempo que não lia um livro de contos tão bom quanto "Insolação", do russo Ivan Bunin - 1870 - 1953 (Nobel de Literatura, em 1933). O livro apresenta 25 histórias de diferentes fases da produção literária do escritor. Bunin é excelente nas histórias curtas, de uma página, como "O romance do corcunda" e nas longas como em "O cavaleiro de San Francisco".

▶▶▶▶ "A ditadura derrotada", terceiro volume da série de livros sobre a ditadura militar de 64, de Elio Gaspari, é menos empolgante do que os dois anteriores, embora também importante para se compreender um pouco mais aquela quadra sinistra da história brasileira.

▶▶▶▶ Gostei de quase todas as "Cartas do pai: de Alceu Amoroso Lima para sua filha madre Maria Teresa". O livro reúne mais de 30 anos de correspondência de Alceu Amoroso Lima (1893-1983) endereçada à sua terceira filha, que ingressaria no Mosteiro de Santa Maria (SP), em 1951.

▶▶▶▶ Blogues comandados pelo poeta Moacyr Cirne e que merecem ser conferidos: www.balaiovermelho.blogspot.com.br, www.poema-processo.blogspot.com.br, www.poema-processo67.blogspot.com.br

▶▶▶▶ A poetisa potiguar Iracema Macedo lançará no início do segundo semestre o seu novo livro de poemas "Invenção de Eurídice", que ganhou menção honrosa no "Prêmio Nacional da cidade de Juiz de Fora". Iracema, autora de "Lance de Dardos", é considerada uma das melhores poetisas do Rio Grande do Norte.

▶▶▶▶ O Sebo Vermelho reeditou em março o livro de poemas "O Romance da Cidade de Natal", de Nei Leandro de Castro. E até o meio do ano a A S Livros lançará o romance "Dunas Vermelhas", o primeiro de Nei depois do cultuado "Pelejas de Ojuara".

▶▶▶▶ Não consegui ir além da página 50 de "Budapeste", terceiro romance de Chico Buarque, embora a crítica nacional tenha feito rasgados elogios à obra. Leiam e tirem suas próprias conclusões.

▶▶▶▶ 14 anos depois de "Cara a Cara", o poeta Volonté lançará - até o meio do ano - "Proemas ou o caminho das últimas estrelas", seu terceiro livro de poesias, que reúne 32 poemas inéditos.

Até a próxima!

Nei Leandro de Castro



A IMPRESSÃO QUE FICA.



O ano de 2003 valeu pra muita gente. Não foi um ano fácil, mas valeu para o Rio Grande do Norte. Apesar de ter encontrado um Estado com muitos problemas, o Governo de Todos conseguiu colocar a casa em ordem e permanecer em dia com o cidadão. Em janeiro, o quadro era desanimador: escolas abandonadas, estradas intransitáveis, hospitais despreparados, desvios de verba no Programa do Leite, estrutura policial sucateada, desequilíbrios no orçamento... Mas o Governo de Todos superou tudo isso, viabilizando idéias, agindo com transparência, ouvindo a população e trabalhando pra valer. O resultado você já deve conhecer: milhares de jovens conseguiram seu primeiro emprego, os índices de segurança melhoraram, a malha viária foi ampliada e quase toda recuperada, diversos setores da economia receberam incentivos fiscais e voltaram a crescer, muitas famílias da zona rural ganharam terra, moradia e novas alternativas de renda, obras importantes para o desenvolvimento do Estado foram reativadas ou iniciadas, hospitais e escolas receberam melhorias em todas as regiões. É por essas e outras razões que o trabalho do Governo de Todos fez de 2003 um ano que valeu. E que ainda está valendo para que o Rio Grande do Norte entre em 2004 com muito mais tranquilidade e fé no futuro.



2003. UM ANO QUE VALEU!